

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Com PAULO CORDEIRO AZEREDO

**A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO AFGANISTÃO
DURANTE AS INTERVENÇÕES MILITARES DA UNIÃO SOVIÉTICA E DOS
ESTADOS UNIDOS**



Rio de Janeiro

2023

Maj Com PAULO CORDEIRO **AZEREDO**

A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO AFGANISTÃO DURANTE
AS INTERVENÇÕES MILITARES DA UNIÃO SOVIÉTICA E DOS ESTADOS
UNIDOS

Texto apresentado como Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares do Instituto Meira Mattos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Rio de Janeiro

2023

A993r Azeredo, Paulo Cordeiro.

A reestruturação das forças armadas do Afeganistão durante as intervenções militares da União Soviética e dos Estados Unidos. / Paulo Cordeiro Azeredo. —2023.

101 f. : il. ; 30 cm

Orientação: Paulo Gilberto Fagundes Visentini
Dissertação (Mestrado em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023.
Bibliografia: f. 96-101

1. Afeganistão 2. Intervenções 3. URSS 4. EUA 5. Comparação 6. Forças Armadas.. I. Título.

CDD 355.4

PAULO CORDEIRO AZEREDO

A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO AFGANISTÃO DURANTE AS INTERVENÇÕES MILITARES DA UNIÃO SOVIÉTICA E DOS ESTADOS UNIDOS

Dissertação apresentada à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares.

Aprovada em 08 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



PAULO GILBERTO FAGUNDES VISENTINI – Prof Dr – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

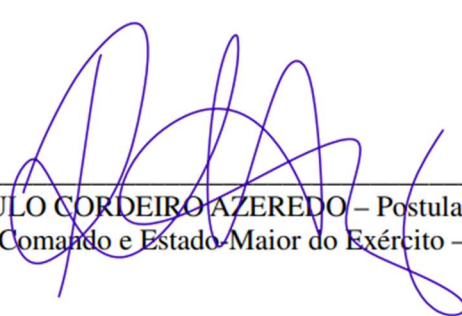
Documento assinado digitalmente
gov.br ANALUCIA DANILEVICZ PEREIRA
Data: 11/12/2023 19:54:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ANALÚCIA DANILEVICZ PEREIRA – Profª Drª – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

Documento assinado digitalmente
gov.br GUILHERME PAIVA STAMM THUDIUM
Data: 11/12/2023 14:52:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

GUILHERME PAIVA STAMM THUDIUM – Prof Dr – Membro
Universidade de Brasília – UnB

Ciente _____



PAULO CORDEIRO AZEREDO – Postulante
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

A Deus, autor da minha vida, a minha esposa Cintia, pelo incondicional apoio e suporte durante todas minhas pesquisas e atividades, e aos meus filhos, Pedro e Sofia, que tanto me alegram e me ensinam.

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Militares/Instituto Meira Mattos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, pelo apoio e empenho, sempre buscando atender a todas as demandas apresentadas.

Ao meu orientador, pela sabedoria e clareza com que me orientou nesse processo.

Aos professores do programa, pelo apoio ao meu aprendizado e à minha pesquisa.

Aos amigos, civis e militares, que se propuseram a me apoiar e auxiliar em todos os momentos.

“Nós podemos ajudar a treinar um exército, nós podemos ajudar a equipar um exército, nós podemos ajudar a construir instalações do exército, mas somente o povo afegão pode dar uma alma a ele” (Lt Gen do US Army Karl Eikenberry, Comandante das Forças Combinadas do Afeganistão, de 2005 a 2007).

RESUMO

O Afeganistão é um país fechado, economicamente atrasado e com uma população composta de diversas etnias. Por diversos motivos, foi palco de interesse de muitas potências mundiais, tornando-se conhecido como “Cemitério de Impérios”. O país centro-asiático foi ocupado pela então URSS em 1979, quando os soviéticos tentaram, sem sucesso, apoiar a manutenção de um regime comunista no país, vindo a enfrentar uma forte resistência que levou a retirada do Exército Vermelho em 1989. Em 2001, no contexto da Guerra ao Terror promovida pelo Governo Bush, ocorreu a intervenção dos EUA no Afeganistão, com o apoio de outros países integrantes da OTAN, com objetivo de derrubar o governo do Talibã e destruir a organização terrorista Al-Qaeda. Após quase 20 anos de intervenção, ocorreu a retirada das tropas norte-americanas, depois de enfrentar uma forte resistência do Talibã, que veio a reassumir o controle do país. A análise dessas intervenções com foco na reestruturação das Forças Armadas afegãs traz importantes ensinamentos para a arte da guerra e para futuras operações de paz, tendo em vista que essas forças eram vitais para a estabilidade do país e receberam grande suporte de duas grandes potências militares mundiais. Dessa forma, esse trabalho comparou a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão durante as intervenções soviética e norte-americana, a fim de melhor entender os motivos militares do fracasso de ambas as invasões. Para isso, utilizou como elementos de comparação os fatores determinantes das capacidades: Doutrina, Organização, Adestramento, Material e Equipamento, Educação, Pessoal e Infraestrutura. Verificou-se como o fator pessoal foi determinante para o fracasso dessas reestruturações.

Palavras-chave: Afeganistão, intervenções, URSS, EUA, comparação, Forças Armadas.

ABSTRACT

Afghanistan is a locked country, economically backward and with a population composed of diverse ethnicities. For various reasons, it was the scene of interest of many world powers, becoming known as the "Cemetery of Empires". The Central Asian country was occupied by the USSR in 1979, when the Soviets tried, without success, to structure a socialist government in the country, facing strong resistance that led to the withdrawal of the Red Army in 1989. In 2001, in the context of the War on Terror promoted by the Bush Administration, the US invasion of Afghanistan took place, with the support of other NATO member countries. After almost 20 years of intervention, US troops were withdrawn, which faced strong resistance from the Taliban, who retook the control of the country. The analysis of these interventions with a focus on the restructuring of the Afghan Armed Forces brings important lessons to the art of war and for future peace operations, considering that these forces were vital to the stability of the country and received great support from two great world military powers. Therefore, this work compared the restructuring of the Afghan Armed Forces during the Soviet and North American interventions, in order to better understand the military reasons for the failure of both invasions. To do this, it used as elements of comparison the determining factors of capabilities: Doctrine, Organization, Training, Material and Equipment, Education, Personnel and Infrastructure. It was verified how the personal factor was decisive for the failure of these restructurings.

Keywords: Afghanistan, interventions, USSR, USA, comparison, Armed Forces

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 - Elementos de comparação.....	19
Figura 2 - Capacidade como função dos seus componentes.....	22
Figura 3 - Fatores determinantes das capacidades.....	23
Figura 4 - Distribuição de grupos étnicos	26
Figura 5 - Invasão soviética.....	35
Figura 6 - Organização territorial do 40º Exército Vermelho, do Exército afegão e dos mujahidin durante a intervenção soviética (região oeste do país).....	44
Figura 7 - Organização territorial do 40º Exército Vermelho, do Exército afegão e dos mujahidin durante a intervenção soviética (região leste do país).....	45
Tabela 1 - Investimentos e efetivo de militares dos EUA no Afeganistão de 2002 a 2021	67
Tabela 2 - Ataques iniciados pela insurgência (2002-2020)	67
Figura 8 - Missão <i>Resolute Support</i> no Afeganistão	68
Figura 9 - Comandos Militares do Exército Nacional do Afeganistão em 2005	72
Tabela 3 - Casualidades no Exército Nacional do Afeganistão.....	85
Quadro 1 - Comparação entre a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão durante as intervenções soviética e norte-americana	87

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ALP – Polícia Local do Afeganistão

AMF – Forças Militares Afegãs

ANA – Exército Nacional do Afeganistão

ANP – Polícia Nacional do Afeganistão

ARSIC - Comando de Integração de Segurança Regional do Afeganistão

CIA – Agência de Inteligência Central

DMT – Doutrina Militar Terrestre

END – Estratégia Nacional de Defesa

EUA – Estados Unidos da América

IED – Dispositivos Eletrônicos Improvisados

ISAF – Força Internacional de Assistência à Segurança

KhAD/WAD – Agência de Informações do Estado do Afeganistão/ Ministério de Segurança do Estado

MD – Ministério da Defesa

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado Atlântico-Norte

PBC – Planejamento Baseado em Capacidades

PDPA – Partido Democrático do Povo do Afeganistão

TTCP – *Technical Cooperation Program*

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PLANEJAMENTO BASEADO EM CAPACIDADES E SEUS FATORES	
DETERMINANTES	20
2.1 PLANEJAMENTO BASEADO EM CAPACIDADES	20
2.2 FATORES DETERMINANTES DAS CAPACIDADES.....	21
3 AFEGANISTÃO	25
3.1 CONTEXTO DO AFEGANISTÃO	25
3.2 AS FORÇAS ARMADAS DO AFEGANISTÃO ATÉ 1979	31
4 INTERVENÇÃO SOVIÉTICA NO AFEGANISTÃO	35
4.1 INÍCIO DA INTERVENÇÃO E SUA REPERCUSSÃO	35
4.2 SUSTENTAÇÃO DO NOVO GOVERNO: REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO AFEGANISTÃO	38
4.2.1 Doutrina	38
4.2.2 Organização	40
4.2.3 Adestramento	46
4.2.4 Material e equipamento	48
4.2.5 Educação	50
4.2.6 Pessoal	50
4.2.7 Infraestrutura	53
4.3 RETIRADA SOVIÉTICA E SEUS REFLEXOS.....	54
5 INTERVENÇÃO NORTE-AMERICANA NO AFEGANISTÃO	58
5.1 ANTECEDENTES DA INTERVENÇÃO E SUAS REPERCUSSÕES	58
5.2 GUERRA AO TERROR NO AFEGANISTÃO	61
5.3 SUSTENTAÇÃO DO NOVO GOVERNO AFEGÃO	63
5.4 REESTRUTURAÇÃO DAS FOR EXÉRCITO NACIONAL DO AFEGANISTÃO E COMPARAÇÃO COM O MODELO SOVIÉTICO	69
5.2.1 Doutrina	69
5.2.2 Organização	71
5.2.3 Adestramento	74
5.2.4 Material e equipamento	77
5.2.5 Educação	79
5.2.6 Pessoal	81

5.2.7 Infraestrutura	86
5.5 QUADRO DE COMPARAÇÃO ENTRE A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO AFGANISTÃO DURANTE AS INTERVENÇÕES SOVIÉTICA E NORTE-AMERICANA	86
5.6 POR QUE AS FORÇAS ARMADAS AFGÃS NÃO RESISTIRAM?	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

1. INTRODUÇÃO

Em 30 de agosto de 2021 encerrou-se a Operação *Freedom's Sentinel* no Afeganistão, uma operação conduzida pelas Forças Armadas dos Estados Unidos da América (EUA), cujo término significou a retirada dos militares norte-americanos daquele país após quase 20 anos de intervenção (KATZENBERG E SCHMITT, 2021).

A intervenção norte-americana no Afeganistão teve o apoio dos países da Organização do Tratado Atlântico-Norte (OTAN), após os EUA invocarem o artigo 5º do Tratado de Washington, com o objetivo de confrontar a al-Qaeda e aqueles que atacaram os EUA no 11 de Setembro de 2001, e não permitir que o Afeganistão fosse um local seguro para terroristas (OTAN, 2021). O fracasso da operação permitiu o rápido controle militar do Afeganistão pelo Talibã, quando se acreditava que as Forças Armadas e de segurança do país pudessem resistir por mais tempo (SÁNCHEZ-VALLEJO, 2021).

A retirada dos EUA e seus aliados reforçou a fama de “Cemitério de Impérios” do Afeganistão, dado o histórico de fracasso de intervenção de outros países na região, como o ocorreu com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1989. Quando invadiu o Afeganistão em 1979, a URSS tinha o objetivo de impedir a desintegração do governo de orientação Marxista-Leninista, neutralizando as forças de resistência do país (RUBIN, 1989). O fracasso da intervenção trouxe graves consequências para a URSS, sendo para muitos pesquisadores umas das principais causas do desmantelamento soviético. Isso porque a derrota do Exército Vermelho mostrou as deficiências desse exército e motivou que outras repúblicas buscassem sua independência (REUVENY e PRAKASH, 1999).

A retirada da URSS e dos EUA do Afeganistão denota o desafio de se realizar uma intervenção militar naquele país, um país tribal, religioso e tradicional, que sempre lutou contra invasões estrangeiras (HILALI, 2007). Durante a intervenção soviética no Afeganistão, a URSS era uma das duas superpotências mundiais que mantinham a ordem internacional da Guerra Fria, enquanto durante a intervenção norte-americana, os EUA eram o país mais poderoso do mundo (MEARSHEIMER, 2019). Ambos os países possuíam, portanto, os meios militares mais avançados na época para tentar neutralizar as forças insurgentes e recompor uma estrutura militar necessária para defesa e segurança do país.

Dessa forma, um elemento importante a ser analisado durante essas invasões são as Forças Armadas do Afeganistão, em especial o seu Exército Nacional. Isso porque as forças militares do país eram vitais para a estabilização do país, contribuindo para a consecução dos objetivos dos países interventores.

A importância das forças militares para a formação e consolidação do Estado já era defendida por Maquiavel cerca de 500 anos atrás. No livro *A Arte da Guerra* (MAQUIAVEL, 2011), esse pensador argumentou que o Estado deveria possuir suas próprias forças militares, no lugar de mercenários, para a sua defesa. Séculos depois, Max Weber defendeu o monopólio do uso da força como um atributo legítimo do Estado Moderno, sem o qual haveria a anarquia. Para isso, o Estado deveria dispor de uma força militar permanente (WEBER, 2010).

Noberto Bobbio, em sua obra *Teoria Geral da Política: a Filosofia Política e as Lições dos Clássicos* (2000), destaca que o poder político se sustenta na posse dos instrumentos pelos quais exerce a força física, sendo o poder coativo no sentido mais estrito. Ressalta, também, a necessidade de haver o monopólio do uso da força para a consumação desse poder. Na mesma obra, tratando dos fins da política, afirma que um fim mínimo dela é a manutenção da ordem pública e a defesa da integridade nacional, a fim de que os outros fins possam ser realizados.

Ao longo dos séculos, o papel das Forças Armadas consolidou-se como um importante instrumento para proporcionar a defesa e estabilidade dos Estados. Nesse sentido, o sucesso das intervenções soviética e dos EUA no Afeganistão dependia da reestruturação das Forças Armadas daquele país, essencial para a manutenção da estabilidade do Afeganistão e do regime apoiado por esses países, mesmo quando os países invasores se retirassem. Entretanto, as Forças Armadas do Afeganistão se desintegraram alguns anos depois da retirada soviética, permitindo que os insurgentes tomassem o país. Ainda mais rápido, o novo governo afegão apoiado pelos EUA caiu tão logo os interventores retiraram-se do país, consoante com o desmantelamento das Forças Armadas do Afeganistão, dando lugar às forças de resistência.

Considerando o fracasso das forças militares do Afeganistão em garantir a estabilidade do país e manutenção dos governos apoiados pelos países interventores, chega-se a seguinte questão: **como foi a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão durante as intervenções militares da URSS e dos EUA?**

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho foi analisar e comparar a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão durante as intervenções militares ocorridas no Afeganistão, no período de 1979 a 1989, pela URSS, e no período de 2001 a 2021, pelos EUA. Como objetivos específicos, foram estudados os conceitos relacionados ao planejamento baseado em capacidade para identificar corretamente os elementos de comparação. Além disso, foi realizado um estudo sobre o contexto histórico e geográfico do Afeganistão a fim de verificar as circunstâncias que propiciaram essas intervenções militares. Em seguida, analisou-se a intervenção soviética no Afeganistão, de 1979 a 1989, e a reestruturação das suas Forças Armadas. Posteriormente, analisou-se também a intervenção norte-americana, de 2001 a 2021, apoiada pelos países membros da OTAN, e a reestruturação das Forças Armadas durante essa intervenção. Por fim, chegou-se a uma comparação da reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão em ambas intervenções, utilizando-se os fatores determinantes das capacidades como elementos de comparação.

Partiu-se da premissa de que a reestruturação das Forças Armadas afegãs, em especial do Exército Nacional, era fundamental para a consolidação dos objetivos da URSS e dos EUA de estabilizar o Afeganistão e manter os governos que apoiavam, sendo que ambos países eram superpotências militares na época da invasão e dispunham de uma gama de meios militares para alcançar esses objetivos. Assim, a análise dessas duas intervenções com foco na reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão e uma posterior comparação, ainda que em épocas diferentes, permitiram evidenciar melhor as razões de insucesso dessas intervenções.

O corrente trabalho teve como critério de delimitação de espaço o Afeganistão e seu entorno e os países que invadiram o país recentemente, URSS e EUA. No caso da invasão norte-americana, tendo em vista o envolvimento de países da OTAN naquela intervenção, foi considerada a participação dos países dessa organização. Em relação ao tempo, a pesquisa focou no período entre 1979 e 1989, período da invasão soviética no Afeganistão, e 2001 e 2021, período da invasão americana. Entretanto, foram analisados, sumariamente, períodos anteriores que influenciaram essas invasões. Em relação ao objeto, foram analisados fatores políticos, militares, sociais, econômicos, entre outros. Contudo, focou-se nos fatores militares,

especialmente nas Forças Armadas do Afeganistão, para fins de comparação, ainda que os demais fatores relacionados tenham relação com estes.

Como justificativa para esse trabalho, tem-se que a retirada dos EUA do Afeganistão, depois de quase 20 anos no país, traz grandes ensinamentos sobre as dificuldades dos norte-americanos naquele tipo de guerra. Os resultados da guerra também trazem questionamentos sobre os objetivos propostos para a invasão e os meios empregados para alcançá-los. De modo semelhante, a invasão da URSS no Afeganistão trouxe ensinamentos valiosos para as Ciências Militares ao considerar-se uma outra grande potência militar, que detinha dos mais modernos meios e recursos militares à época, e que também fracassou para alcançar seus objetivos militares naquele mesmo país.

A experiência vivida no Afeganistão pela URSS e pelos EUA, com os demais membros da OTAN, pode contribuir para que os estudiosos da guerra e, em especial, da guerra irregular, compreendam melhor esse fenômeno, que ocorre de maneiras variadas em outros locais do mundo, sendo um desafio para operações contra forças irregulares, Operações de Paz, combate ao terrorismo e combate ao crime organizado. Ademais, existe a possibilidade de que o próprio Afeganistão permaneça em uma guerra civil e continue abrigando grupos terroristas, tornando-se, futuramente, um possível local para Operações de Paz, o que demandaria mais conhecimentos sobre as intervenções que ocorreram no país. O foco nas Forças Armadas do Afeganistão permite entender os desafios enfrentados para reestruturar esse elemento vital para o sucesso dessas intervenções, ao passo que erros e dificuldades podem ser melhor entendidos.

Destaca-se que não há muitos trabalhos acadêmicos que abordem ambas as intervenções de maneira comparada, com foco na reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão, tendo em vista a recém retirada das tropas norte-americanas do país. Como exemplos de trabalhos sobre o assunto, tem-se o estudo de Baris Ates de 2014, o qual procurou entender os fatores de atrição que impediam a criação de um efetivo e sustentável Exército afegão pela OTAN, comparando com o Iraque e o período soviético no Afeganistão. Entretanto, o trabalho focou nas causas de atrição, como deserção e casualidades. Outro interessante trabalho é o de Olga Olikier, de 2011, que examinou a reestruturação soviética das Forças Armadas afegãs na década de 1980, sugerindo formas de aprimoramento dessas forças a serem implementadas pela

OTAN, mas sem efetivamente realizar uma comparação entre essas reestruturações. Por fim, a pesquisa de Antonio Giustozzi de 2015 apresenta a história política do Exército do Afeganistão desde antes da intervenção soviética, sem, no entanto, realizar comparações sistemáticas entre as intervenções. Além disso, esses trabalhos são restritos ao período de estudo para analisar a intervenção norte-americana, tendo em vista retirada ocorrer apenas em 2021. Ressalta-se que nenhum dos trabalhos anteriores aborda uma análise da reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão tendo como referência os fatores determinantes das capacidades, o que permite uma abordagem atual, por meio de uma metodologia empregada por diversas Forças Armadas do mundo. Com isso, mostra-se o ineditismo deste trabalho para esta escola.

Quanto à metodologia do trabalho, considerando os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, cuja essência, conforme Jonker e Pennink (2010), é identificar as características e estruturas dos fenômenos ou eventos examinados (reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão) nos seus contextos naturais, o que pode gerar uma mini teoria. Foi realizado o estudo de dois casos a fim de compará-los posteriormente. O estudo de caso, conforme Gerring (2007), serve para analisar causas de um determinado fenômeno, generalizável ou não. Dessa forma, o estudo da reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão em cada intervenção permitiu conhecer em profundidade essas reestruturações, permitindo-se identificar melhor as variáveis para posterior comparação.

A comparação de casos também foi utilizada como método de pesquisa, o que, conforme Collier, é uma ferramenta fundamental de análise, pois aumenta a capacidade de descrição e possui um papel central na formação de conceitos, ressaltando semelhanças e contrastes entre os casos. A comparação é usada rotineiramente no teste de hipóteses e pode contribuir para a descoberta indutiva de novas hipóteses e para o desenvolvimento de teorias (COLLIER, 1993). Collier afirma que um objetivo central e legítimo da análise comparativa é examinar explicações rivais. Contudo, Collier ressalta o argumento de Theda Skocpol e Margareth Somers (1980) de que os estudos comparativos deveriam ser entendidos não apenas com um simples objetivo, mas com três objetivos interconectados:

O primeiro é o exame sistemático da covariação entre casos para fins de análise causal. O segundo é o exame de um número de casos com o objetivo de mostrar que um determinado modelo ou conjunto de conceitos explica de maneira apropriada esses casos (...). Esse uso de comparação realiza um importante papel no processo por meio do qual cada

teoria é desenvolvida. O terceiro tipo de comparação é examinar dois ou mais casos para ressaltar quão diferentes eles são, estabelecendo assim uma estrutura para interpretar como os processos paralelos de mudança ocorrem de diferentes maneiras dentro de cada contexto. Esse contraste de contextos é central para o lado mais interpretativo das ciências sociais e reflete ainda outra maneira pela qual a comparação é frequentemente usada (COLLIER, 1993).

Kocka (2003) também defende os méritos da abordagem comparativa. Esse autor aponta os seguintes propósitos e funções da comparação na pesquisa histórica:

Heuristicamente, a abordagem comparativa permite identificar questões e problemas que alguém poderia perder, negligenciar ou simplesmente não propor de outra maneira (...). Descritivamente, comparação histórica ajuda a clarificar os perfis de casos únicos, frequentemente apenas de um caso único, contrastando- o(s) com outros (...). Analiticamente, a abordagem comparativa é indispensável para perguntar e responder questões causais (...). A comparação ajuda a distanciar-se um pouco do caso que melhor conhecemos (KOCKA, 2003).

Assim, verifica-se que a comparação nessa pesquisa ajudou a identificar questões e respostas sobre o fracasso militar das intervenções militares no Afeganistão, ao dar mais clareza sobre esses fatos, ao passo que distancia o pesquisador do caso mais conhecido, o que no presente estudo tende a ser a intervenção norte-americana, por ser mais recente e pelo longo período que durou, dentre outros motivos. Além disso, possibilitou aumentar a capacidade de descrição e ressaltar semelhanças e contrastes entre essas intervenções, considerando cada contexto em questão, o que permite compreender melhor os fatos analisados.

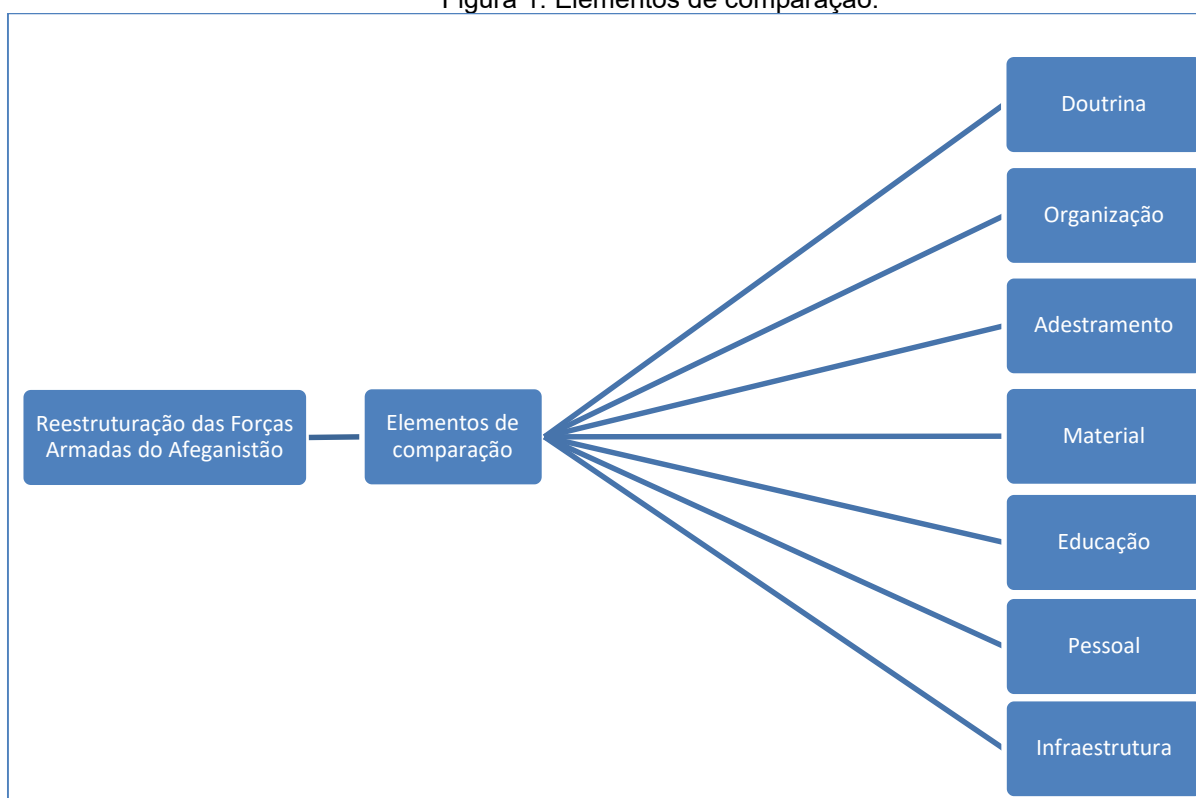
Essa pesquisa em parte foi descritiva, que, conforme Kothari (2004), visa descrever o estado das coisas como existem no momento. Assim, essa pesquisa procurou evidenciar características das invasões ocorridas, estabelecendo correlações entre variáveis e definindo sua natureza. Durante a comparação, a pesquisa buscou ser explicativa (analítica), em que, conforme Kothari (2004), o pesquisador analisa fatos e informações disponíveis para realizar uma avaliação crítica. Nesse sentido, a comparação das invasões ocorridas permitiu uma avaliação crítica das causas de insucesso.

A coleta de dados foi feita por meio de dados secundários, oriundos de pesquisa e leitura de livros, artigos e notícias a respeito do assunto, bem como de dados primários, como relatórios e documentos oficiais de interesse. Para

levantamento de dados sobre as Forças Armadas do Afeganistão, destacam-se o estudo dos trabalhos dos pesquisadores citados anteriormente, principalmente as publicações de Antonio Giustozzi (2003 e 2015) e de Olga Olikier (2011), bem como de Grau e Gress (2002). Para entender melhor o contexto histórico e geográfico do Afeganistão, foram importantes as obras de Rubin (2002), Maley (2002) e Barfield (2010). Além disso, ressalta-se os relatórios do Inspetor Geral Especial para a Reconstrução do Afeganistão (SIGAR), órgão criado pelo Congresso dos EUA para permitir um melhor acompanhamento do recurso investido pelo país no Afeganistão.

Os elementos de comparação foram escolhidos tendo por base os referenciais teóricos da pesquisa, os quais serão explicados no capítulo seguinte. A reestruturação das forças armadas do Afeganistão foi estudada considerando os fatores determinantes de uma capacidade, conforme o Planejamento Baseado por Capacidades. Seguindo referenciais acadêmicos, como o de TALIAFERRO et al, 2019, e referenciais presentes na doutrina militar do Exército Brasileiro. Nesse sentido, chegou-se aos seguintes elementos de comparação: Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura. A figura 1 representa como será a divisão dos elementos de comparação.

Figura 1: Elementos de comparação.



Fonte: o autor.

2. PLANEJAMENTO BASEADO POR CAPACIDADES E SEUS FATORES DETERMINANTES

O presente capítulo destina-se a explicar o Planejamento Baseado por Capacidades (PBC) e os fatores determinantes das capacidades a fim de permitir uma comparação posterior. Nesse sentido, o PBC será o referencial teórico a ser utilizado para a análise do presente estudo e os fatores determinantes das capacidades serão os elementos de comparação.

2.1 PLANEJAMENTO BASEADO POR CAPACIDADES

O PBC surgiu em virtude de paradigmas estabelecidos para lidar com ameaças e desafios no amplo espectro durante a década de 1990, com o surgimento e recrudescimento de forças insurgentes, crimes transnacionais e organizações terroristas, diante da proliferação de armas químicas, biológicas e nucleares, dentre outras. Contudo, tais ameaças não eram percebidas como riscos diretos à soberania dos Estados, o que pressionava os governos a diminuírem o orçamento das forças armadas. Diante dessa situação, os planejadores de força buscaram aprimorar os processos para adequarem as forças armadas aos novos desafios em um ambiente de restrição orçamentária, tornando-as mais flexíveis, robustas, adaptáveis e sustentáveis (TALIAFERRO et al, 2019). Nesse sentido, Davis (2002) traz a seguinte definição:

O Planejamento Baseado por Capacidades é um planejamento sob incerteza, destinado para geração de capacidades para uma variedade de desafios e circunstâncias atuais, considerando uma estrutura econômica existente que exige escolhas.

O PBC tem sido adotado por diversas Forças Armadas do mundo com pequenas variações conceituais. Um guia de planejamento elaborado em 2004 pelo *The Technical Cooperation Program* (TTCP) propôs os principais componentes de um sistema de planejamento baseado por capacidades e apresentou um modelo genérico para sua aplicação para Austrália, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia e Reino Unido, países integrantes do TTCP. Posteriormente, o modelo foi atualizado e aplicado pela OTAN (TAYLOR, 2013).

No Brasil, sua aplicação foi determinada pela Estratégia Nacional de Defesa (END) de 2008, que teve como uma de suas diretrizes a estruturação do potencial

estratégico em torno de capacidades. Essa END ressaltou a necessidade de se organizar as Forças Armadas em torno de capacidades e não em torno de inimigos específicos (BRASIL, 2008). A diretriz da END foi traduzida em documentos do Ministério da Defesa (MD) como a Sistemática de Planejamento Estratégico Militar - MD51-M-01 (BRASIL, 2018), que define e organiza as atividades relacionadas com o preparo e emprego das Forças Armadas para a Defesa, empregando a metodologia do PBC para essa finalidade. Alinhada às diretrizes políticas, estratégicas e operacionais, a Doutrina Militar Terrestre (DMT) de 2022 (EB20-MF-10.102) determina que a Força Terrestre, instrumento de ação do Exército Brasileiro, deve ser organizada, preparada e estruturada com base em capacidades.

Conforme a DMT de 2002:

o Exército Brasileiro adota a geração de forças por meio do planejamento baseado em capacidades (PBC). O desenvolvimento de capacidades é baseado na análise da conjuntura e em cenários prospectivos, com o objetivo de identificar as ameaças concretas e potenciais ao Estado.

Quanto à definição de capacidade, a mesma DMT define da seguinte maneira:

aptidão requerida a uma força ou Organização Militar para cumprir determinada missão ou atividade. Essa aptidão é exercida sob condições e padrões determinados, pela combinação de meios para desempenhar uma gama de tarefas.

Verifica-se, assim, um alinhamento de metodologia de geração de forças do Exército Brasileiro conforme as diretrizes políticas, estratégicas e operacionais, seguindo a tendência de outras Forças Armadas do mundo a partir de 2004.

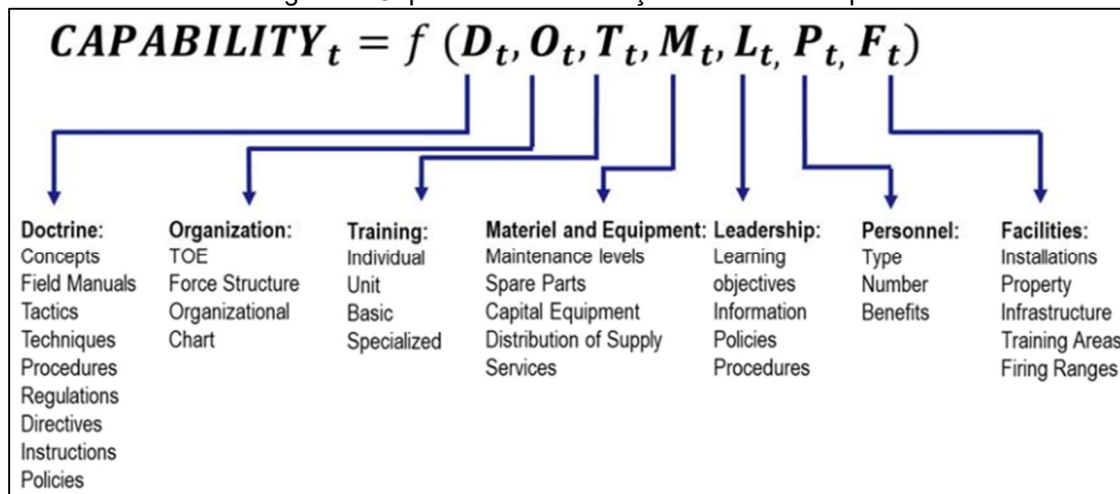
2.2 FATORES DETERMINANTES DAS CAPACIDADES

Os fatores determinantes das capacidades são componentes que, quando integrados, produzem capacidade a um elemento de força do setor de defesa. É uma função de múltiplos componentes. Eles devem ser identificados pelos planejadores a fim de permitir o desenvolvimento da capacidade requerida. Não há uma estrutura única desses fatores para os países que adotam o PBC, de modo que cada Força Armada tem adotado um modelo próprio, conforme a sua realidade (TALIAFERRO et al, 2019)

Para as Forças Armadas dos EUA e para as Forças Armadas da Colômbia, os fatores determinantes de uma capacidade são representados pelo acrônimo

DOTMLPF - Doctrine, Organization, Training, Material e Equipment, Leadership e Education, Personnel e Facilities (TALIAFERRO et al, 2019).

Figura 2: Capacidade como função dos seus componentes



Fonte: TALIAFERRO et al, 2019

O Exército Brasileiro adotou uma estrutura semelhante à apresentada anteriormente, com os fatores Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura – os quais formam o acrônimo DOAMEPI (BRASIL, 2022).

A Doutrina descreve como uma determinada capacidade deve ser usada e quais tarefas podem ser feitas por essa capacidade. É base para os demais fatores, pois fornece princípios fundamentais para o emprego das forças militares. As organizações militares devem possuir uma Base Doutrinária, que descreve suas missões, atividades e tarefas (TALIAFERRO et al, 2019).

Organização refere-se à estruturação dos elementos de uma força armada para cumprir suas missões, sendo a estrutura funcional e espacial dessa força. Equivale à estrutura organizacional da força, com sua hierarquia funcional, subordinação de unidades e fluxo de processos (TALIAFERRO et al, 2019).

Adestramento envolve as atividades de preparo, incluindo de simulação, para executar determinadas tarefas em conformidade com a doutrina. Refere-se aos exercícios de adestramentos que as organizações militares realizam para manterem-se aptas para cumprir suas missões, o que demanda de uma capacitação individual anterior dos seus integrantes (TALIAFERRO et al, 2019).

Material compreende todos os meios materiais e sistemas necessários para equipar, operar, manter e apoiar as atividades militares. Cada organização militar

possui uma dotação específica de meios, os quais requerem manutenção e local apropriado para guarda durante o seu ciclo de vida (TALIAFERRO et al, 2019).

Educação é a preparação de um indivíduo para tornar-se soldado, considerando os objetivos curriculares para cada posto e graduação. Envolve atividades continuadas de capacitação destinadas ao desenvolvimento habilidades, valores e atitudes dos militares. Inclui, ainda, a preparação de militares para liderar e comandar suas tropas (TALIAFERRO et al, 2019).

Pessoal abrange as atividades relacionadas aos recursos humanos necessários para a força cumprir suas tarefas. Compreende plano de carreira, movimentação, efetivo, dotação de cargos de uma unidade, serviço militar, higidez física, avaliação, valorização profissional e moral (TALIAFERRO et al, 2019).

Infraestrutura engloba todos os elementos estruturais necessários para produzir e sustentar uma capacidade militar, o que inclui quartéis, centros de treinamento, depósitos logísticos, dentre outros (TALIAFERRO et al, 2019).

Assim, verifica-se que o domínio de uma capacidade requer a existência, de maneira indissociada e inter-relacionada, de todos os fatores os seus fatores componentes. A formação de uma Força requer não somente pessoal disponível ou infraestrutura adequada, mas também os demais aspectos para que se obtenha essa capacidade (TALIAFERRO et al, 2019).

Figura 3: Fatores determinantes das capacidades



Fonte: BRASIL, 2022

A presente pesquisa seguiu a metodologia para o PBC preconizada no Manual Doutrina Militar Terrestre de 2022 (EB20-MF-10.102), a qual é semelhante às metodologias das Forças Armadas de outros países como EUA e Colômbia (TALIAFERRO et al, 2019). A metodologia do PBC será empregada apenas como

referência para análise da Força Militar estudada (Forças Armadas do Afeganistão), como uma lente para estudar cada caso, mesmo que tal metodologia de geração de força não tenha sido estritamente seguida durante as intervenções militares soviética e dos EUA/OTAN no Afeganistão.

3. O AFGANISTÃO

O propósito desse capítulo é apresentar um contexto geral do Afeganistão a fim de permitir um melhor entendimento das invasões soviética e norte-americana que ocorreram. Nesse intuito, é mister ambientar-se sumariamente sobre as suas características geográficas e do seu passado recente, antes da invasão soviética. Além disso, interessa compreender, particularmente, como eram as Forças Armadas do Afeganistão antes da chegada dos soviéticos.

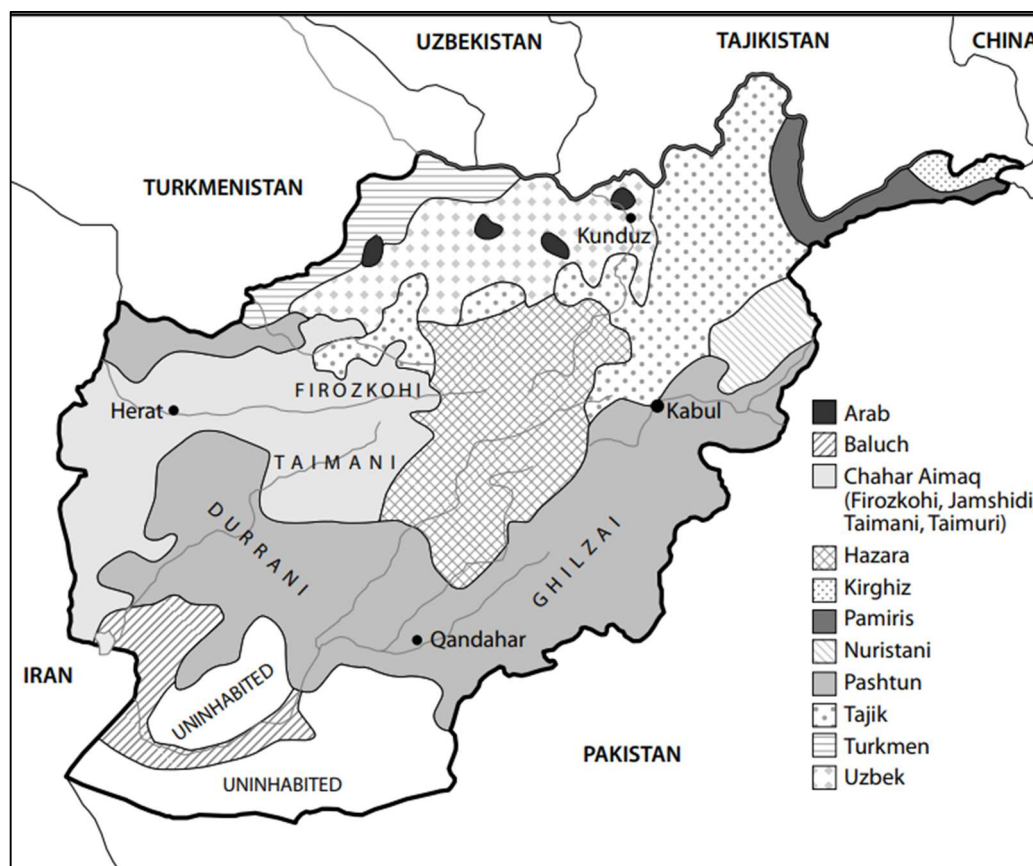
3.1 CONTEXTO GERAL DO AFGANISTÃO

O Afeganistão é um país fechado, localizado no centro da Ásia, que liga três grandes sub-regiões geográficas e culturais daquele continente: Ásia Central, subcontinente indiano e platô iraniano. Ao norte, faz fronteira com Turcomenistão, Tajiquistão e Uzbequistão, à oeste, com o Iran, à leste e ao sul, com o Paquistão, e ainda tem uma pequena faixa de fronteira com a China, à nordeste. País montanhoso, é cortado pela cordilheira do Hindu Kush, a qual delimita suas bacias hidrográficas e impacta significativamente no clima do país, o que resulta em quatro regiões geográficas distintas: Mazar-i Sharif no norte, eixo Cabul-Peshawar no leste, Kandahar no sul e Herat no oeste (BARFIELD, 2010).

Sua unidade territorial foi cristalizada no século XIX como pertencente não a um Estado reconhecido, mas a um reino no qual viviam pessoas conhecidas como “Afegãos”. Sua fronteira com a Rússia foi demarcada, de maneira geral, por negociações anglo-russas em 1873 e 1887, enquanto a Linha Durand, de 1893, definiu a fronteira do país com o atual Paquistão (MARLEY, 2002).

O Afeganistão é uma sociedade multiétnica, composta por pelo menos 55 grupos étnicos. O maior grupo é o Pashtun, seguido por Tadjique, Uzbeque e Hazara. A maioria da população é muçumana, embora alguns professem outras religiões como hinduísmo. Dentre os muçumanos, os sunitas são a maioria, sendo que os seguidores xiitas são geralmente hazaras. O Islam praticado pela intelectualidade afegã é diferente do verificado nas pequenas vilas, sob a liderança dos mulás (MALEY, 2002).

Figura 4: Distribuição de grupos étnicos



Fonte: BARFIELD, 2010

Sua história recente é marcada pelo domínio da etnia Pashtun, por meio de diversos reis da tribo Durrani, que reinaram de 1747 até 1973. No século XIX, foi palco de disputa entre a Grã-Bretanha e a Rússia, tornando-se um estado-tampão entre a Índia Britânica e o Império russo em expansão, no que ficou conhecido como “O Grande Jogo”. O principal objetivo do país era não ser anexado pelo império russo ao norte ou incorporado à Índia Britânica ao sul. O Afeganistão era uma posição estratégica para esses impérios, o que levou o Império Britânico a anexar a província de Peshawar em 1836, pertencente hoje ao Paquistão, mas que na época fazia parte do Afeganistão. Em 1839, ocorreu a Primeira Guerra Anglo-Afegã, quando os britânicos invadiram o Afeganistão e tentaram controlar o governo local, sendo expulsos em 1842. Em 1878, invadiram o país novamente, na Segunda Guerra Anglo-Afegã, e estabeleceram um governo favorável aos seus interesses. O governo afegão aceitou governar apenas internamente e deixar as relações externas do país a cargo dos britânicos. Foi nesse contexto que, em 1893, os britânicos impuseram a Linha Durand como limite do Afeganistão com a Índia Britânica, uma linha arbitrária que dividiu a etnia Pashtun em dois territórios distintos e cuja legitimidade seria uma

grande fonte de tensão depois da partilha do subcontinente indiano, em 1947 (MALEY, 2002; RUBIN, 2002).

A influência britânica no Afeganistão manteve-se no início do século XX, havendo um apoio financeiro ao país, o que permitiu o fortalecimento da elite Pashtun governante em relação a outros grupos tribais, ainda que houvesse a aspiração por tornar o país soberano internacionalmente. Durante a Primeira Guerra Mundial, recebeu propostas para apoiar a Alemanha e a Turquia, mas manteve-se neutro no conflito. Em 1919, o novo rei Amanullah decidiu declarar independência e promoveu uma jihad contra os britânicos, o que levou à Terceira Guerra Anglo-Afegã, com os afegãos cruzando a fronteira e atacando posições britânicas além da Linha Durand. Os britânicos conseguiram reestabelecer suas posições, mas aceitaram a independência do Afeganistão em 1919, com a reafirmação da Linha Durand como fronteira política do país e impondo algumas restrições comerciais ao país. Como forma de pressionar os britânicos a fazer mais concessões, o governo de Amanullah estabeleceu relações diplomáticas com a União Soviética em 1920, reavivando o Grande Jogo de anos anteriores (BARFIELD, 2010).

O governo de Amanullah durou até 1929 e enfrentou diversas disputas políticas internas, após tentativas de modernizar o país. Externamente, buscou obter apoio internacional, tendo em vista o fim do apoio financeiro britânico. Diante de forte pressão interna, Amanullah abdicou do trono, dando início a uma guerra civil no país. Após o curto reinado de Habibullah Kalakani, Nadir Shah assumiu o poder e logo obteve o apoio dos britânicos, permanecendo no poder até 1933, quando foi assassinado. Seu filho, Mohammed Zahir, assumiu o poder com 19 anos e permaneceu no trono até 1973. Contudo, de 1933 a 1963, o poder de fato no governo afegão foi exercido pelo primeiro-ministro. Inicialmente, por Hashim Khan, irmão do rei Nadir Shah, que permaneceu no cargo até 1946, quando ficou doente. Seu irmão, Shah Mahmud, assumiu o cargo de primeiro-ministro, permanecendo até 1953, deixando no cargo o seu sobrinho e primo do rei Zahir, Mohammad Daoud Khan (BARFIELD, 2010).

No contexto mundial de rivalidades entre potências mundiais antes da Segunda Guerra Mundial, o Afeganistão manteve a sua importância estratégica potencial. O país aproveitou para manipular esses países em favor dos seus interesses. Recebeu ajuda dos países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália) para compensar a influência

soviética e britânica. Contudo, a guerra trouxe trágicas consequências econômicas para o país, que teve que parar de receber apoio financeiro da Alemanha diante da pressão soviética e britânica (BARFIELD, 2010).

Após a Segunda Guerra Mundial, a retirada dos britânicos do continente asiático trouxe novas perspectivas ao Afeganistão, que havia sofrido com a influência britânica por cerca de um século. A fim de lidar com o império soviético a norte, buscou o apoio dos EUA, passando a manipular essas potências em prol dos seus interesses. Por outro lado, a criação do Paquistão com a saída britânica trouxe a possibilidade de anexar o território Pashtun, que pertencia ao seu território antes da Linha Durand, ou fomentar a criação de um território independente, o “Pushtunistão”. Essas questões com o Paquistão trariam constantes problemas para o relacionamento de ambos países posteriormente (BARFIELD, 2010).

Sob a direção do primeiro-ministro Mohammad Daoud, a partir de 1953, o Afeganistão vivenciou um período de modernização e surgimento de elites, que incluíam de comunistas a fundamentalistas islâmicos, os quais passaram a ter mais influência no governo do que os clãs tribais. Contudo, essa intelectualidade possuía grande influência de culturas externas distintas, com oficiais das Forças Armadas capacitados na União Soviética, engenheiros formados nos EUA, além da influência acadêmica do Egito em questões judiciais, o que gerava tensões internas. Em 1956, após a recusa de ajuda militar dos EUA, a URSS se dispôs a apoiar o Afeganistão, o que aumentou significativamente a capacidade das Forças Armadas afegãs e permitiu que Daoud focasse em outras demandas estruturais. Além disso, com a ajuda soviética, os EUA passaram a dar maior prioridade ao Afeganistão, competindo com a influência soviética. Ambos países ajudaram a investir na construção da infraestrutura de transporte e econômica do país (BARFIELD, 2010; RUBIN, 2002).

Entre 1963 a 1973, o Afeganistão viveu o período chamado de Nova Democracia, em que o rei Zahir Shah depôs Mohammad Daoud do cargo de primeiro-ministro e colocou Mohammed Youssuf no seu lugar. Nesse período, a participação política das novas elites foi ampliada, inclusive com a adoção de uma Constituição para o país em 1964. Entretanto, as tensões internas aumentaram, com o surgimento de grupos políticos organizados que questionavam o poder da monarquia, como o Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA), de orientação comunista, em 1965. Em 1967, o PDPA sofreu um racha, dando origem ao Khalq (Massas) e ao

Parcham (Bandeira). O Khalq era liderado por Nur Mohammed Taraki e Hafizullah Amin e buscava uma revolução alicerçada nas classes operária e camponesa, enquanto o Parcham era liderado por Babrak Karmal e buscava uma evolução política gradual (SAIKAL, 2004).

As tensões políticas internas foram agravadas pela situação econômica do país que passou a receber menos ajuda econômica externa (EWANS apud GOMES, 2008). Dessa forma, em 1973, ocorreu um golpe militar que depôs o rei Zahir Shah e colocou o seu primo, o antigo primeiro-ministro Daoud, no poder como presidente do Afeganistão, o qual se tornou uma república (RUBIN, 2002).

Daoud governou o país de 1973 até 1978, tendo como base de sustentação inicial a elite militar e partidos de esquerdas insatisfeitos com o rei Zahir. Nesse período, buscou eliminar a influência dos grupos islamitas considerados barreiras para a modernização do país. Manteve no governo os partidários do Parcham até 1977, quando adotou uma postura mais à direita, perdendo o apoio dos comunistas e desagradando a URSS (EWANS apud GOMES, 2008). Parte dos militares, que tinham forte influência soviética e que foram fundamentais no golpe de 1973, também foram postos de lado por Daoud. A fim de diminuir a influência soviética nas Forças Armadas, passou a enviar os oficiais para se capacitarem no Egito e na Índia (BARFIELD, 2010; RUBIN, 2002).

As insatisfações com o governo de Daoud vinham de várias partes: comunistas do Parcham e do Khalq, militares pró-URSS, islamitas e o próprio Kremlin, o que foi agravado quando Daoud aproximou-se dos EUA, da China e do Paquistão. Nesse contexto, em 1978, o Khalq e o Parcham uniram-se novamente e com o apoio de outros grupos, inclusive dos militares mais jovens, realizaram um novo golpe no Afeganistão, na chamada Revolução de Saur ou Revolução de Abril. Daoud e sua família foram assassinados, encerrando o período da dinastia Durrani. Surgiu a República Democrática do Afeganistão com o PDPA no poder, em uma união entre o Parcham e o Khalq (RUBIN, 2002; BARFIELD, 2010).

Inicialmente, o poder era compartilhado entre o Khalq e o Parcham. O presidente do país era Taraki, do Khalq, e o primeiro ministro era Karmal, do Parcham. Logo iniciou-se uma disputa pelo poder dentro do PDPA, em que os membros do Khalq tentavam diminuir a influência do Parcham. O Khalq queria governar o Afeganistão e realizar diversas reformas, como na educação, nas questões agrárias

e até em questões familiares. Expandindo sua influência no poder, o Khalq combateu a influência de importantes lideranças islâmicas, proprietários de terras e lideranças militares tradicionais. Adotou uma postura de orientação marxista e alterou inclusive a bandeira do país. Além disso, buscou um alinhamento direto na política externa com a URSS. Esse período foi marcado por grande violência e repressão contra a oposição e por posturas extremamente radicais para os costumes do país (BARFIELD, 2010).

As intensas disputas e rivalidades presentes no PDPA levou a expulsão dos Parchamis do governo e Karmal foi exilado em julho de 1978. Contudo, entre os próprios membros do Khalq havia uma grande disputa pelo poder. Amin, que era o segundo homem mais forte do Khalq, tornou-se primeiro-ministro em abril de 1979 e assumiu o lugar de Taraki em setembro de 1979. Um mês depois, assassinou Taraki alegando a descoberta de um golpe envolvendo Taraki e a URSS. Tal situação foi o estopim para agravar a crise interna do partido (BARFIELD, 2010).

Barfield (2010) destaca que o Khalq queria fazer grandes reformas em um curto espaço de tempo, o que contrariava o Parcham e os conselheiros soviéticos. Os líderes do Khalq confiavam no poder militar para se contrapor a qualquer rebelião contra o governo. Nesse sentido, Rubin (2002) conclui que as lideranças do Khalq, desafiando os conselhos soviéticos para moderar suas políticas, levaram a população ao status quo de revolta contra o governo central, o que foi uma grande decepção para o governo de Brezhnev.

Os soviéticos ficaram preocupados com a possível desintegração do governo socialista do Afeganistão, o que consideravam ser culpa do radicalismo das lideranças do Khalq. Além disso, passaram a desconfiar da aproximação de Amin com os EUA. Diante dessa situação, o Politburo Soviético, órgão máximo de direção do Partido Comunista da URSS, decidiu que o Afeganistão deveria ser invadido, seguindo a Doutrina Brezhnev de conter as ameaças ao socialismo em qualquer país sob sua influência, aos moldes do que ocorreu na Tchecoslováquia em 1968. A invasão ocorreu em 27 de dezembro de 1979, quando Amin foi assassinado e Karmal foi colocado no poder. O Kremlin esperava que logo a ordem fosse restaurada com Karmal para que eles deixassem o país pacificamente. De maneira oficial, Moscou alegou que respondia a um pedido de socorro do povo afegão (BARFIELD, 2010; HAMMOND, 1987; MALEY, 2002).

O contexto turbulento da política afegã nos anos que antecederam a invasão soviética, bem como outras características geográficas e culturais do país, são essenciais para compreender os fatores que levaram às invasões que vieram a ocorrer na região, não focando apenas em explicações rasas. Nesse sentido, Visentini (2022) afirma que as revoluções no “Arco das Crises”, na qual se enquadra o Afeganistão, têm como traço comum o caráter determinante dos fatores internos e o agravamento do contexto externo. Saikal (2004), buscando entender o desenvolvimento turbulento do Estado afegão, atrelado a sua instabilidade interna e intervenções estrangeiras, sugere a existência de três fatores que justificam essa realidade desde o início da monarquia Durrani, em 1747: poligamia na elite real, interferências externas e extremismo religioso. Saikal também afirma que o persistente caráter patrimonial do Estado no Afeganistão provou ser prejudicial para uma experiência democrática. Para Dorronsoro (1995), a guerra civil afegã não é primitiva ou tribal, mas marcadamente política.

3.2 AS FORÇAS ARMADAS DO AFEGANISTÃO ATÉ 1979

Desde o fim do século XIX, as lideranças afegãs percebiam a necessidade de criar um exército mais efetivo a fim de permitir a modernização da sociedade afegã. Entretanto, com as disputas entre britânicos e russos, o foco do exército era lidar com as disputas internas e assegurar o poder dos monarcas. No início do século XX, com o objetivo de melhorar a qualidade dos oficiais, foi estabelecida a Academia Militar com o apoio de uma missão militar otomana em 1907. Na época, o efetivo do exército era cerca de 24 mil homens (GIUSTOZZI, 2015).

Com o rei Amanullah, o exército envolveu-se na Terceira Guerra Anglo-Afegã, desafiando as forças da Índia Britânica. Contudo, a força militar do Afeganistão dependia mais da população armada do que do seu exército, pois o Exército afegão não tinha a capacidade desdobrar grandes formações empregando infantaria, cavalaria, artilharia e logística para realizar operações ofensivas. Seu foco era realizar operações defensivas. Nesse período, as tropas eram um misto de jovens e idosos usando uniformes diferentes, cujo treinamento era rudimentar e o salário era baixo (GIUSTOZZI, 2015).

Quando Nadir Khan tornou-se rei, logo após a guerra civil ocorrida em 1929, o novo governo investiu pesadamente na reconstrução de um grande exército a partir de 1930. O efetivo militar passou para 70 mil homens em 1933/1934, uma nova academia militar foi construída e novos equipamentos militares foram recebidos dos britânicos. Os gastos militares continuaram aumentando mesmo após a morte de Nadir Khan, em 1933, consumindo 50% dos gastos governamentais. Contudo, o Exército afegão ainda era uma força fraca que necessitava ser modernizada. Por esse motivo, buscou-se apoio estrangeiro para tornar o exército mais efetivo, especialmente junto aos britânicos. Paralelamente, o efetivo foi aumentado, chegando a 90 mil homens em 1941 (GIUSTOZZI, 2015).

A necessidade de fortalecer o exército e como fazer isso era um debate dentro da família real. Havia os defensores desse fortalecimento, como Daoud Khan, Comandante do Corpo de Exército de Cabul e mais tarde Ministro da Defesa, e aqueles que achavam que o Afeganistão não poderia sustentar um grande exército, como o Primeiro-Ministro Hashim Khan e o antigo Ministro da Defesa Shah Mahmud. Para estes últimos, o Afeganistão deveria então depender do poder das tribos para defender o país. Entretanto, com Daoud Khan como Ministro da Defesa em 1946, sua vontade de fortalecer o exército prevaleceu. O Afeganistão conseguiu o apoio inicial da Índia Britânica e em seguida da Turquia para melhorar a capacitação de oficiais e sargentos, em um esforço para profissionalizar o exército, o que se tornou mais efetivo quando Daoud tornou-se Primeiro-Ministro do país, em 1953 (GIUSTOZZI, 2015).

A modernização do Afeganistão implementada por Daoud a partir de 1953 tinha nas Forças Armadas um dos seus principais alicerces. Daoud, inclusive, aumentou o nível de tensão nas relações com o Paquistão, em virtude das questões étnicas resultantes da demarcação da Linha Durand pelos britânicos. Para fortalecer as Forças Armadas, Daoud buscou apoio junto a Washington, o que não foi obtido da maneira desejada. Em seguida, pediu apoio aos soviéticos, sendo prontamente atendido. Em um acordo assinado em 1956, os soviéticos concordaram em fornecer cerca de US\$ 30 milhões em blindados, aeronaves e outros equipamentos ao Afeganistão, bem como capacitar oficiais e especialistas na URSS. Tal apoio permaneceu nos próximos anos, estimando-se que entre 1956 a 1977, a URSS tenha enviado US\$ 1,25 bilhões em assistência militar e capacitado mais de 3 mil afegãos (BARFIEL, 2010; GIUSTOZZI, 2015).

Em meados da década de 1950, com a assistência militar soviética, o Exército afegão tornou-se finalmente capaz de conter revoltas internas do país, principalmente em áreas acessíveis por rodovias. Contudo, ele não era uma instituição forte, especialmente para participar de um conflito externo. Havia falta de recursos e equipamentos, bem como de recursos humanos motivados. O recrutamento era fraco, as condições de vida das tropas era precária e havia um rígido sistema disciplinar. Além disso, os altos postos continuavam nas mãos dos Pashtuns e a corrupção generalizada nesses postos era percebida pelos oficiais mais jovens, que se tornaram cada vez mais frustrados com os favorecimentos à elite Pashtun. Dentre esses oficiais, havia muitos que tinham sido treinados na URSS, recebendo influência da filosofia Marxista-Leninista, os quais passaram a questionar a estrutura monárquica do país. Nesse contexto, surgiram organizações secretas dentro do Exército em meados da década de 1960, os quais viriam a originar os partidos de esquerda Parcham e Khalq (GIUSTOZZI, 2015).

Com o golpe de Daoud em 1973, um novo reforço foi dado às Forças Armadas, que se tornaram mais preparadas, apesar da falta de disciplina e de capacidades específicas. Os critérios para carreira e promoção tornaram-se mais meritocráticos do que no período monárquico, embora as indicações políticas no Exército continuaram, principalmente para os postos mais altos. Contudo, a politização no Exército era grande, havendo tensão entre a aristocracia e os jovens oficiais. A disputa pelo controle do Exército entre o Parcham e o Khalq levou a um declínio na qualidade do recrutamento, em que outros grupos também estavam presentes, como Maoistas e Islamitas. Estima-se que em meados da década de 1970, cerca de 40% dos oficiais dos Corpos de Exército estavam envolvidos em organizações de oposição ao governo de Daoud, o qual era visto como um representante da antiga família real afegã. A oposição a Daoud vinha também de grupos islâmicos, apoiados pelo Paquistão. Com a diminuição do apoio soviético, os recursos financeiros para o Exército também diminuíram, enfraquecendo o poder de Daoud, propiciando as condições para a Revolução de Saur em 1978 (GIUSTOZZI, 2015).

Em 1977, a reunificação do Khalq e do Parcham favoreceu a realização da Revolução de Saur no ano seguinte. Porém, após a revolução, as disputas pelo controle do exército retornaram. Diversas perseguições dentro do Exército afegão enfraqueceram a instituição, com uma politização ainda maior dos seus oficiais. Por

outro lado, os soviéticos retornaram os investimentos nas Forças Armadas do Afeganistão com a Revolução de Saur, aumentando a influência soviética. Enviaram conselheiros para o Exército e mais equipamentos militares, recomendando o aumento do efetivo. Entretanto, o apoio soviético não representava ainda o real controle sobre as Forças Armadas afegãs (GIUSTOZZI, 2015)

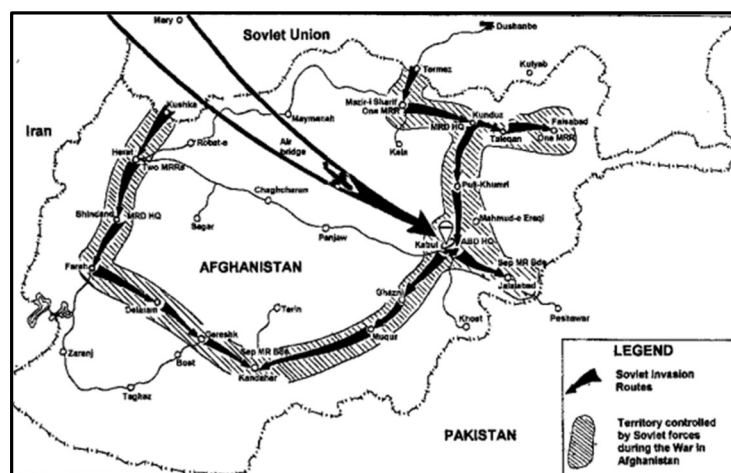
4. INTERVENÇÃO SOVIÉTICA NO AFGANISTÃO

Este capítulo propõe-se a analisar como ocorreu a invasão soviética no Afeganistão, no período de 1979 a 1989, ressaltando como ocorreu a reestruturação das Forças Armadas afegãs nesse período.

4.1 INÍCIO DA INVASÃO E SUA REPERCUSSÃO

Tomada a decisão de invadir o Afeganistão para corrigir os erros da Revolução de Saur e manter um governo socialista no país, a URSS empregou o 40º Exército Vermelho, com cerca de 85 mil homens, com o objetivo de tomar a capital Cabul e controlar as principais bases militares e rodovias do país. A operação consistia em empregar o 40º Exército em dois eixos terrestres e por um corredor aéreo no Afeganistão, de modo a tomar rapidamente todos os centros populacionais importantes e apoiar a tomada de poder com a destituição do presidente Amin. A operação iniciou em 27 de dezembro de 1979 com a ação de uma Divisão Paraquedista que tomou os aeroportos de Cabul e de Bagram. Simultaneamente, duas Divisões cruzaram a fronteira e, sem muita resistência, começaram a controlar as principais cidades ao longo do percurso. Uma Divisão passou por Herat e Shindad, mais a oeste do país, estendendo sua área de responsabilidade até Kandahar. A outra divisão tomou inicialmente Mazar-i Sharif e Kunduz, chegando posteriormente até a capital Cabul (GRAU e GRESS, 2002; HAMMOND, 1987; MALEY, 2002).

Figura 5: Invasão soviética



Fonte: GRAU e GRESS, 2002.

O rápido controle do Afeganistão demonstrou o sucesso inicial da invasão soviética no nível tático. Porém, a longo prazo, verificou-se que a estratégia soviética para o Afeganistão se mostrou improvisada e inapropriada para lidar com as insurgências. Nesse sentido, o sucesso inicial obtido na invasão foi seguido por constantes desgastes e dificuldades em lidar com as forças de resistência (MALEY, 2002).

Com o controle do Afeganistão, os soviéticos colocaram Karmal, do PDPA, como governante do país, na expectativa de que tão logo a ordem fosse estabelecida, eles poderiam retirar suas tropas do Afeganistão. Entretanto, os soviéticos enfrentaram uma grande resistência desde o início da invasão. A oposição interna era representada por monarquistas, nacionalistas e grupos regionais, dentre outros, sendo que os partidos islâmicos se tornaram a principal face dessa oposição, em função da grande capacidade de captar recursos para lutar contra o PDPA e os soviéticos (BARFIELD, 2010).

Os integrantes da resistência islâmica ficaram conhecidos como mujahidin, ou combatentes da liberdade, os quais não atuavam de maneira unida, mas tinham como principal objetivo a expulsão do invasor soviético (BARFIELD, 2010, p. 234; EWANS apud GOMES, 2008, p. 60). Essa resistência teve início antes da invasão soviética, contra o governo Khalq, de maneira espontânea, por lideranças locais, geralmente figuras religiosas, que dispunham de poucos recursos e armas. O apoio externo era limitado, com destaque para o Paquistão, que passou a abrigar lideranças políticas islâmicas e jovens que receberam treinamento militar naquele país a partir de 1974, os quais, após o treinamento, retornavam ao Afeganistão para liderar insurgências. Com a invasão soviética, o apoio internacional foi fundamental para a sustentação dessa resistência, que se tornou mais forte em táticas e armamentos, principalmente quando passaram a usar os mísseis antiaéreos Stinger, reduzindo a superioridade aérea soviética (BARFIELD, 2010; RUBIN, 2002).

A invasão soviética no Afeganistão levou ao fim da *détente*, renovando a hostilidade entre EUA e URSS no contexto da Guerra Fria. O presidente norte-americano na época, Jimmy Carter, considerou que aquele evento se tratava de uma grande ameaça à paz mundial e buscou fazer uma grande campanha condenando a invasão, o que incluía constantes acusações sobre as ações soviéticas no Afeganistão, sanções econômicas e até boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou, de

1980. A pressão sobre a URSS também aumentou com a resolução da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) exigindo uma imediata e incondicional retirada soviética do Afeganistão (FEIFER, 2009; MALEY, 2002). Dessa forma, verifica-se que a invasão soviética não contou com o apoio da opinião pública internacional, o que limitava a sua liberdade de ação.

Além da campanha de condenação da URSS pela invasão do Afeganistão, os EUA envolveram-se indiretamente no conflito, apoiando financeiramente e com armamentos a resistência mujahid. A variedade de armamentos enviados aos insurgentes incluiu granadas antitanques, morteiros pesados, fuzis e lançadores múltiplos de foguete, bem como os mísseis antiaéreos Stinger. Alguns países árabes também tiveram significativa atuação apoiando a insurgência afegã, como a Arábia Saudita e o Egito, com suporte financeiro ou participando da cadeia de suprimento de armas. A influência árabe também se destacou por meio de lideranças que aproveitaram o conflito para espalhar suas ideias pan-Islâmicas, como o palestino Abdullah Azzm, morto em um carro bomba em Peshawar em 1989, e o saudita Osama Bin Laden, que mais tarde seria mundialmente conhecido com os atentados ao World Trade Center em 2001. Nesse processo, a inteligência paquistanesa possibilitava a entrega de dinheiro e armas para a resistência islâmica no Afeganistão, especialmente os sunitas, enquanto outros recebiam do governo islâmico do Irã (BARFIELD, 2012; MALEY, 2002).

Sobre a guerra de resistência ou insurgência mujahid, é importante analisar suas características para entender a dificuldade encontrada pelos soviéticos. Conforme Vissacro (2009):

Trata-se do conflito armado conduzido por nacionais contra uma força de ocupação estrangeira. Tem por finalidade restabelecer as garantias de sobrevivência da população, a integridade territorial, a unidade política, a soberania e/ou independência, total ou parcialmente comprometidas pela intervenção externa.

Dentre as principais características desse tipo de guerra, destacam-se o apoio da população, menor relevância dos aspectos militares (prioridade para os campos político e psicossocial), preponderância dos processos indiretos (instabilizar, surpreender, exaurir ou esgotar o inimigo), estratégia prolongada, ações táticas rápidas, não-linearidade (sem frente de batalha definida), insubordinação a restrições legais, ausência de padrões rígidos de execução, dentre outros. No caso mujahid, a

grande fragmentação da luta armada foi um importante fator de força, pois dessa forma não era possível aos soviéticos obter uma vitória decisiva, levando-os a combater mais de uma ameaça. Os guerrilheiros mujahidin realizavam emboscadas contra comboios, pequenas ações de destruição contra infraestruturas locais e rápidas incursões contra postos policiais e guarnições militares isoladas. As ações eram realizadas por pequenos grupos que logo desapareciam nas montanhas. Atuavam também nas grandes cidades com ataques a bomba (VISSACRO, 2009).

4.2 SUSTENTAÇÃO DO NOVO REGIME: A REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO NACIONAL DO AFGANISTÃO

Ao assumir o poder, Brabak Karmal, seguindo a orientação dos soviéticos, repudiou as políticas de seu antecessor, Hafizullah Amin, libertando prisioneiros políticos e revogando os decretos sobre reforma agrária e direitos das mulheres, além de abandonar a bandeira vermelha revolucionária. Também ampliou alguns ritos religiosos que haviam sido proibidos pelo Khalq. Contudo, a base de apoio político era muito reduzida, restringindo ao PDPA, o que significava uma fragilidade para a sobrevivência do novo regime. Foi estabelecido um novo arranjo político baseado em compartilhamento de poder entre Khalq e Parcham, o que incluía o controle sobre Exército Nacional do Afeganistão, o qual era dominado pelo Khalq. Para lidar com as forças de resistência, a estratégia soviética era empregar um grande poder militar, de maneira a enfraquecer a oposição à Karmal e permitir que ele governasse o país com maior estabilidade (BARFIELD, 2012).

A seguir, será apresentado como ocorreu a reestruturação do Exército Nacional do Afeganistão durante o período de intervenção soviética, utilizando-se como modelo de análise os fatores determinantes de capacidade, conforme o Planejamento Baseado em Capacidades.

4.2.1 Doutrina

A doutrina implementada nas Forças Armadas do Afeganistão seguiu os padrões soviéticos. A doutrina soviética era orientada para a estratégia da guerra de atrito, influenciada pelos resultados da II Guerra Mundial. Nesse contexto, os soviéticos preparavam-se para um teatro de guerra contra um exército convencional

nas planícies do norte europeu. A ideia inicial era de que grandes formações empregando armas combinadas poderiam conduzir operações ofensivas clássicas contra os mujahidin. Contudo, a resistência afegã tinha uma atuação como guerrilha, favorecida pelas características naturais de um país montanhoso. Na doutrina soviética, a cadeia de comando era descentralizada, permitindo maior liberdade de ação aos comandantes (GIUSTOZZI, 2000; GRAU e GRESS, 2002; MALEY, 2002).

Não havia uma doutrina soviética alicerçada em manuais de instrução sobre operações de contra insurgência, apesar de que essas operações já haviam sido vivenciadas por outros grandes exércitos, como o exército norte-americano contra os vietcongs. Os soviéticos focavam em operações de grande escala, de alta intensidade e por um curto período (GRAU e GRESS, 2002).

Com o passar dos anos, o Exército Vermelho e o Exército afegão, na tentativa e erro, tiveram que desenvolver novas táticas para combater um inimigo não convencional e passaram a ter melhores capacidades contra a resistência. Os soviéticos começaram a produzir novos manuais de instrução com técnicas, táticas e procedimentos para enfrentar a guerrilha, sem deixar de realizar grandes operações com armas combinadas. Entretanto, a capacidade do Exército afegão era dependente do apoio soviético para realizar operações de larga escala contra os mujahidin (GIUSTOZZI, 2000; MALEY, 2002). Uma adaptação doutrinária realizada para combater os mujahidin foi empregar um batalhão reforçado com diversos meios, inclusive aéreos, como elemento base para manobra operacional. Assim, esse elemento de combate tinha uma constituição adaptada e melhor preparada para executar diferentes tipos de operações e formas de manobras, como desbordamento, envolvimento e até assalto aéreo (GRAU e GRESS, 2002).

Entretanto, quando o Exército Vermelho era empregado para expulsar a população de seus vilarejos, na procura de insurgentes, há diversos relatos de atrocidades cometidas, as quais seriam consideradas graves crimes de guerra. Tais ações enfraqueceram ainda mais o apoio da população ao governo afegão e aos soviéticos, prejudicando o estabelecimento de bases para estabilização do regime comunista e demonstrando a incapacidade de enfrentar as forças de insurgência (MALEY, 2002; VISSACRO, 2009).

Os soviéticos tentaram empregar largamente seus veículos blindados, mas sofreram grandes limitações com o terreno e com o emprego de granadas de bocal

pela resistência. Com o tempo, foram adequando o emprego doutrinário desses equipamentos, utilizando-os em conjunto com a infantaria (MALEY, 2012).

As aeronaves, tanto de asas fixas quanto as de asa rotativa, foram amplamente empregadas para apoiar, principalmente, operações terrestres. Não visavam atingir objetivos profundos e eram mais eficazes para bombardear vilarejos do que pequenos grupos de resistência. Após alguns anos, o uso de mísseis antiaéreos Stinger restringiu ainda mais o uso das aeronaves, principalmente de asas rotativas (GRAU e GRESS, 2002; MALEY, 2002).

O Exército soviético tinha grande necessidade de empregar pequenos grupos de maneira autônoma, com maior flexibilidade e iniciativa para realizar operações contra insurgência. Nesse sentido, ampliou o número de tropas de Operações Especiais no Afeganistão, as quais eram melhores treinadas e contavam com grande apoio aéreo (MALEY, 2002).

Percebendo que os esforços para combater a resistência mujahid com operações de larga escala mostravam-se ineficazes, os soviéticos mudaram suas táticas e passaram a focar na proteção das linhas de comunicações e regiões estratégicas do país. A partir de 1985, com a mudança da liderança soviética, o envolvimento das forças soviéticas em operações de larga escala diminuiu ainda mais, quando já se buscava retrair o Exército Vermelho do território afegão. Nas operações contra forças de resistência, o Exército afegão contava com o apoio soviético de aviação, artilharia e engenharia de combate (GRAU e GRESS, 2002).

4.2.2 Organização

Ao invadir o Afeganistão, os soviéticos encontraram uma força militar bem estruturada, mas que apresentava algumas deficiências. Havia grande dificuldade para o planejamento e a condução de operações conjuntas, integrando diferentes forças em uma mesma região, visto que existiam tropas regulares pertencentes a outros Ministérios, como as forças do Ministério do Interior (chamadas de Sarandoy) e o KhAD (Agência de Informações do Estado do Afeganistão), sem haver muita coordenação entre elas (GIUSTOZZI, 2000; OLIKER, 2011).

Sobre o Exército afegão, a organização existente teve influência do modelo turco. A cadeia de comando era fraca entre as Divisões e suas Brigadas e Unidades,

já que não havia muito contato entre elas. Conforme Nikitenko apud Olikier, 2011, o Exército do Afeganistão tinha a seguinte organização em 1979:

- 3 Corpos de Exército, localizados em Cabul, Kandahar e Gardiz;
- 12 Divisões de Infantaria;
- Mais de 20 Brigadas (incluindo Brigadas Blindadas, de Artilharia, de Comando, de Defesa Aérea, de Fronteira, Leves, Paraquedista e de Logística);
- Mais de 30 Regimentos (incluindo Regimentos de Artilharia, de Comando, de Engenharia, de Comunicações, de Força Aérea, de Defesa Aérea, Territoriais e Logísticos);
- 32 Unidades ou Companhias subordinadas ao Comando Central do Exército, inclusive de Forças Especiais;
- 13 Instituições de Ensino, que incluía centros de capacitação especializada de Comunicações, Logística, Força Aérea, Defesa Aérea, bem como formação de oficiais e sargentos e de Altos Estudos.

A reorganização do Exército afegão logo foi implementada, com racionalização de estruturas e junção de alguns batalhões em regimentos. A dotação de pessoal e material das divisões também foi alterada, de modo a ter maior padronização. As subunidades de combate foram dispensadas de tarefas de segurança local para focar em operações de combate. Lentamente, a reorganização por áreas de responsabilidade foi aprimorada, sendo criadas 21 áreas. O controle das pequenas cidades era essencial para sufocar a atuação da resistência mujahid e por isso as forças soviéticas e afegãs foram espalhadas pelo país para expulsar os inimigos e proteger estruturas econômicas. Contudo, essa dispersão limitava a possibilidade de realizar operações ofensivas com um grande efetivo. Além disso, havia pouca autoridade do Comando Central para exercer permanente coordenação para solucionar problemas locais (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002; OLIKER, 2011).

A necessidade de combater atrás das linhas inimigas fez crescer o número de unidades de elite e de assalto, de maneira a dividir as forças inimigas onde elas estavam concentradas. Outra necessidade crescente foi aumentar o número de unidades na fronteira de maneira a torná-las menos porosas. Nesse sentido, em 1981, foram instaladas 5 Brigadas de Fronteira em Jalalabad, Khost, Kandahar, Nimruz e Herat, priorizando as fronteiras com o Paquistão e o Irã. O aumento da presença de

tropas na fronteira permaneceu insuficiente, havendo muitas estradas na fronteira controladas pelos mujahidin. De 1982 a 1985, foram criadas mais Brigadas de Fronteira em Paktika, Farah, Paktia, Urgan, Kunar, Helmand e Alikheil. Nos anos seguintes, diversas Divisões, Brigadas e Unidades foram criadas, a fim de tentar conter a insurgência (GIUSTOZZI, 2015).

O Sarandoy era responsável pelo controle de trânsito, policiamento local e controle dos presídios. Tinha tarefas de polícia e gendarmaria, garantindo a segurança das estruturas governamentais e autoridades do governo. Para isso, também tinha que conter os insurgentes, o que se tornou um grande desafio em vista o fortalecimento dos mujahidin. Dada a sua importância para a estabilidade do país, seu efetivo aumentou bastante durante a intervenção, de cerca de 8500 homens e mulheres em 1979 para quase 100 mil em 1987. Paralelamente, o número de seus departamentos locais aumentou, espalhando-se por todo o território controlado pelo governo afegão. Atuava muitas vezes em conjunto com as Forças Armadas, para certificar que uma área estava em segurança após operações militares conduzidas pelo Ministério da Defesa (MD) ou em outras missões complementares (GIUSTOZZI, 2015; OLIKER, 2011).

A Agência de Informações do Estado, o KhAD, era um serviço de Inteligência do país, que durante a intervenção soviética foi treinada e supervisionada por agentes do KGB. Assim como o Sarandoy, teve um grande crescimento em pessoal e unidades, passando de cerca de 5 mil homens em 1980 para 68 mil em 1988. Como atribuições, realizava operações de inteligência e apoiava as operações de contra insurgência, bem como prendiam e interrogavam opositores políticos e insurgentes. Seus Batalhões ficavam espalhados no país, com operações em nível regional, os quais tinham um efetivo de cerca de 300 homens. Em 1986, tornou-se o Ministério de Segurança do Estado, com o nome de WAD. Em 1988, foi criada a Guarda Especial, uma espécie de reserva estratégica subordinada ao WAD, que contava com os melhores profissionais e equipamentos, com um efetivo de cerca de 16 mil homens. As Brigadas da Guarda Especial foram estabelecidas em Cabul, Hairatan, Mazar-i Sharif e Shiberghan (GIUSTOZZI, 2015; OLIKER, 2011).

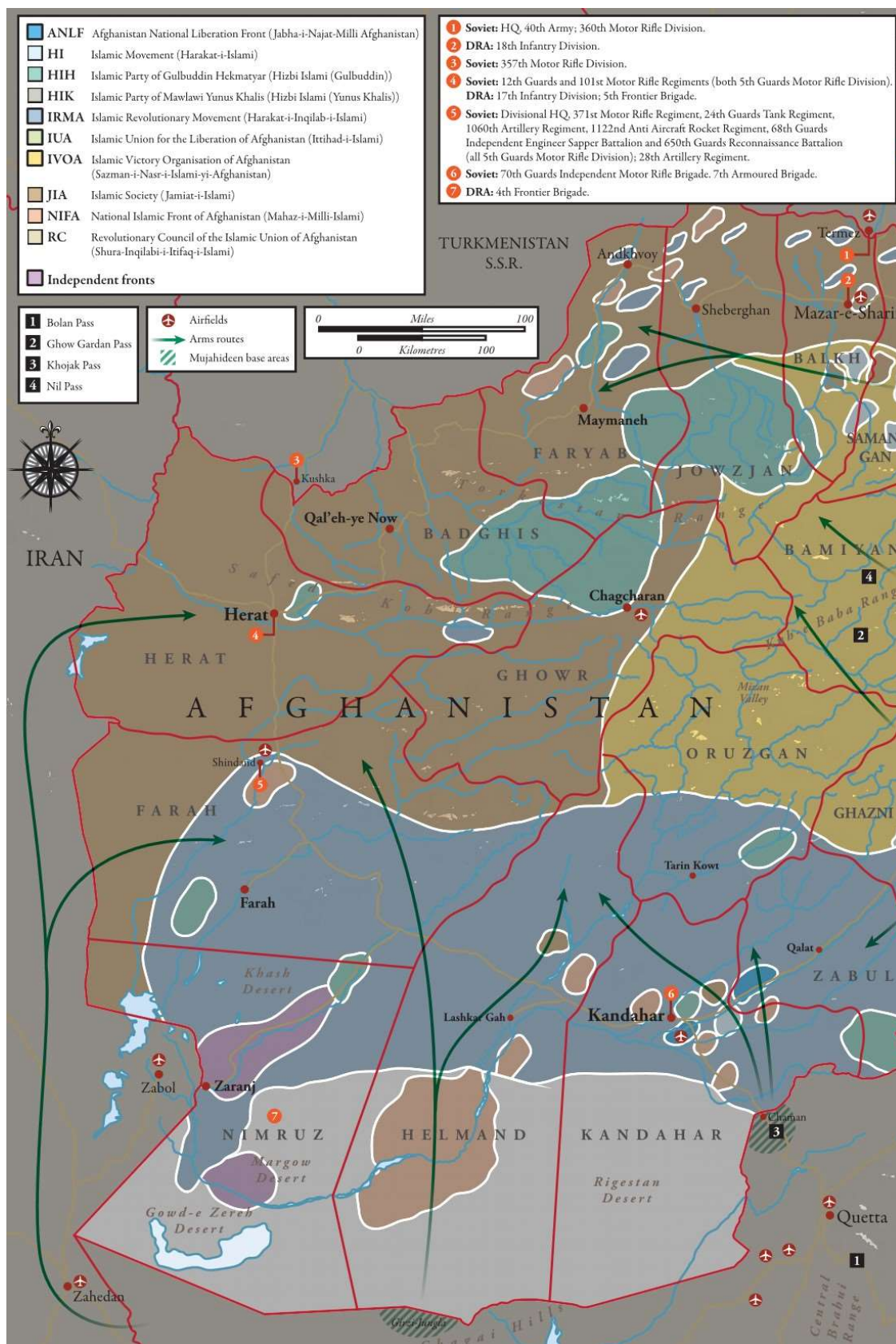
Em 1986, foram criados Conselhos de Defesa nas províncias, compostos de líderes militares, governadores das províncias e oficiais superiores, aumentando a coordenação para operações conjuntas. Em 1987, as unidades operacionais do WAD

foram transferidas para o Ministério da Defesa, bem como unidades militares do Sarandoy, o que finalmente permitiu que os Quartéis-Generais comandassem todas as forças militares em suas áreas de responsabilidade. Contudo, a coesão das tropas subordinadas a cada comando de área do Exército era fraca na maioria dos casos (GIUSTOZZI, 2015).

A Força de Fronteira era uma força de segurança subordinada ao Ministério da Defesa que se originou de uma espécie de polícia alfandegária existente em 1979. Em 1981, ela tinha cerca de 8 mil homens, passando para cerca de 27 mil dois anos depois. Sua tarefa de controle das fronteiras era um desafio dado o tamanho do país, não impedindo, eficientemente, entradas clandestinas (GIUSTOZZI, 2015; OLIKER, 2021).

A Força Aérea afegã era uma força reduzida, que os soviéticos buscaram aprimorar e expandir seu efetivo. Entretanto, encontram diversas limitações para a seleção de pessoal, tendo em vista os altos padrões soviéticos para tornar-se piloto. Os pilotos afegãos eram bastante demandados, tendo que realizar várias sortidas por dia. A preparação tática desses pilotos era precária, o que aumentava os casos de acidente. A aviação tinha um importante papel na luta contra os mujahidin, tendo em vista o seu efeito psicológico sobre o inimigo (OLIKER, 2021).

Figura 3: Organização territorial do 40º Exército Vermelho, do Exército afegão e dos mujahidin durante a intervenção soviética (região oeste do país)



Fonte: McNab, 2019

A fim de obter maior suporte dos Senhores da Guerra, importantes lideranças locais do Afeganistão, foram empregadas milícias tribais, as quais passaram a ser incorporadas ao MD a partir de 1988. Essas milícias eram destacamentos armados de autodefesa que recebiam equipamentos e treinamento do Exército, mas mantinham uma estrutura interna própria. A ideia era que elas controlassem os vilarejos e estradas rurais, assumindo o papel da polícia. Entretanto, essa incorporação contribuiu para a desmoralização do Exército, visto que as milícias eram formadas por antigos membros da resistência, tinham grande autonomia, eram pouco demandadas e recebiam bons salários. Além disso, a prioridade dada ao recrutamento para as milícias reduziu o efetivo disponível para incorporar nas forças regulares. Para contrabalancear o poder dessas forças, foi criada a Guarda Especial na estrutura do Ministério da Segurança Nacional (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002; OLIKER, 2011).

4.2.3 Adestramento

No início da invasão, verificou-se que as tropas eram pouco adestradas para realizar operações, sendo que em uma mesma Divisão de Infantaria não havia contato entre suas organizações militares subordinadas (GIUSTOZZI, 2003). Nos primeiros anos, o Exército afegão teve que passar por treinamentos e reorganização, sendo empregado em tarefas menores como proteção de rodovias, quando operava sozinho (GIUSTOZZI, 2016).

As operações contra as forças de resistência eram realizadas de maneira combinada, integrando as forças soviéticas e afegãs. Isso porque operações singulares soviéticas eram proibidas e as unidades afegãs não tinham capacidade de realizar operações sozinhas. Os soviéticos consideravam que a melhor maneira das tropas afegãs se adestrarem era combater ao lado deles. A maior parte das operações era planejada e executada por soviéticos, enquanto os afegãos tinham papel limitado, focados em estabilizar as áreas tomadas da resistência. As operações de maior envergadura, com pelo menos uma divisão afegã, só ocorreram a partir de 1985, quando o Exército afegão passou a ter melhores condições de enfrentar a resistência. Contudo, as grandes operações continuavam dependentes do apoio aéreo ou da artilharia dos soviéticos (GIUSTOZZI, 2000; OLIKER, 2011).

A fim de acompanhar o adestramento das tropas, foram empregados diversos conselheiros soviéticos. Estima-se que o número de conselheiros era variável, entre 1000 a 2000, distribuídos desde o nível unidade. Conforme aumentava-se o nível hierárquico de comando, havia mais conselheiros. A maioria deles eram Coronéis, Tenentes-Coronéis e Majores, sendo que também existiam cerca de 70 generais, em postos hierárquicos compatíveis com os comandantes afegãos. Eles planejavam atividades militares, acompanhavam treinamentos, aconselhavam comandantes e até participavam de operações militares, nas quais ocorreram muitas baixas desses militares. Juntos com esses conselheiros, havia também especialistas, intérpretes e assistentes (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002; OLIKER, 2011).

A relação entre os conselheiros soviéticos e os oficiais afegãos foi um ponto crítico para o estabelecimento da liderança soviética, o que se agravou com o decorrer da invasão. Havia desconfiança em relação aos afegãos, dentre os quais existiam diversos informantes dos mujahidin. Dessa forma, os soviéticos não compartilhavam as informações de maneira adequada, o que gerava desconfiança de todos os lados. Muitos conselheiros também perceberam que suas diretrizes não eram seguidas de fato. Havia também a preferência dos conselheiros soviéticos por afegãos mais alinhados ideologicamente com o Khalq, o que tornava os relacionamentos não muito amigáveis frequentemente. Outro problema nesse relacionamento era a questão do idioma, agravada pela quantidade insuficiente de intérpretes de Pashtun (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002).

Havia um plano de treinamento anual para o Exército afegão a fim de que suas unidades tivessem experiência de combate. Os Regimentos e as Divisões possuíam dois tipos de programa de treinamento, conforme o tipo e as condições de emprego desses elementos. Para aquelas Unidades que estavam previstas para entrar em combate logo, havia um programa de treinamento de 7 dias, enquanto as Unidades que voltavam de combate tinham um programa de 20 dias de treinamento. Atenção especial era dada para a coordenação com elementos de reforço, bem como na realização de assalto aéreo, manobras de desbordamento e emprego de destacamentos de ataque. Entretanto, diversas dificuldades eram enfrentadas, pois a condução do adestramento pelas Unidades e Subunidades era precária, não realizando o treinamento completo. Além disso, os oficiais muitas vezes estavam mal preparados para conduzir os treinamentos e não empregavam os equipamentos de

comunicações adequadamente. Havia também dificuldades para realizar treinamentos noturnos. Tais limitações demandavam ainda mais do apoio soviético em operações de larga escala (GRAU e GRESS, 2002).

4.2.4 Material e equipamento

As deficiências do Exército afegão eram grandes e os soviéticos tentaram suprir essas limitações com uma enorme quantidade de equipamentos, os quais foram importantes para diversas tarefas como defesa das principais cidades e manutenção das linhas de comunicações e suprimento. Os equipamentos militares utilizados pelos afegãos eram doados pelos soviéticos ou vendidos. Nesse último caso, o recurso para a aquisição vinha justamente do apoio financeiro que os próprios soviéticos davam. Destacam-se, entre esses materiais, cerca de 800 carros de combate blindados, 1300 viaturas blindadas de transporte de pessoal e de reconhecimento, 300 aeronaves de asa rotativa e de asa fixa, 13 mil caminhões, além de lançadores múltiplos de foguetes, peças de artilharia, morteiros, o que atendia a necessidade de material prevista para o Exército. Entretanto, havia falta de uma estrutura adequada de manutenção para tais equipamentos e de especialistas qualificados, além de capacitação adequada para empregar o material. Isso resultou em uso incorreto de equipamentos e grande indisponibilidade de material (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002).

Desde o início da invasão, os soviéticos tentaram investir na capacitação dos afegãos para utilizar os diversos equipamentos, mas os resultados obtidos não foram satisfatórios. Estima-se que em agosto de 1988 cerca de 350 carros de combate (26% do total), 150 viaturas de combate de infantaria (BMP) (30%) e 350 viaturas de transporte blindadas (23%) não possuíam tripulação; 6000 veículos (42%) não tinham motoristas habilitados e 750 armas e 1000 morteiros não tinham atiradores. A situação no início da invasão era ainda pior, estimando-se que em 1984 apenas 20% das viaturas blindadas operacionais existentes eram empregadas (GIUSTOZZI, 2015).

A baixa manutenção dos equipamentos militares tinha relação com a grande quantidade de viaturas e armamento disponibilizados pelos soviéticos, o que não estimulava a mentalidade de conservação desses meios. O sistema logístico operacional desenvolvido pelos soviéticos buscava ser resiliente, com diversas redundâncias no sistema, grandes estoques de suprimento e um eficiente sistema de transporte terrestre (GIUSTOZZI, 2015; OLIKER, 2011).

Os uniformes e equipamentos pessoais mudaram bastante ao longo dos anos, o que complicava a logística de suprimento. No início da guerra, os oficiais usavam um uniforme diferente, o que aumentava a taxa de morte entre os oficiais. Posteriormente, houve a padronização de uniforme para toda a tropa. O uniforme para operar nas regiões montanhosas era uma questão crítica. O coturno necessitava ser adaptado, o que não foi priorizado pelos soviéticos. Havia grande oscilação térmica entre o dia e a noite, o que demandava roupas de frio diariamente, mesmo no verão. Além disso, não havia reservas suficientes de uniformes e equipamentos para situações extraordinárias (GRAU e GRESS, 2002).

Destaca-se também o uso pelos soviéticos de minas terrestres para evitar que a resistência usasse rotas secundárias para suas ações. Elas também eram utilizadas na beira de estradas e para proteger postos de vigilância, evitando-se ações surpresas. Entretanto, muitas dessas minas não eram retiradas quando as tropas se deslocavam de uma região para outra, o que se tornava um problema para outros militares que tinham que passar pelo mesmo local ou para civis que desconheciam os propósitos desses artefatos (MALEY, 2002; GRAU e GRESS, 2002).

Enquanto a resistência afegã pouco empregava equipamentos de comunicações, os soviéticos dependiam desses meios para suas operações. Contudo, o terreno montanhoso do Afeganistão limitava o alcance das comunicações em radiofrequência. Além disso, os operadores tinham dificuldade para empregar esses equipamentos ou resolver problemas técnicos simples (MALEY, 2002).

A Força Aérea afegã recebeu uma grande quantidade de aeronaves modernas de combate, incluindo 17 caças SU-22M, 50 bombardeiros MiG-21Bis e 115 helicópteros de vários modelos. Na avaliação dos soviéticos, a tripulação tinha habilidade para voar, mas indisciplinada e fraca taticamente, não sabendo empregar efetivamente o armamento existente. Além disso, os caças mostraram-se inapropriados para combates nas regiões montanhosas contra os insurgentes, que eram alvos com grande mobilidade. O apoio aéreo mais comum era o pré-planejado contra posições fixas, podendo ser empregado para dificultar a concentração de forças inimigas em grandes operações. Com o emprego de mísseis antiaéreos Stinger pela resistência, algumas medidas foram adotadas para diminuir seus danos, como operações noturnas (já que a resistência não tinha óculos de visão noturna), uso de

flare para desviar o guiamento dos mísseis e realização de manobras táticas para autoproteção das aeronaves (GIUSTOZZI, 2015).

4.2.5 Educação

A formação dos oficiais do Exército afegão ocorria em três instituições militares: uma para oficiais combatentes, uma para oficiais da Força Aérea e Defesa Aérea e outra para especialidades técnicas. Muitos oficiais eram capacitados em instituições militares soviéticas. Em 1987, foram criados em cada Corpo de Exército um curso de preparação para Tenentes com duração de seis meses e capacitações mensais para diversos níveis. Havia também um curso de altos estudos para oficiais em que aprendiam novos métodos para conflitos armados. (GRAU e GRESS, 2002; OLIKER, 2011).

A demanda por oficiais cresceu muito com a reestruturação do Exército afegão, o que levava a existência de oficiais não qualificados para seus cargos. Estima-se que em 1983, 96% dos cargos de oficiais estavam preenchidos. No entanto, somente 26% desses tinham recebido a capacitação completa nas escolas de formação e 43% não haviam recebido nenhum treinamento (GRAU e GRESS, 2002; GIUSTOZZI, 2015).

Em relação às praças, os militares voluntários assumiam funções de liderança em pequenas frações, como sargentos, depois do treinamento básico em alguma escola de formação. Também podiam adquirir alguma especialidade como operadores de equipamentos de comunicações, guarda de fronteira, manutenção ou de suprimento. O treinamento desses militares durava cerca de 3 ou 4 meses. Já os recrutas, muitos deles não voluntários, eram formados em centros de treinamentos, Batalhões ou Subunidades, com uma formação básica que durava 45 dias e mais dois meses de treinamento. Os recrutas incorporados em Cabul e no norte do país geralmente tinham uma formação de maior qualidade do que os demais, cumprindo todo o período de formação (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002).

4.2.6 Pessoal

Quando os soviéticos invadiram o Afeganistão em 1979, as Forças Armadas afegãs já viviam uma crise, com o efetivo reduzido em cerca de 50 por cento do previsto, com cerca de 60 mil militares, sendo 50 mil do Exército. A pressão soviética

para aumentar o efetivo das Forças Armadas fez o governo afegão aumentar para 97 mil em 1981 e 121 mil em 1982, quando oscilou ao longo dos anos e chegou a 152 mil em 1987, maior efetivo alcançado durante a intervenção soviética, porém, abaixo da expectativa de alcançar 200 mil homens. As unidades não combatentes eram mais completas do que as unidades combatentes, mesmo com pagamento de soldos maiores nessas últimas. Além disso, algumas distorções ocorriam, como o aumento do número de oficiais, inclusive de generais, para agradar partidários e apoiadores do regime (GIUSTOZZI, 2015; OLIKER, 2011).

Os problemas de recrutamento e deserção afetavam significativamente o poder de combate das tropas afegãs, as quais em média tinham uma carência de efetivo de 25 a 40% do previsto para as unidades de combate. Houve grande demanda de mobilização de pessoal no início da intervenção e diversas medidas foram tomadas para recrutar os jovens do país em 1981, como a diminuição da idade mínima para servir, fixação de um período maior de serviço militar obrigatório e incorporação de 14 classes de reservistas por ano. As exceções para dispensa do serviço militar foram restringidas, o que desagradou parte da elite do país, inclusive do Parcham. Com a alta demanda por recrutas, em função também do grande número de deserção, em 1983, a idade mínima passou para dezenove anos e o serviço militar obrigatório para três anos. Os soldados licenciados eram encaminhados para integrar-se ao Sarandoy. Contudo, o serviço militar não era atrativo para a maioria dos jovens. A estrutura de mobilização do país também era precária, tendo centros de recrutamento funcionando em prisões. Somente em 1985 houve melhores incentivos para o serviço militar, com aumento de salário, melhores condições nos quartéis para os soldados e diminuição do tempo de serviço mínimo. A partir de 1988, com o avanço dos mujahidin, o recrutamento voltou a ter dificuldades, o que levou o governo a adotar, em 1989, novas medidas coercitivas para recrutamento (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002).

A deserção era outro grande problema das Forças Armadas do Afeganistão, a qual estava relacionada com diversas razões. Grande parte dos desertores queria simplesmente evitar a guerra. As condições precárias de vida dos soldados também contribuíam para a deserção, sendo que a média do número de deserções aumentava durante o inverno, quando ficava muito frio nos acampamentos, e durante o verão, quando havia necessidade de trabalhadores nas lavouras e ocorria mais operações. As deserções eram menores quando as tropas eram empregadas em locais povoados

por grupos étnicos diferentes, sendo que os recrutas do Exército tinham origem das principais cidades do país. Contudo, deserções em massa ocorriam inclusive em unidades de elite, principalmente nos últimos anos da invasão soviética. Considerando as Forças Armadas como um todo, o maior nível de deserções ocorria nas Forças de Fronteira, enquanto no Sarandoy o número de deserções era pequeno. Isso porque as tropas do Sarandoy eram empregadas em locais próximos às cidades e vilarejos de origem dos seus soldados, ganhavam melhores salários e eram voluntárias para servir (GIUSTOZZI, 2015; OLIKER, 2011).

A promoção de militares e a designação para suas funções não seguiam padrões rígidos, sendo muito influenciada por relações familiares, de amizade e partidárias. Frequentemente, aqueles que cometiam algum erro eram designados para boas funções ou até promovidos. Com isso muitos militares habilitados para desempenhar funções específicas eram empregados em outras áreas, enquanto outros militares eram designados para determinadas funções sem possuírem habilitações. Com a alta demanda por oficiais, muitos sargentos foram promovidos com apenas 3 anos de serviço, diminuindo-se, assim, o universo de sargentos experientes (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002).

Um fator que tinha grande impacto nas questões de pessoal da Forças Armadas do Afeganistão era a politização dos militares, de maneira que havia uma disputa interna entre o Khalq e o Parcham, sendo os partidários do Khalq a maioria no Exército. Quando Karmal assumiu o poder, seu partido realizou um verdadeiro expurgo dos oficiais do Khalq do Exército, buscando aumentar a influência dos seus partidários no principal braço armado do país. Nesse sentido, priorizavam a colocação de partidários do Parcham nos principais cargos do Exército e do KhAD (Serviço de Inteligência), enquanto designavam os partidários do Khalq para cargos mais simples e para o Sarandoy. Isso resultou em atos de sabotagem dos próprios militares do Khalq contra decisões dos Parchamis, chegando inclusive a cooperarem com rebeldes ou desertarem. De maneira geral, o Exército não estava preparado para reforçar a autoridade do Parcham (GIUSTOZZI, 2000; KAKAR, 1997).

As questões étnicas também impactavam na coesão e disciplina do Exército afegão, tendo em vista a diversidade de etnias presentes. Por isso, desde a Revolução de Saur, buscava-se acabar com a discriminação contra minorias. Os oficiais de origem Pashtun eram maioria, sendo seguidos pelos de origem Tadjiques, Uzbeques

e Hazaras. Após algum tempo, a proporção de tadjiques aumentou e as questões étnicas se arrefeceram. Entretanto, elas continuaram a ter influência, particularmente na deserção de soldados vinculados a unidades que tinham que ser transferidas de uma região para outra do país (GIUSTOZZI, 2015).

O perfil dos oficiais mudou significativamente durante o governo de Karmal, em função da natureza social iniciada na Revolução de Saur. Antes da Revolução, a maioria dos oficiais vinham da elite afegã, enquanto cerca de 31% eram de famílias camponesas e operárias. Essa proporção mudou bastante, passando os filhos de camponeses e operários a representarem cerca de 70% dos oficiais após a Revolução (GIUSTOZZI, 2000).

Havia o propósito de tornar o Exército afegão ideologicamente doutrinado no Marxismo-Leninismo, o que teve pouco resultado, apesar da simpatia de muitos oficiais. O apelo patriota do PDPA não se sustentava ante a intervenção soviética no país. Buscou-se, ainda, atrair capelães muçulmanos (maulavis e mulás) a fim diminuir o número de deserções, mas esses religiosos não eram muito valorizados pelos oficiais e tornaram-se pouco efetivos (GIUSTOZZI, 2015).

A questão mais crítica sobre o fator pessoal era o moral da tropa afegã, que só piorou com a intervenção soviética. Havia uma desmoralização generalizada dos postos, com oficiais sem condições de liderar seus subordinados. O relacionamento entre praças e oficiais continuou complicado após a intervenção soviética, com os soldados sendo mal tratados pelos oficiais, inclusive com punições corporais. Somase a isso o complicado relacionamento entre os conselheiros soviéticos com os oficiais afegãos. Havia muitos relatos de corrupção no Exército, com salários pagos irregularmente. Além disso, as condições de vida eram precárias nos acampamentos, com feridos mal cuidados. A alta taxa de mortes em ações de combate, em uma média de 220 mortes por mês, também afetava a moral da tropa. Outra questão importante era que o soldado afegão não estava comprometido com a missão de lutar contra os mujahidin, uma vez que ele não entendia porque deveria lutar pela revolução que trouxe muitos problemas para sua família (GIUSTOZZI, 2015; GRAU e GRESS, 2002).

4.2.7 Infraestrutura

O Afeganistão não possuía uma infraestrutura militar apropriada para apoiar um grande esforço de guerra, sendo que havia poucas indústrias no país, que era

majoritariamente agrário. O governo priorizou a construção de arsenais de manutenção materiais militares, o que incluía veículos, pneus e armamento, apesar de que não foram suficientes para prover a prontidão logística necessária (GRAU e GRESS, 2002).

Desde o início da ocupação soviética, houve uma grande pressão para se aumentar o número de unidades e grandes unidades do Exército, mesmo que não houvesse efetivo suficiente para completar essas organizações militares. Entretanto, muitas instalações eram inapropriadas nas regiões mais afastadas. No início da ocupação soviética, os acampamentos para os soldados eram bastante precários, os quais dormiam em barracas sem muita proteção. Muitas melhorias tiveram que ser implementadas, com construção de alojamentos, banheiros, bibliotecas e outras facilidades. A segurança dos quartéis foi aumentada, com o grande emprego de minas terrestres nas imediações. A construção dessas instalações era prioritariamente próxima a infraestruturas críticas (GRAU e GRESS, 2002).

Quanto a infraestrutura de recrutamento, ela também era precária no início da intervenção e demorou a ser aprimorada. Entre 1983 e 1984, havia centros apropriadamente equipados apenas em Cabul, Nangrahar, Balkh, Herat e Kunduz. Em algumas províncias, prisões eram utilizadas com centro de recrutamento. Esses centros só podiam existir em áreas controladas pelo Exército afegão, o que variou ao longo dos anos da invasão soviética, dado o domínio da resistência em muitas regiões do país (GIUSTOZZI, 2015).

4.3 RETIRADA SOVIÉTICA E SEUS REFLEXOS

Desde o início da invasão soviética, percebeu-se o quão difícil seria estabilizar o Afeganistão, com a neutralização das forças de resistência e o fortalecimento da autoridade do governo central. A ideia original de que com o apoio soviético as Forças Armadas afegãs pudessem ser reestabelecidas e de que o novo regime pudesse controlar o país em cerca de 6 a 12 meses fracassou (GIUSTOZZI, 2015). A longa permanência dos soviéticos no Afeganistão acarretou muitas baixas soviéticas e um custo financeiro elevado, o que trouxe questionamentos sobre a continuidade da intervenção. A partir de 1985, o Politburo soviético começou a discutir a retirada do

Afeganistão. A ideia proposta por Gorbachev foi retrair parte das tropas em dois anos e o restante no ano seguinte, o que foi aceito pelo comitê (MALEY, 2002).

Tão logo a URSS iniciou o seu planejamento para a retirada do Afeganistão, os soviéticos buscaram realizar diversos arranjos externos junto à ONU e a outros importantes atores, como os EUA e o Paquistão. Os soviéticos queriam sair do Afeganistão com a condição de que os EUA e outros países parassem de continuar apoiando os insurgentes mujahidin. Por outro lado, os soviéticos também foram forçados a negociarem com os insurgentes, na tentativa de resgatar soldados soviéticos e propor uma transição estável, de maneira que o futuro governo do Afeganistão fosse compartilhado com todas as forças políticas do país e que tivesse proximidade com a URSS (MALEY, 2002).

Em 14 de abril de 1988, foram assinados os Acordos de Genebra, envolvendo Afeganistão, Paquistão, EUA e URSS. Os acordos instituíram alguns instrumentos como a não interferência no Afeganistão, o apoio ao regresso dos refugiados e a retirada soviética do Afeganistão. Entretanto, a resistência afegã não participou dos acordos. Em 15 de maio de 1988 a URSS iniciou a sua retirada do país, o que foi concluída em 15 de fevereiro de 1989, após quase 10 anos de ocupação, diante da derrota para a resistência mujahid, contrariando os prognósticos de que a URSS conseguiria consolidar a sua conquista (VISSACRO, 2016). Para Huntington (1998), foi a primeira resistência bem-sucedida a uma potência estrangeira que não estava baseada em princípios nacionalistas ou socialistas, mas sim em princípios islâmicos, tendo, portanto, grande repercussão no mundo muçulmano. Além disso, ela foi decisiva para o desfecho da Guerra Fria, considerada por Huntington como a Waterloo daquele conflito que durava quase cinco décadas.

A retirada soviética ocorreu durante o governo Mohammad Najibullah (antigo chefe do serviço de inteligência governamental – KhAD, que havia substituído Karmal em maio de 1986. Najibullah teve que enfrentar diversos antagonismos e disputas internas durante o seu governo, ao passo que vivenciava uma guerra interna contra um poderoso inimigo – o autoproclamado Governo Interino Islâmico. Com a saída soviética, esperando o agravamento dos conflitos internos, as representações diplomáticas de diversos países como França, Alemanha, Japão, Reino Unido e Estados Unidos deixaram Cabul. O Afeganistão caminhava para se tornar um Estado falido com o isolamento do governo de Najibullah (MALEY, 2002).

A retirada soviética do Afeganistão deixou um rastro de destruição política, econômica e social. A infraestrutura estratégica do país estava severamente comprometida. Escolas e rodovias estavam em situação precária. A agricultura, importante fonte econômica do país, estava pior do que no início da invasão soviética. A balança comercial e a dívida externa do país pioraram se comparadas com o início da intervenção e a inflação na década de 1980 aumentou em quase 1000%. O orçamento do país era quase todo comprometido com o pagamento de despesas correntes, sem margem para investimentos. Além disso, as instituições do país careciam de legitimação após anos de personalismo, ideologismo e violência coercitiva. Agravam, ainda, a questão política as constantes disputas entre Parcham e Khalq e os conflitos étnicos entre Pashtuns, Tadjiques, Hazaras, entre outros. Socialmente, a população do país vivia em uma precária condição social, com alta taxa de mortalidade (MALEY, 2002).

Mesmo após a retirada soviética do Afeganistão, o governo de Najibullah continuou recebendo apoio financeiro e militar da URSS. Estima-se em uma ajuda de U\$ 300 milhões por mês, o que era fundamental para o governo central manter o apoio das milícias locais. Entretanto, sabia-se que esse suporte não duraria para sempre. Em setembro de 1991, soviéticos e norte-americanos acordaram que não continuariam apoiando financeiramente o Afeganistão, o que significava o fim do apoio financeiro soviético ao governo de Najibullah e do apoio financeiro aos insurgentes pelos EUA. A grande estrutura das Forças Armadas do Afeganistão implementada pelos soviéticos não poderia ser sustentada pelas elites afegãs, o que ficou muito evidente após a retirada dos soviéticos do país. Diante do avanço das forças de resistência e do colapso do seu governo, Najibullah buscou ainda o apoio da ONU, mas já era tarde. Em março de 1992, o governo de orientação Marxista-Leninista no Afeganistão comandado por Najibullah caiu, dando lugar em pouco tempo a um Governo Islâmico sob a presidência de Burhanuddin Rabbani (GIUSTOZZI, 2015; MALEY, 2002).

O governo islâmico de maioria Tadjique e presidido por Rabbani contava com o apoio de Ahmed Shah Massoud, também de origem Tadjique, o qual se tornou Ministro da Defesa de Rabbani. Entretanto, esse novo governo não contava com o amplo apoio dos mujahidin, em especial daqueles de origem Pashtun, comandados por Gulbundin Hekmatyar, que almejava ser presidente do país e recebia o apoio do

Paquistão. Sem conseguir constituir um governo apoiado pelas diversas milícias mujahidin, Rabbani só conseguia governar na capital e arredores (MALEY, 2002).

Entre 1992 e 1993 ocorreu a completa desintegração do Exército do Afeganistão, substituído pelas forças insurgentes. Isso já havia sido previsto no Acordo de Peshawar, em 25 de Abril de 1992, em que as organizações islâmicas estabeleceram que o exército, a polícia e outras forças de segurança deveriam passar por um processo de limpeza e renovação para assim representar os grupos da Jihad islâmica. Coube ao Ahmad Shah Massoud implementar essas medidas e fazer com que as unidades regulares fossem tomadas pelas forças insurgentes (GIUSTOZZI, 2015).

A desintegração do Exército afegão foi a consolidação do fracasso da intervenção de uma das duas maiores potências militares da época. Como visto, a URSS realizou um grande investimento na reestruturação desse exército, com o envolvimento de diversos conselheiros, e ainda envolveu um grande efetivo militar para lutar contra a resistência afegã. Caso essa reestruturação fosse bem sucedida, ela poderia permanecer como um instrumento de sustentação do governo. Com a retirada soviética do Afeganistão, o Exército afegão durou ainda cerca de três anos.

5. INTERVENÇÃO NORTE-AMERICANA NO AFGANISTÃO

Este capítulo propõe-se a analisar como ocorreu a invasão norte-americana no Afeganistão, no período de 2001 a 2021, ressaltando como ocorreu a reestruturação das Forças Armadas afegãs nesse período e comparando com o período soviético.

5.1 ANTECEDENTES DA INTERVENÇÃO

Durante o período de 1992 a 1996, o Afeganistão viveu uma guerra civil entre forças mujahidin que disputavam pelo controle da capital Cabul, o que levou a um grande bombardeio da cidade. Nesse período de desordem, surgiram diversas forças locais e regionais que buscavam controlar suas áreas, onde cobravam taxas, praticavam roubos e cultivavam ópio, dentre outras atividades exploratórias. Na região de Jalalabad, além da exploração do ópio, havia o consentimento para o treinamento de extremistas árabes. Foi nessa região que Osama Bin Laden se estabeleceu em 1996 (MALEY, 2002).

O Paquistão teve papel importante para contribuir com a desordem do Afeganistão, dando grande suporte a forças de oposição ao governo. Inicialmente, apoiaram Hekmatyar, líder do grupo político e paramilitar Hezb-e Islami. Esse grupo foi uma das principais forças de oposição a Rabbani, mas não teve êxito em conquistar o governo central do Afeganistão. Ante os fracassos de Hekmatyar para derrubar Rabbani, o Paquistão priorizou o apoio ao Talibã, outra força paramilitar que se fortalecia no Afeganistão. O Talibã foi organizado por ex-mujahidin e fundamentalistas religiosos oriundos das madraças paquistanesas, insatisfeitos com a desordem no Afeganistão. Surgiu em 1994 sob a liderança de Mohammed Omar como um movimento de extremo rigor religioso, de maioria sunita e Pashtun e extremamente hostil às demais minorias e aos xiitas do Afeganistão (MALEY, 2002).

Com o apoio do Paquistão e o suporte financeiro do saudita Osama Bin Laden, o Talibã avançou rapidamente no controle da região sul do Afeganistão. Já em 1994, dominava a cidade de Kandahar e, no ano seguinte, a cidade de Herat, a oeste. Em setembro de 1996, eles tomaram a cidade de Jalalabad e no mesmo mês tomaram o controle de Cabul, após a retirada das forças comandadas por Massoud. O governo do Talibã passou a dominar a maior parte do Afeganistão, mas ainda havia

importantes polos regionais de oposição, os quais se tornaram alvos do Talibã. Dois dos principais polos regionais de oposição eram a região de Mazar-i Sharif, controlada por Abdul Dostum, e o nordeste do país, no Vale do Panjshir, controlado por Massoud. Mazar-i Sharif caiu nas mãos do Talibã em 1997, mas Massoud continuou resistindo, permanecendo na liderança da Aliança do Norte até 2001 (MALEY, 2002).

O Emirado Islâmico do Talibã transformou a realidade cultural existente no Afeganistão com a aplicação rigorosa da xaria, a qual usavam como um código rígido de regras com penalidades previstas. Para isso, criou a Polícia Religiosa que não adotava o devido processo legal para declarar inocentes em culpados quando quisesse. Os direitos das mulheres foram restringidos, impondo regras como a obrigação do uso da burca. Os direitos políticos da população também foram restringidos e patrimônios culturais e históricos foram destruídos. Na conquista das regiões mais ao norte, onde viviam diferentes etnias como Hazaras e Uzbeques, diversos massacres foram cometidos, como os ocorridos em Mazar-i Sharif e Yakaolang. Economicamente, passou a depender do apoio financeiro externo do Paquistão, da cobrança exploratória de tarifas alfandegárias em rodovias e da exploração de atividades criminosas. O Talibã fez do Afeganistão o maior produtor mundial de ópio (MALEY, 2002).

Após a tomada de Cabul, o Talibã buscou o reconhecimento internacional como o governo do Afeganistão e representante na ONU. Entretanto, só obteve o reconhecimento do Paquistão, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos. Havia preocupação internacional com as violações aos direitos humanos que ocorriam no Afeganistão, sob o controle do Talibã. Outra preocupação, particularmente dos EUA, era com o abrigo de terroristas como Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda. Em 1998, os ataques terroristas contra as embaixadas dos EUA do Quênia e da Tanzânia foram creditados ao grupo de Bin Laden, o que levou o presidente norte-americano Bill Clinton a ordenar o lançamento de mísseis Tomahawk contra um centro de treinamento de Bin Laden em Jalalabad. Entretanto, Bin Laden conseguiu fugir antes do lançamento dos mísseis e continuou sendo procurado pelos EUA. Tais eventos tornaram Bin Laden conhecido internacionalmente, ao passo que a Comunidade Internacional pressionou ainda mais o Talibã por proteger Bin Laden. Em 1999, os EUA impuseram diversas sanções sobre o Talibã, como congelamento de ativos e proibição de transações com o grupo. A ONU também pressionou o Talibã no mesmo

ano, com uma resolução que exigia a entrega de Bin Laden, o que não foi acatado pela liderança do governo Talibã (MALEY, 2002).

É importante ressaltar que Osama Bin Laden começou a atuar no Afeganistão desde a invasão da URSS, quando ele liderou um grupo de voluntários sauditas para lutar contra os soviéticos. De origem saudita e filho de um magnata do setor da construção, Bin Laden foi influenciado na universidade pelo palestino Dr Abdullah Azzam. Com a invasão soviética, ele foi para o Afeganistão para lutar ao lado da resistência mujahid em 1984, onde se aproximou do líder islâmico Hekmatyar, vindo a criar a Al-Qaeda em 1989. Em virtude da retirada da URSS do Afeganistão e do assassinato de Abdullah Azzam, ele retornou à Arábia Saudita. Na Guerra do Golfo, ele ficou decepcionado com o apoio dado pelo regime saudita aos EUA, ao permitir o desdobramento das forças norte-americanas no país. Desde então, Bin Laden passou a ver os EUA como mais uma grande potência a ser combatida, assim como foi a URSS no Afeganistão. Em 1991, foi para o Sudão, onde ficou até 1996, quando retornou ao Afeganistão e deu prosseguimento aos seus planos contra os EUA (MALEY, 2002).

Em 9 de setembro de 2001, dois dias antes dos ataques às Torres Gêmeas em Nova York, Bin Laden havia orquestrado um outro atentado terrorista que matou o líder da Aliança do Norte, Ahmad Massoud, eliminando um importante oponente do Talibã no Afeganistão. Fingindo serem jornalistas belgas, terroristas árabes da Al-Qaeda conseguiram marcar uma entrevista com Massoud. Durante a entrevista, um artefato escondido na câmera explodiu, vindo a matar Massoud, o que só foi confirmado semanas depois (MALEY, 2002). Esse atentado foi ofuscado pelo ocorrido dois dias depois, quando foi inaugurada uma nova era de combate ao terrorismo e que levou à queda do Talibã no Afeganistão em dezembro 2001.

Às 8:45 de 11 de setembro, um avião da American Airlines que partiu de Boston em direção a Los Angeles colidiu com a torre norte do World Trade Center em Nova York. Quando ainda se discutia o que teria acontecido, 20 min depois, um avião da United Airlines que também partira de Boston em direção a Los Angeles veio a colidir com a outra torre do World Trade Center, gerando uma onda mundial de pânico pela certeza de que um dos principais símbolos de poder econômico dos EUA havia sofrido um atentado terrorista. O pânico aumentou quando se verificou que outras duas aeronaves estavam fora de rota, podendo levar a mais ataques. Às 9:39, uma

aeronave da American Airlines que partira de Washington DC em direção a Los Angeles caiu nas instalações do Pentágono, Quartel-General do Departamento de Defesa dos EUA, símbolo do poder militar do país. Às 10:10, uma aeronave que havia partido de Newark com destino a São Francisco caiu próximo a Pittsburgh, aparentemente em função dos tripulantes terem tomado a aeronave dos sequestradores, impedindo que outra instalação relevante fosse atingida. No total, 2893 pessoas morreram nos ataques em Nova York e mais 233 morreram no ataque ao Pentágono e na queda do avião em Pittsburgh (MALEY, 2002).

Os ataques de 11 de setembro foram considerados, na sua totalidade, o maior ataque terrorista da história e estabeleceram um novo paradigma sobre as organizações terroristas como grupos messiânicos e sobre um mundo povoado de inimigos capazes de trazer o terror. Para os EUA, o evento foi comparado aos ataques a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, que levou o país a declarar guerra ao Japão. A magnitude do 11 de setembro mostrou o crescimento da organização terrorista de Bin Laden, a qual contava com a proteção do governo Talibã no Afeganistão (MALEY, 2002).

5.2 GUERRA AO TERROR NO AFEGANISTÃO

Os ataques de 11 de setembro geraram um grande clamor por vingança contra a Al-Qaeda e o Talibã, seja nos EUA ou no exterior, com vários países condenando as ações terroristas e se dispondo a apoiar os EUA. Prontamente, os norte-americanos começaram a planejar como seriam a resposta do país à Al-Qaeda e ao Talibã, o que envolvia uma ação possivelmente militar no Afeganistão. Cientes do fracasso da intervenção soviética naquele país, os norte-americanos queriam evitar um combate de larga escala. Além disso, considerando a localização do Afeganistão, os EUA não tinham aliados vizinhos àquele país, mas alguns inimigos como o Irã. Um país importante para possibilitar o combate ao Talibã era o Paquistão, em virtude do apoio que o país dava ao grupo. Outro ponto importante para os EUA era contar com forças internas no Afeganistão, que também combatessem o Talibã, como as forças da região norte e nordeste do Afeganistão, sendo a Aliança do Norte a melhor opção norte-americana, ainda mais com a sede de vingança do grupo pela morte de Ahmad Massoud (MALEY, 2002).

Politicamente, a administração Bush conseguiu a aprovação de uma ajuda secreta para grupos que lutavam contra o Talibã (conhecidos como *United Front*) e passou a pressionar para que países próximos ao Talibã isolassem o grupo. Militarmente, ainda em setembro de 2001 iniciou a preparação e concentração estratégica de tropas, com o posicionamento dos porta-aviões Enterprise e USS Carl E. Vinson no norte do Oceano Índico. Empregou diversos grupos de Inteligência da Agência de Inteligência Central dos EUA (CIA) e tropas de Operações Especiais para fazerem contato com as forças do *United Front*, angariando apoio e reconhecendo posições do Talibã, por meio da operação secreta *Jawbreaker*. No início de outubro, deslocou 1000 militares para a base aérea Karshi-Khanabad (K2), no Uzbequistão. No dia 07 de outubro, iniciou a Operação *Enduring Freedom* (Liberdade Duradoura), um ataque massivo contra as posições do Talibã e da Al-Qaeda no Afeganistão, empregando 15 bombardeiros, entre aeronaves B-52, que haviam decolado da Base Aérea Whiteman, em Kansas City, e aeronaves Stealth B-1, que decolaram da ilha de Diego Garcia, no Oceano Índico. Empregaram, ainda, 25 caças (F-14 e F-18) que estavam nos porta-aviões localizados no Oceano Índico. Além disso, lançaram 50 mísseis de cruzeiro Tomahawk a partir de navios e submarinos. Os alvos eram campos de treinamento do Talibã e da Al-Qaeda, além de postos de comando e estruturas importantes desses grupos, utilizando, inclusive, sistemas de guiamento de munição laser (MALEY, 2002).

A campanha aérea-estratégica, visando atingir estruturas e alvos importantes do Talibã, permaneceu por muitos meses, empregando também aeronaves remotamente pilotadas como o RQ-1 Predator e permitiu o desdobramento de tropas em terra e o avanço das forças da *United Front*. Em poucos dias do mês de novembro, importantes cidades controladas pelo Talibã foram tomadas pelas forças da *United Front*, com destaque para as cidades de Mazar-al Sharif, Herat e a capital Cabul. A chegada da Aliança do Norte a Cabul foi celebrada pela população que se considerava livre do domínio Talibã. Entretanto, as grandes cidades de maioria Pashtun demoraram um pouco mais, tendo a cidade de Kandahar sido libertada, finalmente, em 9 de dezembro de 2001, sob a liderança de Hamed Karzai. Chegava-se, assim, ao fim da era do Talibã no Afeganistão, ao menos durante alguns anos, com a crença do governo norte-americano de que havia destruído a Al-Qaeda, não permitindo a

proliferação de terroristas no Afeganistão. Contribuiu para a queda do Talibã a diminuição do suporte oriundo do Paquistão (MARLEY, 2002).

O amplo emprego de meios militares dos EUA foi crucial para a rápida queda do grupo no Afeganistão. Para Echevarria (2011), a arte operacional norte-americana esteve perto da perfeição durante o início das operações no Afeganistão, entre 2001 e 2002, tendo em vista a rápida queda do Talibã e as poucas casualidades. Os resultados iniciais, do ponto de vista militar, foram quase totalmente atingidos, apesar de não se alcançar os objetivos políticos do país. Alguns analistas destacam o sucesso da Guerra Centrada em Redes, aumentando a integração entre forças terrestres e aéreas e entre os elementos de manobra (desde pequenos grupos de forças especiais a fogos indiretos). Entretanto, esse êxito foi apenas no início, não persistindo quando em 2003 surgiu a insurgência, para a qual os EUA e seus parceiros não estavam preparados (ECHEVARRIA, 2011).

É importante destacar que a situação interna no Afeganistão no início da intervenção soviética era bem diferente da situação encontrada pelos norte-americanos. Segundo Maley:

“No tempo da invasão soviética, a maior parte do Afeganistão não estava em crise e os moradores do interior uniram-se para resistir contra o que eles interpretavam como uma ameaça ao modo de vida que eles valorizavam. Por outro lado, em 2001, a maior parte do Afeganistão estava em crise, como resultado de duas décadas de destruição em massa e deslocamento de população, aumentada com a repressão Talibã e os efeitos da seca. Para muitos afegãos, a intervenção dos EUA criou uma oportunidade para reordenar o espaço político” (MALEY, 2002: 267).

5.3 SUSTENTAÇÃO DO NOVO GOVERNO AFEGÃO

A intervenção norte-americana teve o consentimento da ONU no contexto da responsabilidade de proteger, que não visava a destruição da cultura e religião afegã (*International Commission on Intervention and State Sovereignty*, 2001). Ciente da importância do envolvimento dos países vizinhos do Afeganistão e dos EUA e da Rússia, a ONU promoveu uma reunião em 12 de novembro de 2001 com representantes desses países para estabelecer uma administração afegã com uma ampla base, multiétnica, politicamente equilibrada e livremente escolhida, que estaria em paz com seus vizinhos (United Nations, 2001d: Anexo). A reunião teve o aval do

Conselho de Segurança da ONU e o passo seguinte foi reunir os representantes das principais forças do *United Front* que lutaram contra o Talibã. O encontro foi realizado entre os dias 27 de novembro e 05 de dezembro de 2001 em Bonn, na Alemanha, marcado por desgastantes negociações entre os grupos afegãos, chegando-se ao Acordo sobre disposições provisórias no Afeganistão até a queda definitiva do Instituição Governamental Talibã. O acordo teve o aval do Conselho de Segurança por meio da Resolução 1383, a fim de prover uma estrutura mínima estatal, com uma Administração Interina e chefiada por um Chairman. A escolha do Chairman foi disputada, mas chegou-se ao consenso com o moderado Pashtun Harmed Karzai. Karzai tinha formação acadêmica na Índia e falava fluentemente Pashtu, Persa e Inglês. Tinha um grande conhecimento das complexidades étnicas do país e habilidade para trabalhar com não-Pashtuns e com os norte-americanos (MALEY, 2003).

No anexo I da Resolução 1383 da ONU constou a solicitação de assistência da comunidade internacional para ajudar a nova autoridade afegã no estabelecimento e treinamento das novas forças armadas e de segurança do Afeganistão. Havia também a solicitação de autorizar o desdobramento de tropas da ONU para apoiar a segurança de Cabul e arredores da capital. Em 20 de dezembro de 2001, o Conselho de Segurança da ONU aprovou a Resolução 1386, autorizando o envio da Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF) a fim de prover a segurança de Cabul e apoiar o desenvolvimento de um exército nacional unificado no Afeganistão. Dessa forma, a Conferência de Bonn estabeleceu as bases para a reconstrução do Afeganistão (*nation-building*), inclusive das suas forças armadas e de segurança, com o envolvimento de diversos grupos internos do Afeganistão e com o apoio da ONU. A responsabilidade pela ISAF passou para a OTAN em outubro de 2003 por meio da Resolução 1510 do Conselho de Segurança da ONU, que ampliou o mandato da ISAF (sob comando da OTAN) para além de Cabul, alargando o perímetro securitário para todo o Afeganistão, permitindo um maior combate ao narcotráfico, o desenvolvimento de estruturas necessárias para as forças de segurança afegãs e dando melhores condições para as equipes de reconstrução do país (PINTO, 2009).

Apesar dos esforços internacionais para adotar uma estratégia de *nation-building* do Afeganistão, a administração Bush não apoiava essa ideia. Com o sucesso inicial contra o Talibã, acreditava-se que a guerra tinha acabado, restando apenas o

combate ao terrorismo. Nesse sentido, a abordagem inicial dos EUA foi de *light footprint*, de maneira a não se envolver muito no combate terrestre e não investir tanto na reconstrução do país. Esperava-se que as tropas norte-americanas pudessem se retirar do país até 2004. Nos primeiros anos, poucos recursos foram disponibilizados para estruturar o novo governo e reestruturar as forças de segurança e de defesa do país (SIGAR, 2021).

A queda do Talibã no governo do Afeganistão apenas significou a dispersão do grupo, cujas lideranças fugiram para o Paquistão ou se esconderam em locais afastados do Afeganistão. Já em 2002, com a negligência das forças interventoras em fortalecer as forças de segurança e de defesa do Afeganistão, essas lideranças começaram a se organizar, mas sem poucos recursos. A partir de 2003, com o apoio do Paquistão, a resistência afegã tornou-se mais organizada, o que chamou a atenção dos EUA e da ISAF. Aos poucos, a população afegã das zonas rurais passou a aderir à resistência Talibã, em função da atração financeira exercida pelo movimento, que obtinha grandes receitas com a venda do ópio. Os insurgentes podiam receber um salário mensal médio de U\$ 100, superior ao das forças de segurança nacionais, que recebiam cerca de U\$ 70. Além disso, havia insatisfação da população com o Governo de Karzai, considerado ineficiente, corrupto e autoritário (BARFIELD, 2010; PINTO, 2009).

Entre 2002 e 2005, apesar dos problemas e desafios presentes no Afeganistão, os EUA consideravam que estavam alcançado seus objetivos naquele país, pois os conflitos eram relativamente baixos, as eleições para presidente em 2004 haviam ocorrido sem violência e não havia grandes problemas a frente. Com isso, o país se preparava para deixar a ISAF assumir mais responsabilidades e reduzir seu efetivo no país. Contudo, a partir de 2006 a situação começou a mudar com o fortalecimento do Talibã, a fraqueza do governo central de Karzai, marcado por casos de corrupção, o crescimento da produção de ópio e a desorganização crescente da ISAF para prover condições necessárias de reconstrução do país. Nesse sentido, a administração Bush teve que reconsiderar o papel dos EUA no Afeganistão, assumindo mais responsabilidades na capacitação de forças de segurança e de defesa, bem como investindo no aumento do efetivo dessas forças (BARFIELD, 2010; SIGAR, 2021).

Com a posse de Obama como presidente dos EUA em janeiro de 2008, a estratégia para o Afeganistão foi revista, determinando-se priorizar o apoio ao

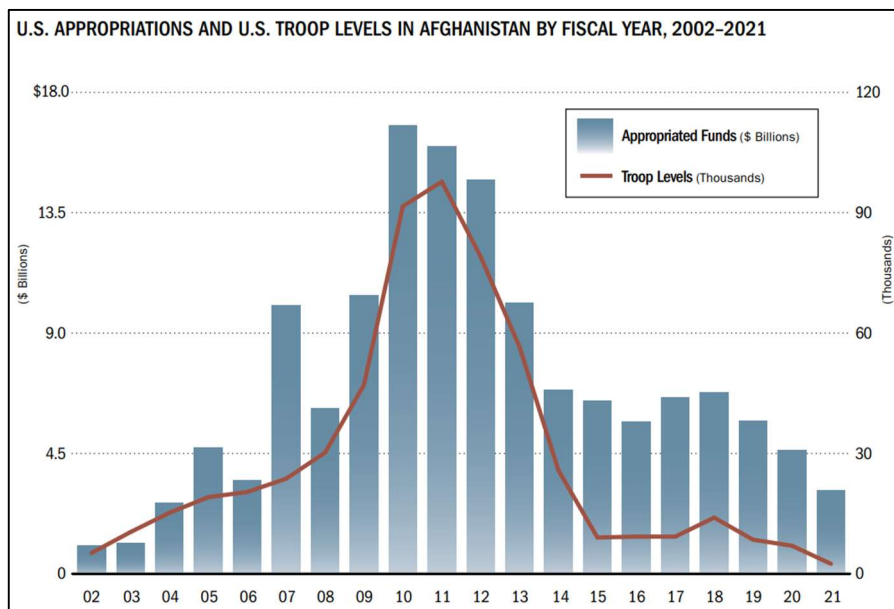
Afeganistão onde os ataques e a insegurança estavam fora de controle. Para isso, aumentou significativamente o número de militares e civis norte-americanos no país, a fim de conter a insurgência e proteger a população, permitindo uma maior efetividade do governo afegão. Com os grandes investimentos no Afeganistão realizados pelo governo Obama ficou-se mais evidente a corrupção no governo afegão, mesmo com a criação de novas agências e mecanismos para prover a prestação de contas do investimento realizado. O grande efetivo de militares do US Army, que deveriam atuar como conselheiros e instrutores das Unidades afegãs, acabou assumindo a responsabilidade dos militares do ANA, o que aumentou, por algum tempo, a capacidade de lidar com a insurgência. Contudo, a longo prazo essa situação gerou ainda mais dependência da liderança dos militares norte-americanos, bem como dos seus meios de suporte aéreo e médico (SIGAR, 2021).

É importante ressaltar que a manutenção das linhas comunicações e suprimentos era um constante desafio para a sustentação do esforço de guerra no Afeganistão. As constantes desconfianças em relação ao Paquistão e a necessidade de diminuir os custos logísticos forçavam a OTAN buscar eixos alternativos para suprimentos de suas tropas no Afeganistão. Nesse sentido, em abril de 2008 foi assinado um acordo entre a OTAN e a Rússia para permitir o trânsito de cargas não letais pela Rússia e Ásia Central, favorecendo a chegada de suprimentos logísticos por uma região mais segura do Afeganistão (CHANDRA, 2008).

No final de 2010, Obama anunciou que em 2014 haveria a retirada das tropas norte-americanas, com o início da transferência da segurança e defesa do Afeganistão para o governo afegão a partir de 2011. Na corrida para seguir o calendário planejado de retirada, focava-se no combate ao Talibã e na expansão da autoridade do governo afegão sobre o seu território. Nesse intuito, áreas de grande insegurança eram escolhidas para o desdobramento de tropas e combate à insurgência. Quando a área era pacificada, as tropas deslocavam-se para outra área turbulenta. Contudo, após a retirada das tropas, o Talibã reassumia o controle desses locais, o que trouxe efeitos superficiais e transitórios. Concomitantemente, a ajuda financeira dos EUA ao Afeganistão começou a diminuir a partir de 2011, depois de um grande investimento entre 2009 e 2010. Em 2014, essa ajuda era 40 por cento de 3 anos antes. A diminuição do investimento norte-americano na economia afegã gerou uma crise

econômica no país, com aumento de desemprego e de atividades ilícitas (SIGAR, 2021).

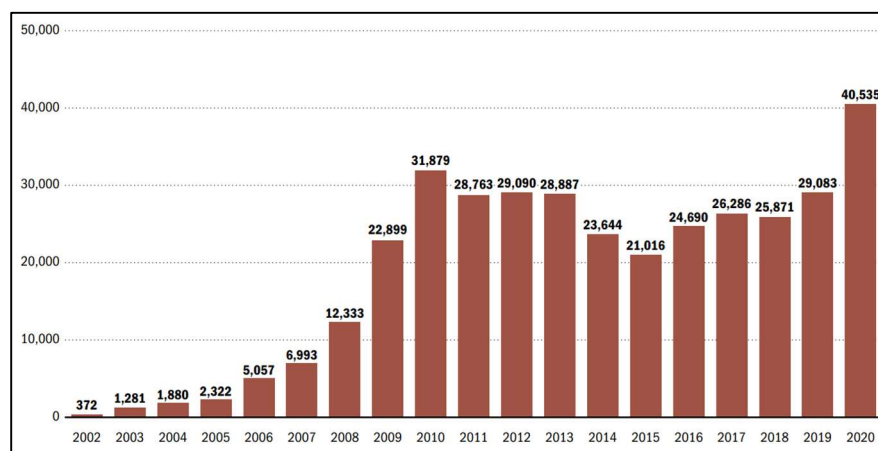
Tabela 1: Investimentos e efetivo de militares no Afeganistão de 2002 a 2021



Fonte: SIGAR, 2021

O Talibã, que se mostrou resiliente ante o aumento de tropas norte-americanas a partir de 2009, continuou realizando ataques contra as forças de segurança e de defesa, tornando-se mais encorajado com a perspectiva de retirada das tropas estrangeiras do Afeganistão em 2014. Diante do crescimento da insurgência, os EUA tiveram que mudar o planejamento para a retirada das tropas, postergando constantemente esse prazo (SIGAR, 21).

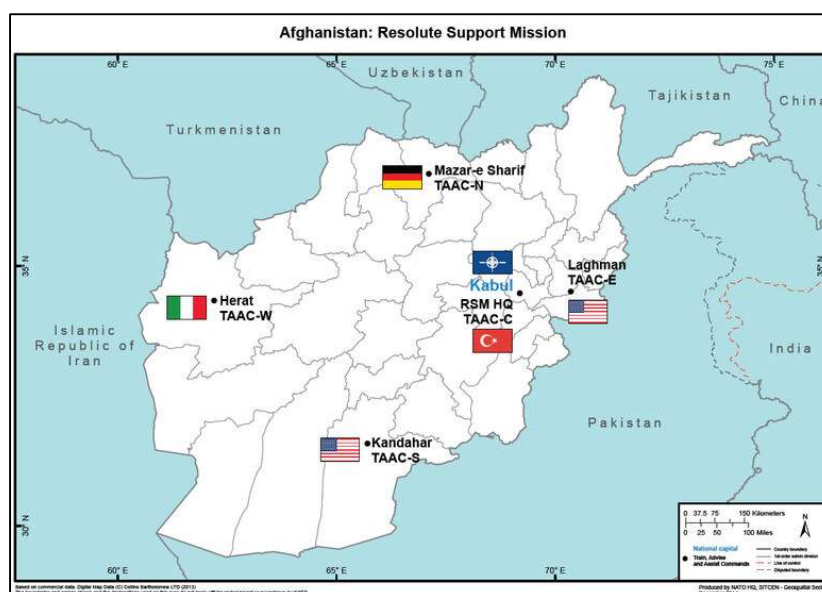
Tabela 2: Ataques iniciados pela insurgência (2002-2020).



Fonte: SIGAR, 2021

Em dezembro de 2014, os EUA e a OTAN finalizaram a missão da ISAF e iniciaram a missão *Resolute Support*. O foco passou a ser o desenvolvimento das Forças de Segurança e Defesa Nacional do Afeganistão, sem envolvimento em combate. Estruturalmente, a missão tinha um Quartel General em Cabul e 5 centros regionais, sob responsabilidade de diferentes países. Com a missão *Resolute Support*, os EUA também encerraram a Operação *Endure Freedom* e iniciaram a *Freedom's Sentinel*, mantendo uma força específica para realizar apoio à *Resolute Support* e atividades de contraterrorismo (OTAN, 2022; SIGAR, 2021).

Figura 8: Missão *Resolute Support* no Afeganistão



Fonte: OTAN, 2022.

Com a eleição de Trump, em 2017 uma nova estratégia foi adotada, buscando-se negociar decisivamente com o Talibã. As negociações levaram a um acordo em fevereiro de 2020, entre os EUA e o Talibã, com um prazo final para a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão, enquanto o Talibã se comprometia em conter o terrorismo no país e negociar com o governo afegão. Entretanto, o rápido retraimento de efetivo militar dos EUA após o acordo tornou o governo afegão cada vez mais fragilizado, com pouco poder militar e econômico, o que desestimulou o Talibã para realizar acordo com as autoridades afegãs. Em abril de 2021, Biden confirmou os planos para a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão, o que veio a ocorrer em agosto do mesmo ano (SIGAR, 2021).

5.4 REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO AFGANISTÃO

O debate sobre como deveria ser o futuro das Forças Armadas e de Segurança do Afeganistão foi iniciado já em 2002, com os EUA ficando responsável pela reestruturação do Exército Nacional do Afeganistão (ANA), a Alemanha pela polícia, o Reino Unido pelo combate aos narcóticos, Itália pela reforma judiciária e Japão por desarmamento, desmobilização e reintegração (SIGAR, 2017). O ANA foi criado em 2002 do zero, com pouca inserção dos comandantes das milícias, conforme o desejo da OTAN e dos EUA. Contudo, o desenvolvimento do ANA passou a ser uma prioridade para os EUA a partir de 2006, quando as ações do Talibã se tornaram publicamente conhecidas, causando baixas nas tropas da ISAF. A opção pelo desenvolvimento do ANA também era melhor economicamente, tendo em vista que um soldado do ANA recebia US\$ 70,00 por mês, enquanto a OTAN gastava US\$ 4000,00 por dia para manter um soldado no Afeganistão. Nesse sentido, a intenção da ISAF era que o novo Exército do Afeganistão estivesse pronto até 2009 (CHANDRA, 2208; GIUSTOZZI, 2015).

Conforme dados do SIGAR (2021), os EUA investiram no ANA e nas demais forças de segurança e defesa mais de US\$ 83 bilhões. Essa foi a quarta vez nos últimos 150 anos que as forças militares do Afeganistão foram recriadas (JALALI apud CHANDRA, 2009). A seguir, será apresentado como ocorreu a reestruturação do Exército Nacional do Afeganistão durante o período da intervenção norte-americana e com o apoio da ONU, utilizando-se como modelo de análise os fatores determinantes de capacidade, conforme o Planejamento Baseado em Capacidades.

5.4.1 Doutrina

A doutrina adotada oficialmente pelo ANA era originada da doutrina do US Army, com uma tradução literal dos manuais norte-americanos, sem muita adaptação. Contudo, o que era transmitido dependia dos instrutores de diversos países da ISAF que realizavam as capacitações dos militares do ANA. A doutrina militar norte-americana não era orientada para conduzir operações de contra insurgência, que havia sido abandonada após El Salvador. Tendo que resgatar esse conhecimento, o US Army, juntamente com o US Marine Corps, publicou um manual sobre Contra Insurgência apenas em 2006, que, no entanto, não apresentava orientações para

operações de combate para lidar com a insurgência, mas focava em operações não-militares para gerar estabilidade (ECHEVARRIA, 2011). Semelhantemente, os soviéticos também não possuíam uma doutrina alicerçada para lidar com a insurgência, o que foi desenvolvida ao longo dos combates com os mujahidin.

Seguindo a ideia de britânicos e norte-americanos de criar um pequeno exército profissional, o ANA deveria ser uma força para controlar a ordem interna mais do que ter capacidade para lutar contra outro exército regular. Nesse sentido, inicialmente não havia foco em desenvolver a capacidade de defesa aérea, empregar tropas de infantaria blindada ou apoio de artilharia, por exemplo. Por outro lado, havia grande foco nas considerações civis em uma operação, tendo em vista a necessidade de lidar com a população civil. A estrutura limitada do ANA impedia a realização de operações de larga escala. Até 2011, o ANA foi treinado para servir como uma força auxiliar de uma força de intervenção, não estando preparado para se tornar um exército nacional, capaz de assumir o monopólio da força para o governo afegão. Entretanto, com os anúncios de retirada de tropa estrangeira, o Ministério da Defesa passou a assumir mais responsabilidades no planejamento e execução das operações, contando com o apoio aéreo e de inteligência da ISAF (GIUSTOZZI, 2015). Por outro lado, desde o início da intervenção soviética, havia a ideia de aprimorar as forças militares afegãs, com mais capacidades, sem necessariamente limitar-se a tarefas de estabilização do país.

Diferentemente dos soviéticos, o comando e controle dos norte-americanos era bastante centralizador, exigindo que decisões simples fossem tomadas com autorização dos escalões superiores, havendo uma tendência natural ao micro gerenciamento (GIUSTOZZI, 2015). Contribuía para essa situação, a disponibilidade de diversos meios de comunicações avançados, que permitiam o acompanhamento das operações a longa distância. Entretanto, as operações de contra insurgência exigiam maior nível de descentralização, pois os comandantes de pequenas frações deveriam ter mais iniciativa e rapidez para tomar decisões. Nesse sentido, o US ARMY adotou em 2009 como doutrina militar a filosofia do *Mission Command* em substituição ao Comando e Controle, buscando prover maior autonomia aos comandantes (BÓRQUEZ, 2012).

Os comandantes do ANA mantiveram o ethos da época da intervenção soviética de terem que ir a frente sem medo ou muito planejamento, não se

preocupando em proteger os flancos. Era comum não se preocuparem em levar suprimentos de água e comida nas operações e eram relutantes em realizar patrulhas longe da base. Também não davam muita atenção para a manutenção de uma reserva compatível para atuar nas diversas operações. Tal ethos modificou-se gradualmente com as novas gerações de oficiais (GIUSTOZZI, 2015).

5.4.2 Organização

Logo após a queda do Talibã, o Afeganistão foi tomado pelas forças dos Senhores da Guerra, verdadeiras milícias que contavam com cerca de 100 mil a 200 mil homens. Em parte, essas milícias foram absorvidas no início de 2002 pelas Forças Militares Afegãs (AMF), sob controle nominal do Ministério da Defesa afegão. O AMF era uma espécie de exército transitório, sem muito controle efetivo do Ministério da Defesa, sendo mais leais aos seus Senhores da Guerra. O grau de eficiência do AMF era baixo, bem como a disciplina dos soldados. O recurso distribuído pelo Ministério da Defesa nem sempre chegava a toda tropa ou permitia treinamento e mobilidade adequados. Até o final de 2002, foram estabelecidas mais 40 Divisões de Exército e variadas Brigadas, Regimentos e Batalhões independentes. O estabelecimento dessas Organizações Militares era conforme interesse do Ministério da Defesa, que fazia uso político da escolha dos locais. Nesse sentido, havia uma distribuição desproporcional de divisões pelo país, com grande concentração no norte e nordeste e poucas no sul e sudoeste do país. O AMF foi dissolvido entre 2003 e 2005, mas muitos grupos armados ilegais continuaram existindo, particularmente em algumas regiões na fronteira (GIUSTOZZI, 2015).

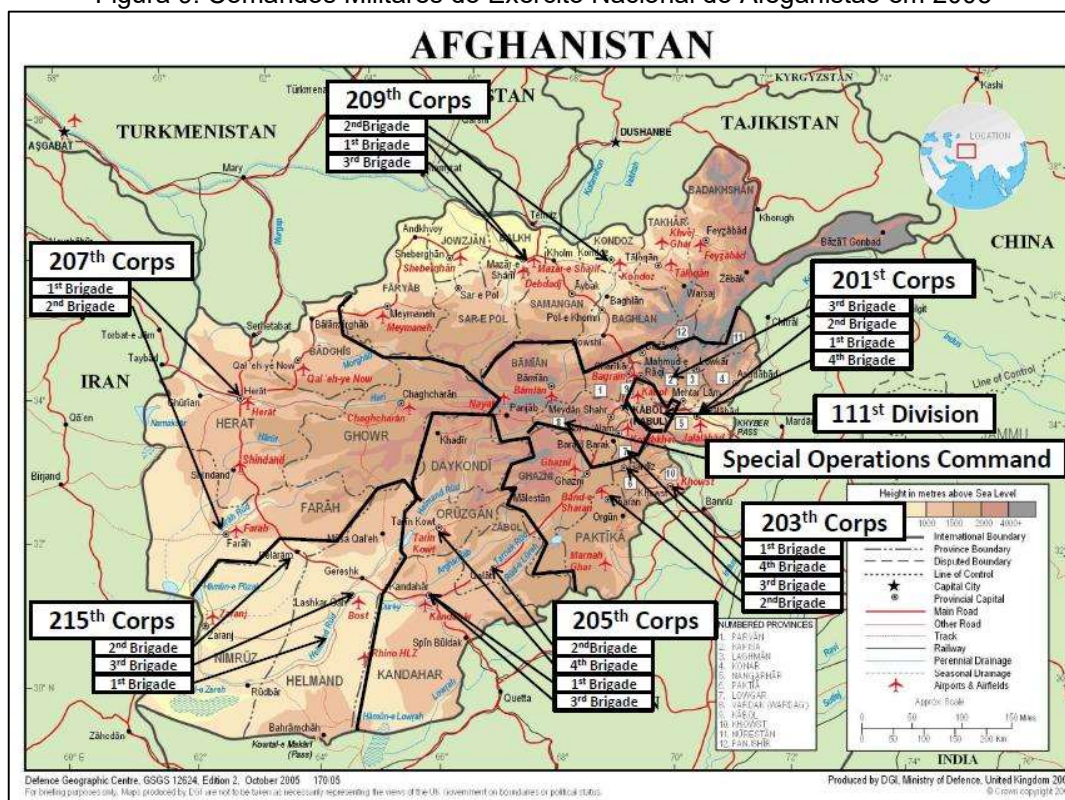
Até 2003, não havia uma cadeia de comando na área de segurança coesa e eficiente. Não havia o monopólio da violência, mas vários “feudos” que controlavam sua área de atuação de maneira quase independente (GIUSTOZZI, 2015). A permanência das milícias contribuía para esse quadro, chegando a serem empregadas de forma não-oficial para apoiar operações da ISAF. Algumas propostas surgiram para tornar algumas milícias forças governamentais, de maneira que nas áreas rurais as milícias mantinham grande controle (MALEY, 2015). Verifica-se uma grande diferença na geração de força durante a intervenção norte-americana em comparação com a soviética. Os soviéticos encontraram uma estrutura funcional, ainda que com limitações, o que favoreceu o aprimoramento com o apoio soviético.

Já no caso dos EUA, a estrutura militar era praticamente inexistente, havendo apenas as milícias dos Senhores da Guerra.

Em parceria com a OTAN, os EUA apoiaram o desenvolvimento das Forças de Segurança e de Defesa Nacional do Afeganistão, representadas pelo Exército Nacional do Afeganistão (ANA), Força Aérea do Afeganistão (AFF) e Polícia Nacional do Afeganistão (ANP), as quais deveriam se tornar autossustentáveis e independentes (SIGAR, 2023).

Ao Comando do ANA estavam subordinados seis Corpos de Exército, uma Divisão de Exército da Capital e um Comando de Operações Especiais. Os quartéis-generais de cada Corpo de Exército localizavam-se nas principais cidades do país, tendo subordinados cerca de 3 Brigadas, um Batalhão de Ação Rápida, um Destacamento de Helicóptero de Transporte, um Batalhão Logístico, um Batalhão de Apoio (FDD's Long War Journal, 2011).

Figura 9: Comandos Militares do Exército Nacional do Afeganistão em 2005



Fonte: FDD's Long War Journal (2011).

Para apoiar o preparo e emprego do Comando do ANA, havia o Comando de Integração de Segurança Regional do Afeganistão (ARSIC), que ficava junto ao Comando Combinado de Transição de Segurança (CSTC-A). O ARSIC integrava o planejamento do CSTC-A para implementar a reestruturação organizacional,

institucional e gerencial do ANA. Subordinados ao ARSIC estavam os Comandos Consultivos Regionais dos Corpos de Exército (RCAC), responsáveis por planejar, treinar e mentorear os Corpos de Exército e níveis inferiores. Nos RCAC havia Equipes de Treinamento Integrados (ETT), lideradas por militares norte-americanos, que planejavam e acompanhavam o adestramento das unidades e suas missões diárias, bem como aconselhavam e mentoreavam os comandantes do nível Subunidades para baixo. Havia também as Equipes de Ligação de Mentoria Operacional liderada pela ISAF (CHANDRA, 2008).

As lideranças afegãs pressionavam para o desenvolvimento de uma força aérea, ao passo que mandavam pilotos para treinarem nos EUA. A prioridade dos EUA era fortalecer as capacidades terrestres, tendo em vista o suporte aéreo já realizado pelos EUA e pela ISAF, além dos altos custos dos caças. Inicialmente, havia um Corpo de Aviação dentro do ANA, com previsão de que em 2009 haveria uma força aérea no país com um efetivo profissional de 8 mil homens. Entretanto, o desenvolvimento dessa capacidade foi lento, tendo em 2007 limitados meios aéreos, poucas aeronaves de carga e helicópteros. A Força Aérea do Afeganistão foi criada e em 2013, sendo capaz de realizar missões de ressuprimento, evacuação aeromóvel e assalto aéreo (GIUSTOZZI, 2015).

A Polícia Nacional do Afeganistão (ANP) era para ser desenvolvida pela Alemanha, mas os EUA assumiram o controle dessa missão a partir de 2003. Tinha como missão estabelecer a regra da lei e garantir a segurança local. No entanto, era uma missão secundária para os EUA, que buscou estruturar não seguindo padrões de uma polícia regular, mas como uma força militar para defesa local. O treinamento ficava a cargo de militares do US Army, sem expertise para formação de policiais, ou de empresas privadas da área de segurança. A ANP tornou-se uma força de segurança corrupta, que realizava detenções arbitrárias e tortura (SIGAR, 2023). No período soviético, as forças de segurança do Sarandoy receberam maior atenção, além de já terem uma estrutura anterior, o que lhe conferia maior eficiência e legitimidade junto à população local.

Outra estrutura importante para cooperar com a defesa e segurança do Afeganistão era o Diretório de Segurança Nacional (NDS), o serviço de inteligência estatal afegão criado com o apoio da CIA. O NDS também colaborava em operações de contra insurgência e coletava informações sobre insurgentes e terroristas nas

idades e distritos remotos do Afeganistão. Era bem estruturado, seja em área de atuação ou em setores especializados, mas carecia de profissionais capacitados e recursos (WARDAK et al, 2017). Diferentemente, o serviço de inteligência do período soviético (KhAD/WAD) era uma organização forte, com bons agentes e recursos, tendo grande prioridade no âmbito das organizações de segurança.

A integração do ANA com outras estruturas de segurança do Afeganistão era fraca inicialmente, dada a pouca colaboração existente entre o Ministério da Defesa, Ministério do Interior e Forças de Segurança Nacional do Afeganistão. A partir de 2010, a coordenação operacional entre o ANA e a Polícia Nacional do Afeganistão (ANP) melhorou, mas a cooperação na área de inteligência continuou fraca, dada a desconfiança entre esses órgãos pela possibilidade de haver insurgentes infiltrados (GIUSTOZZI, 2015). Tal falta de integração também foi observada no início da intervenção soviética, o que foi progressivamente aprimorado ao longo dos anos da intervenção, com a reorganização das estruturas de defesa e segurança.

Durante a transição da responsabilidade pela segurança do país para as forças afegãs em 2011, as milícias dos Senhores da Guerra passaram a ser vistas como solução potencial para os problemas de segurança no interior do Afeganistão, assim como eles faziam no início da derrubada do Talibã. As milícias cooptadas como forças de segurança locais ficaram conhecidas como Polícia Local do Afeganistão (ALP), mas apresentavam os mesmos problemas dos integrantes da ANP, como recrutamento fraco, treinamento fraco e abusos de direitos humanos. Alguns desses milicianos eram antigos insurgentes do Talibã. Dessa forma, a ALP tornou-se também uma fonte de insegurança (SIGAR, 2021). O emprego constante das milícias tribais, seja no início como AMF, ou posteriormente como ALP, assemelha-se com o emprego das milícias tribais pelos soviéticos, visando obter um maior apoio dos Senhores da Guerra e conter o avanço mujahid.

5.4.3 Adestramento

O apoio inicial para reestruturar as estruturas governamentais responsáveis pela segurança e defesa do Afeganistão foi conduzido em Centros de Treinamentos nos arredores de Cabul. A Força-Tarefa Combinada (CJTF) Phoenix, estabelecida em 2003, conduziu a capacitação inicial para o ANA e também para as forças policiais do Afeganistão. Foi estabelecido o Destacamento Canadense do Centro de Treinamento

Nacional Afegão com a finalidade de adestrar e mentorear o ANA. Ao sul de Cabul, Forças Especiais do ANA foram capacitadas pelas Forças Especiais do US Army. Na Base Aérea de Bagram, funcionava o Força-Tarefa Combinada 82 (CJTF-82), cuja missão principal era conduzir operações para destruir as forças remanescentes do Al-Qaeda e do Talibã e outros elementos hostis, mas que também apoiava na capacitação do ANA (CHANDRA, 2009).

Em abril de 2006, foi estabelecido o Quartel-General de Camp Eggers, um Comando Combinado de Transição de Segurança (CSTC-A), subordinado diretamente ao Comando Central do US Army, responsável por coordenar todos os programas de capacitação e mentoria do ANA. Funcionou até 2015 como um comando combinado com militares e civis de diversos países parceiros e aliados da OTAN. A capacitação de blindados foi conduzida pelos alemães e de artilharia de campanha com militares da Mongólia e havia mentoria de militares de diversos países como Croácia, Itália, Holanda, Noruega, Eslovênia e Polônia. A responsabilidade geral pela mentoria e a capacitação do ANA do nível Companhia para cima era do US Army (CHANDRA, 2008).

O adestramento das unidades visava proporcionar coesão para essas tropas a fim de cumprirem suas tarefas. Dessa forma, a partir de 2003, algumas companhias do ANA começaram a realizar tarefas de patrulhamento fora de Cabul. Os batalhões, após dois anos de adestramento, passaram a ser empregados em operações. As unidades passavam por um processo de certificação, no formato de um exercício de campanha de duas semanas, conduzido pelo Destacamento Canadense do Centro de Adestramento Nacional Afegão. Esse exercício de adestramento comprovava a eficácia tática das unidades afegãs para executar tarefas como incursões, emboscadas, ataques imediatos, defesas e até operações de não guerra. Além disso, essas unidades passavam por um período de 60 dias de adestramento nível brigada ou superior antes de se revezarem em operações de combate (CHAN, 2009; GIUSTOZZI, 2015; INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2010).

Os Centros de Treinamento do US Army foram fundamentais para o estabelecimento de uma estrutura de treinamento mínima para o ANA, bem como a instituição dos programas de adestramento e certificação, tendo em vista a pouca capacidade de combate dessas tropas. No caso soviético, o adestramento foi

realizado, de maneira geral, por meio de emprego real, realizando-se operações combinada com forças soviéticas e afegãs.

Assim como fizeram os soviéticos, a ISAF empregou diversos conselheiros e instrutores para apoiar no adestramento e emprego das unidades do ANA, os quais eram oriundos de exércitos regulares da OTAN e aliados, não possuindo muita experiência em operações contra insurgência. O reaparecimento e fortalecimento da resistência Talibã, somados com as características geográficas do Afeganistão e a baixa moral das tropas do ANA eram desafios para os quais os exércitos regulares não estavam preparados (GIUSTOZZI, 2015). Contudo, até 2012, todas as unidades do ANA empregadas em operações possuíam conselheiros e mentores integrados, de maneira que essas unidades eram realmente lideradas pelos militares estrangeiros. Os comandantes afegãos dependiam excessivamente dos seus conselheiros e mentores, bem como do apoio de tropas e logístico da ISAF, gerando uma síndrome de dependência de apoio externo e impedindo que as unidades do ANA se tornassem autônomas. A partir de 2013, cinco das 26 brigadas eram consideradas capazes de operar completamente independentes dos conselheiros e mentores da ISAF. A partir de 2014, a liderança do ANA passou a ser totalmente dos afegãos, mesmo que houvesse poucos conselheiros e mentores remanescentes (GIUSTOZZI, 2015).

Giustozzi (2015) destaca que tendo em vista o adestramento em diversas tarefas ficar sob responsabilidade de militares de diferentes países que compunham a ISAF, tornou-se um desafio padronizar as instruções considerando as diferenças culturais e de idioma. Outro desafio era que os conselheiros e mentores da ISAF eram mais jovens do que os comandantes do ANA, os quais podiam ser veteranos do período soviético e antigos mujahidins, o que gerava certa tensão no relacionamento entre eles. A qualidade do treinamento variava bastante entre as Unidades, conforme o país que realizava o adestramento e a mentoria. Adicionalmente, havia o envolvimento de outros países não integrantes da OTAN na capacitação do ANA, como Rússia, China, Irã e Jordânia (CHANDRA, 2008; GIUSTOZZI, 2015). Para Oliker (2011), os conselheiros e mentores soviéticos tinham idade e postos mais compatíveis do que os da ISAF.

5.4.4 Material e equipamento

No início do estabelecimento do ANA, os gastos eram direcionados para treinamento e pagamento de pessoal, enquanto doações de armamento leve, morteiros, uniformes e meios de comunicações eram realizadas por outros países. Em 2005, o ANA começou a receber veículos pesados, para transporte de pessoal e de carga. A dependência de doações de equipamentos era um desafio para o ANA, pois nem sempre esses equipamentos eram apropriados e a quantidade necessária era menor do que a necessária. Um exemplo foi o recebimento dos fuzis M-16A2 e M-4 dos EUA, os quais mostraram-se inapropriados para o ambiente de operação afegão. Eles eram inclusive inferiores a alguns armamentos utilizados pelo Talibã e eram mais difíceis de manter. O aumento repentino do efetivo do ANA em 2008 não foi acompanhado com o aumento da quantidade de equipamentos para as tropas, gerando ainda mais falta de equipamentos como veículo, rádios e coletes (GIUSTOZZI, 2015; SIGAR, 2023).

Em termos tecnológicos, os equipamentos do ANA eram intencionalmente pouco desenvolvidos, de maneira a permitir que o Estado afegão desse suporte para a manutenção e aquisição desse material com o passar dos anos. Mesmo em 2012, a capacidade de manutenção e operação dos equipamentos era baixa, em cerca de 50%. Evitava-se, também, que os vizinhos do Afeganistão passassem a vê-lo como uma possível ameaça. Além disso, não se verificava a possibilidade de o Estado afegão entrar em um combate de larga escala convencional, mas sim a necessidade de proteger suas fronteiras e estruturas críticas. Nesse sentido, meios de artilharia, blindados e armamento pesado não eram priorizados para o ANA, embora seus líderes demandassem esses equipamentos constantemente (GIUSTOZZI, 2015).

Em 2010, os veículos blindados disponíveis eram limitados a cerca de 100 viaturas de transporte de pessoal sobre lagarta M-113 usadas e uma quantidade considerável de viaturas multifunção sobre rodas Humvees, também de segunda mão. Em 2012, recebeu viaturas de transporte sobre rodas MSFV, que se mostraram complicadas para manutenção e operação pelos militares do ANA. Havia um grande estoque de viaturas blindadas soviéticas fora de operação, as quais careciam de investimento em manutenção e de aquisição de peças da Rússia (GIUSTOZZI, 2015).

Os meios de artilharia empregados inicialmente pelo ANA foram os obuseiros D-30 de origem soviética, que entraram em operação na década de 1960. O US Army

e a ISAF consideravam que tal equipamento era apropriado para o ANA combater a insurgência e era de fácil manutenção. Uma dificuldade na capacitação para usar esse armamento era que, em função da sua origem, ele não estava de acordo com os padrões da OTAN, o que dificultava o seu treinamento. A ISAF também argumentava que armamentos pesados e com tecnologia avançada seriam inapropriados para tarefas de contra insurgência e mais difíceis para o ANA manter. O ANA também não contava com uma quantidade suficiente de suprimentos para morteiros pesados de 120 mm, dependendo dos morteiros de 82 mm russos. A situação foi amenizada com a chegada de morteiros leves de 60 mm, de origem norte-americana, que permitiam um apoio de fogo aproximado com rapidez, a um custo mais baixo do que os morteiros pesados (GIUSTOZZI, 2015).

Outros equipamentos com maior tecnologia, como óculos de visão noturna (OVN), equipamentos de comunicações e equipamentos de proteção contra dispositivos eletrônicos improvisados (IED) eram restritos para o ANA, apesar de necessários. Estes últimos eram essenciais para evitar as baixas dos soldados do ANA, visto que os IED eram a principal causa de baixas do ANA, chegando a 80% em algumas regiões. A situação piorou quando o Talibã passou a acionar esses dispositivos por controle remoto, aumentando a taxa de baixas. A ISAF passou então a distribuir detectores metais e robôs para o ANA, em uma quantidade aquém da necessária (GIUSTOZZI, 2015).

Verifica-se que enquanto os soviéticos buscaram equipar as forças militares do Afeganistão com equipamentos pesados e até mais avançados, portanto, superiores em relação aos inimigos mujahidin, os EUA procuraram equipar o ANA com equipamentos mais leves e nem tão sofisticados, mais simples para operar e manter, sendo que alguns eram até inferiores do que os usados pelo Talibã. Posteriormente, o ANA recebeu equipamentos mais avançados e pesados, como viaturas blindadas, OVN e equipamentos de proteção contra IED, mas aquém das necessidades.

Os meios para apoio aéreo eram limitados para o ANA, com o lento desenvolvimento da força aérea do país. Inicialmente, ele contava com alguns helicópteros de combate russo Mi-35 e seis helicópteros de transporte Mi-17. Em relação as aeronaves de asa fixa, a prioridade era para as de transporte, havendo doações de aeronaves usadas como C-27 da Itália e C-130Hs dos EUA (GIUSTOZZI, 2015). A partir de 2016, a Força Aérea começou a receber aeronaves Super Tucano

A-29, da Embraer, que agregavam grande velocidade e poder de fogo para o combate aéreo aproximado, importantes para combater a insurgência Talibã (AGÊNCIA FORÇA AÉREA, 2016). Diferentemente dos norte-americanos, os soviéticos forneceram desde cedo equipamentos mais modernos para a Força Aérea afegã, graças também a capacidade já existente, principalmente de pilotos.

O sistema logístico para o ANA foi um desafio tendo em vista a influência doutrinária da OTAN, que buscava analisar cuidadosamente o histórico de consumo e manter um estoque mínimo, diminuindo custos, em oposição ao sistema de grande estoque de peças sobressalentes dos soviéticos. O sistema logístico era baseado no modelo expedicionário do US Army, com suprimentos aéreos, o que a longo prazo seria insustentável para os afegãos. Além disso, havia um controle centralizado de suprimento para evitar desvios, o que aumentava a burocracia e atrasava o fluxo logístico. Pedidos simples dependiam de várias autorizações, o que gerava insatisfação. Muitos oficiais do ANA argumentavam que essas decisões eram mais céleres no período soviético (GIUSTOZZI, 2015; INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2010).

Por anos, as questões logísticas para o ANA foram negligenciadas. Em 2009, foi estabelecido do Serviço de Suporte ao Combate, com muitos militares sem experiência logística. A confiança no sistema logístico do ANA era baixa. Em 2013, o US Army e a ISAF focaram mais seriamente na questão logística do ANA, a fim de desenvolver um sistema logístico próprio do ANA, o que não se tornou efetivo. Verificou-se também que a sustentabilidade logística do ANA era precária, tendo em vista a grande quantidade de equipamentos para se manterem disponíveis. A adoção do modelo do US Army de manutenção, com a contratação de empresas privadas para prestarem diversos serviços, mostrou-se inapropriada para o ANA, pela baixa qualidade das empresas disponíveis ou recusa dessas empresas em prestar serviço em locais inseguros (GIUSTOZZI, 2015).

5.4.5 Educação

Inicialmente, a capacitação de toda a tropa do ANA era realizada por instrutores estrangeiros, chefiados por norte-americanos ou franceses. Foram verificados diversos problemas como a inabilidade da ISAF em apoiar os treinamentos, a reticência do US Army em apoiar completamente o treinamento e a

falta de uma divisão clara de tarefas. Uma redistribuição de responsabilidades foi realizada, atribuindo as principais tarefas para os EUA e a formação dos oficiais, sargentos e especialistas para a ISAF. Com o passar do tempo, a instrução passou a contar com militares afegãos (GIUSTOZZI, 2013).

A formação básica do soldado era realizada no Centro de Treinamento Militar de Cabul (KMTC). Após alguns anos, novos centros foram construídos. Com a crescente demanda, a formação básica foi encurtada de 10 para 8 semanas e, dos oficiais, de 25 para 20 semanas. Havia uma constante mudança no calendário de instrução para a formação básica dos militares, em virtude da baixa qualidade obtida e do constante foco em quantidade, o que limitava o desenvolvimento de capacidades necessárias para as Unidades. Em 2013, a formação básica do soldado passou a ser de 12 semanas. Aqueles soldados que se destacavam na formação básica eram encaminhados para os cursos de formação de sargentos na Escola de Sargentos Bridmal (CHANDRA, 2008; GIUSTOZZI, 2013). O tempo de capacitação de um soldado era similar ao período soviético. Porém, enquanto com os norte-americanos o tempo de formação mudava conforme a demanda de efetivo, no período soviético variava conforme a região de formação. No norte do país e em Cabul, os soldados eram melhores formados, permanecendo todo o tempo necessário.

A formação dos oficiais era realizada no KMTC e na Academia Militar Nacional do Afeganistão. A maior parte dos candidatos a tornar-se oficiais entravam no KMTC, onde realizavam um curso de 20 semanas. Eram exigidos o ensino médio completo e grande rigidez física. O KMTC formava cerca de 2000 oficiais por ano. A Academia Militar do Afeganistão, construída por EUA e Turquia, tinha um currículo baseado na Academia de West Point, com duração de 4 anos. Disponibilizava, inicialmente, 300 vagas, passando a disponibilizar 600 vagas em 2013. Os instrutores da Academia eram norte-americanos e turcos. Com o aumento da demanda por oficiais, também foi criada a Academia Militar Britânica em Sandhurst para graduados em universidades, que durava 6 meses. A França construiu a Escola de Comando e Estado-Maior do Afeganistão em 2004, onde os oficiais afegãos eram preparados para exercer as funções de Estado-Maior nas Brigadas e Corpos de Exército, além de comandar Unidades (CHAN, 2009; CHANDRA, 2008; SIGAR, 2017).

Diferentemente dos soviéticos, a formação dos militares no início da intervenção norte-americana foi estabelecida e conduzida por instrutores de diversos

países, os quais faziam parte da ISAF. A Academia Militar era de responsabilidade dos EUA e da Turquia, a Escola de Comando e Estado-Maior da França, a Escola de formação de Sargentos dos Britânicos e o Centro de Formação de Soldados dos EUA. Esses países participaram, inclusive, da construção dessas escolas. Depois de alguns anos, os afegãos também se tornaram instrutores.

5.4.6 Pessoal

O efetivo concebido para o ANA foi de 60 a 70 mil homens, com a ideia de se desenvolver um pequeno exército profissional, focado em garantir a ordem interna. Tendo em vista novas demandas surgidas como a expansão da insurgência Talibã e as eleições presidenciais de 2004, esse efetivo foi aumentado, chegando a 120 mil em 2007, 134 mil em 2008 e 240 mil em 2009. Um novo planejamento do efetivo total do ANA foi feito, com a previsão de se chegar a 195 mil (SIGAR, 2021).

O recrutamento para o ANA iniciou-se em maio de 2002, mas devido à dificuldade inicial de recrutar pessoal, decidiu-se que cerca de 15 por cento poderia ser composto de antigos integrantes das milícias. A falta de controle efetivo do território pelo Estado afegão e a estrutura precária de recrutamento dificultavam a incorporação de recrutas, impedindo que as metas iniciais de formação de novos soldados fossem alcançadas. Os EUA esperavam formar 12 mil soldados até abril de 2003, mas só conseguiram formar cerca de 3 mil. Nesse sentido, incorporação de novos recrutas foi acelerada, passando a ocorrer a cada 5 semanas em 2003 e em até 2 semanas em 2004 (GIUSTOZZI, 2015).

A fim de atrair os jovens para o ANA, os novos centros de recrutamentos subordinados ao US ARMY encorajavam as pessoas para juntar-se ao ANA expondo os benefícios como soldos regulares e chance de aprender novas habilidades. Entretanto, o recrutamento atraía geralmente as classes mais baixas da população, que se juntavam ao ANA por dinheiro, resultando em um recrutamento em que 60 a 90% dos soldados eram analfabetos. O restante tinha apenas o ensino primário, de maneira geral. Anos de guerra civil haviam devastado as estruturas de ensino e culturais do país, resultando em alta taxa de iletrados (GIUSTOZZI, 2015; INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2010).

Grande parte dos recrutas tinha problemas com narcóticos e álcool. Muitos voluntários não tinham a idade estabelecida para recrutamento, de 22 a 28 anos,

havendo recrutamento de jovens de 16 a 40 anos. Outro problema era os requisitos físicos para a incorporação, o que reprovava um grande número de voluntários. Com o surgimento da insurgência, as províncias mais afetadas, geralmente Pashtun, tinham dificuldade em recrutar soldados devido a intimidação de suas famílias pelas forças de insurgência (GIUSTOZZI, 2015; INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2010). Apesar das dificuldades de recrutamento, o ANA não adotou o serviço militar obrigatório, conforme realizado no período soviético, tendo em vista que naquele período a obrigatoriedade tornou um fator de agravamento da insurreição mujahidin.

Uma considerável taxa de deserção de cerca de 30 por cento existiu durante a existência do ANA, influenciada conforme a região de operação. Onde a insurgência crescia, a moral diminuía e a taxa de deserção aumentava. Contudo, as deserções ocorriam mais entre soldados e não entre oficiais e sargentos. Além disso, o ANA tinha baixa capacidade de mobilização de militares na reserva, em cerca de 35%. Uma medida adotada para diminuir o nível de deserção foi melhorar o valor do soldo dos militares. Inicialmente, os soldados recebiam U\$ 50 por mês, passando para U\$ 70 em 2003 e estabelecendo-se uma gratificação de U\$ 2 por dia de participação em operações militares, o que elevou a uma média de U\$ 100 por mês. Entre outros fatores, algumas razões para as altas taxas de deserção foram alegações de elevado nível de corrupção entre os oficiais do ANA, precariedade do atendimento médico e das condições de vida, intimidação de insurgentes e baixa motivação dos soldados (GIUSTOZZI, 2015). Os fatores causadores de deserção no período soviéticos eram bem semelhantes ao período da intervenção norte-americana, como as condições precárias, medo dos insurgentes, baixa moral, entre outros.

O processo de promoção de militares desenvolveu-se precariamente, com favorecimentos pessoais, em detrimento da meritocracia. Havia diversos casos de nepotismo e influência política no ANA, principalmente no âmbito dos oficiais. Mesmo no âmbito dos soldados, tais influências ocorriam, pois os militares podiam apelar para as lideranças de suas tribos. Muitos militares promovidos eram antigos mujahidin sem formação adequada, o que gerava desgaste para os demais militares (GIUSTOZZI, 2015). De maneira semelhante, os processos de promoção no período soviético eram precários, permitindo favorecimentos pessoais.

A tensão étnica era bastante presente. Inicialmente, havia uma predominância de militares de origem Tadjique no ANA, principalmente entre os

oficiais, apesar de que a população de origem Pashtun era a maioria. Ocorreram acusações de maus tratos de recrutas Pashtuns por oficiais Tadjiques, o que era negado pelos supervisores norte-americanos. As variações linguísticas também representavam uma dificuldade no relacionamento entre militares, já que o Persa era falado pelos oficiais Tadjiques e utilizado nos treinamentos, enquanto muito soldados de origem Pashtun não falavam aquele idioma. Assim, foi adotada uma política de cotas em todos os níveis do ANA, o que gerou um maior equilíbrio étnico dentro do ANA, apesar de prejudicar a meritocracia e não serem tão eficazes. Havia uma regra para o comando das unidades, de maneira que um comandante Tadjique deveria ter um subcomandante Pashtun e vice-versa. De modo semelhante, se o comandante fosse Hazara, seu subcomandante deveria ser Uzbeque (GIUSTOZZI, 2015).

As questões étnicas e políticas tinham grande influência na composição e escolhas para os altos postos dentro do ANA, havendo muito nepotismo e escolhas políticas. Essas questões envolviam, principalmente, disputas entre Pashtuns e Tadjiques, representados, respectivamente, por Rahim Wardak e Bismillah Khan. Wardak tornou-se Ministro da Defesa em 2004 e Khan era o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas em 2002. A influência política influenciava negativamente quando o ANA tinha que confrontar milícias e grupos armados. A partir de 2012, os oficiais do ANA foram proibidos de fazer parte de partidos políticos (INTERNATIONAL GROUP CRISIS, 2010; MALEY, 2002). As intrigas políticas e étnicas também estavam presentes no período soviético. Entretanto, naquele período elas eram mais relacionadas com conflitos entre o Parcham e o Khalq, que em última instância tinham o mesmo objetivo ideológico para o país. As questões envolvendo Pashtuns e Tadjiques era mais profundas e buscavam atender interesses pessoais.

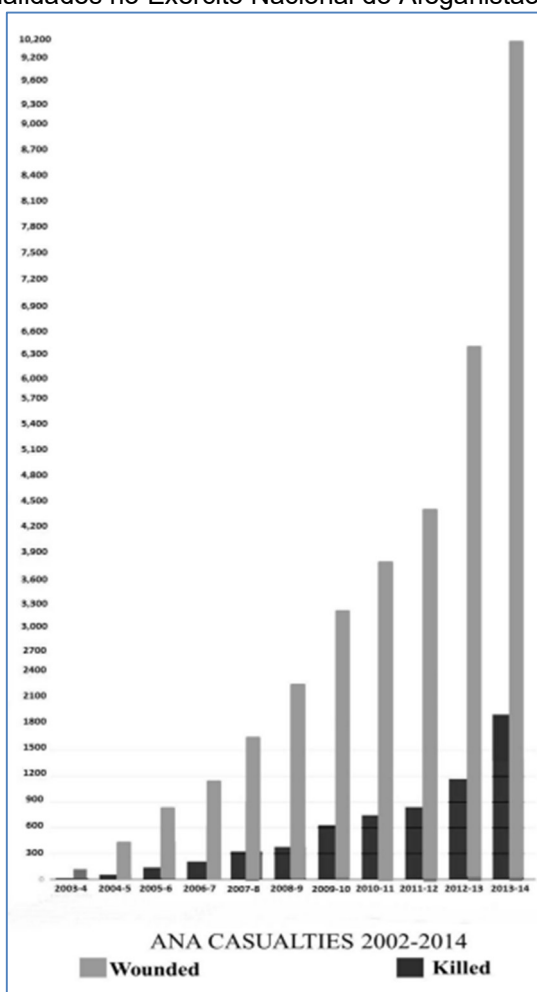
Assim como no período soviético, o fator moral foi uma questão crítica, influenciada por diversos motivos. Um dos motivos era a corrupção no ANA, que se desenvolveu em diversos ramos quando as tropas do ANA começaram a serem desdobradas no terreno. Havia prática de furto de combustível, armas e outros equipamentos. Outro problema era a corrupção no pagamento dos soldados, gerando uma espécie de “soldados fantasmas”. Eram soldados fictícios cujos pagamentos eram recebidos por oficiais corruptos. Esse problema era ainda mais sério no início da implantação do ANA, quando não havia pagamento eletrônico. Como exemplo, em 2013 foi realizada uma verificação biométrica dos militares do ANA, encontrando-se

155603 oficiais e praças, 20 mil a menos do previsto na folha de pagamento. Contrabando de narcóticos e outras atividades ilegais também eram constantes, inclusive com o envolvimento de oficiais. Nos altos postos, havia casos de contratações irregulares, com benefícios para os oficiais do ANA. A corrupção generalizada e a falta de punição para essas atividades afetavam o moral da tropa, especialmente na disciplina dos militares (GIUSTOZZI, 2015; INTERNATIONAL GROUP CRISIS, 2010).

A falta de disciplina foi reconhecidamente um grande problema no início do ANA, quando os soldados se recusavam a operar nas áreas de maior risco. Muitos atribuem como causa da indisciplina as deficiências nos programas de formação dos soldados, que eram muito curtos para desenvolver as habilidades necessárias para emprego real desses militares. Outras causas apontadas eram o generalizado uso de drogas pelos militares, os constantes atrasos no pagamento e a cultura da impunidade pela falta de aplicação de punições apropriadas para faltas graves (GIUSTOZZI, 2015; INTERNATIONAL GROUP CRISIS, 2010). Diferentemente, no período soviético a indisciplina não foi apontada como um dos graves problemas que afetavam a moral. Contudo, havia reclamações de maus tratos e punições corporais naquele período.

Assim como no período soviético, outro fator que afetava a moral da tropa era o crescimento da insurgência. Desde 2003, houve crescente taxa de casualidades, conforme mostra a Tabela 3. Em 2013, as forças de segurança do Afeganistão sofriam duas casualidades a cada uma que infringia no inimigo (MASON, 2015).

Tabela 3: Casualidades no Exército Nacional do Afeganistão de 2002 a 2014



Fonte: MASON, 2015

O legado da invasão soviética ainda estava presente na formação do novo ANA, de modo que havia certa rivalidade entre antigos mujahidin, militares treinados pelos soviéticos e os novos oficiais do exército. Os conflitos entre esses grupos foram mais intensos no início da criação do ANA, mas havia constante atrito entre os oficiais com experiência dos conflitos anteriores com os jovens conselheiros e mentores da ISAF, devido a grande diferença de cultura militar (CHANDRA, 2008; GIUSTOZZI, 2015). A presença de conselheiros norte-americanos enfraquecia algumas vezes a liderança dos comandantes afegãos, já que esses mentores tinham mais influência do que os afegãos. O favorecimento político também enfraquecia a cadeia de comando. O conluio de militares afegãos com a insurgência era outro fator que afetava a liderança e coesão do ANA, visto que algumas unidades combinavam cessar-fogo informalmente com os insurgentes, compartilhavam informações e vendiam armas para o Talibã (GIUSTOZZI, 2015).

5.4.7 Infraestrutura

As instalações do ANA tiveram que ser totalmente construídas pela ISAF. No entanto, elas demoraram a ser concluídas, havendo em 2010 apenas 40 por cento do previsto. Faltavam alojamentos para os soldados e diversas instalações importantes para as unidades de maneira geral. Havia dificuldades para elaboração de projetos e contratação de pessoal especializado para construir essas instalações. Mesmo com a fiscalização do Corpo de Engenheiros do US Army e grandes investimentos dos EUA, muitas construções demoravam a ser construídas ou, quando finalizadas, eram inadequadas (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2010). Diferentemente dos soviéticos, a ISAF teve que construir praticamente toda a estrutura necessária para o estabelecimento das unidades e demais estruturas do ANA.

As dificuldades em construir os quartelamentos prejudicava a formação de militares do ANA e o bem estar da tropa. O primeiro centro de formação de soldados (KMTC) tornou-se inapropriado com a grande quantidade de soldados existentes, tendo 14 mil soldados quando a real capacidade era de 8 mil (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2010). No período soviético, também havia a demanda por melhoria das condições de vida nos quartelamentos. Nesse sentido, houve o aprimoramento dos alojamentos dos soldados e de áreas de apoio.

A partir de 2003, foram estabelecidos centros para recrutamento do ANA subordinados diretamente às autoridades militares norte-americanas em Jalalabad, Cabul, Gardez, Bamian e Kandahar (GIUSTOZZI, 2015). No período soviético, a infraestrutura de recrutamento também era precária, mas ao menos existia uma estrutura mínima anterior.

5.5 QUADRO DE COMPARAÇÃO ENTRE A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DO AFGANISTÃO DURANTE AS INTERVENÇÕES SOVIÉTICA E NORTE-AMERICANA

O quadro abaixo consolida os principais aspectos da reestruturação das Forças Armadas afegãs durante as intervenções soviética e norte-americana conforme os fatores determinantes das capacidades.

Quadro 1 – Comparação entre a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão durante as intervenções soviética e norte-americana

FATORES DETERMINANTES DE CAPACIDADES	REESTRUTURAÇÃO NA INTERVENÇÃO SOVIÉTICA	REESTRUTURAÇÃO NA INTERVENÇÃO DOS EUA
DOCTRINA	<ul style="list-style-type: none"> - Doutrina soviética focada em combate convencional, com emprego de diversos meios; - Sem doutrina de contra insurgência inicialmente; - Doutrina de Comando e Controle descentralizado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Doutrina da OTAN focada em estabilização interna; - Sem doutrina de contra insurgência inicialmente; - Doutrina de Comando e Controle centralizado inicialmente.
ORGANIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Existência de estrutura organizacional sem muita coordenação; - Reorganização por áreas de responsabilidades; - Fortalecimento da Força Aérea; - Fortalecimento das Forças policiais (Sarandoy), de inteligência (KhAD/WAD) e de Fronteira; - Emprego de milícias tribais de maneira oficial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Existência apenas das Forças Militares do Afeganistão (AMF) - milícias que apoiaram a derrubada do Talibã; - Criação do Exército Nacional (ANA) do zero; - Criação lenta da Força Aérea; - Criação conturbada da Polícia Nacional do Afeganistão (ANP); - Criação do serviço de inteligência (NDS); - Emprego das milícias tribais oficialmente (ALP) a partir de 2011.
ADESTRAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - Adestramento em combate em operações combinadas com tropas soviéticas; - Emprego de conselheiros para orientar comandantes; - Dependência do apoio soviético para grandes operações. 	<ul style="list-style-type: none"> - Adestramento por meio de processos sistemáticos de certificação de tropa; - Emprego de conselheiros e mentores; - Dependência do apoio da ISAF/EUA e dos conselheiros/mentores.
MATERIAL E EQUIPAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - Reaparelhamento com grande quantidade de equipamentos modernos para todas as forças; 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparelhamento com equipamentos leves e poucos desenvolvidos;

	<ul style="list-style-type: none"> - Grandes estoques logísticos; - Logística de manutenção precária; - Amplo emprego de minas terrestres. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aeronaves antigas, inicialmente; - Estoques logísticos restritos; - Equipamentos para proteção contra IED.
EDUCAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Formação bem estruturada de oficiais; - Muitos oficiais se capacitavam na URSS; - Criação de mais cursos de formação de oficiais com alta demanda; - Formação de recrutas em 45 dias mais treinamento de 2 meses. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estruturação de cursos de formação para oficiais, sargento e soldados a cargo de diferentes países da ISAF; - Diferentes cursos para formação de oficiais, inclusive Academia Militar padrão West Point; - Formação de recrutas variável de 8 a 12 semanas.
PESSOAL	<ul style="list-style-type: none"> - Efetivo variou de 60 mil em 1979 para 152 mil em 1987; - Serviço militar obrigatório, exceto Sarandoy, e grandes dificuldades de recrutamento; - Altas taxas de deserção (50%); - Processos de promoção precários; - Politização (Parcham vs Khalq) e questões étnicas; - Baixo moral da tropa (baixa qualidade dos oficiais, condições precárias, corrupção, alta taxa de baixas). 	<ul style="list-style-type: none"> - Efetivo proposto inicial de 70 mil para 240 mil em 2009; - Serviço militar voluntário com dificuldades de recrutar alfabetizados; - Taxa de deserção considerável (até 30%); - Processos de promoção precários; - Disputas políticas e questões étnicas (Pashtuns vs Tadjiques); - Baixo moral da tropa (corrupção, uso de drogas, falta de disciplina, alta taxa de baixas)
INFRAESTRUTURA	<ul style="list-style-type: none"> - Carência de estrutura para apoiar o esforço de guerra; - Construção de novos quartelamentos e melhoria de instalações; - Aprimoramento das instalações de recrutamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Carência de estruturas em geral; - Construção lenta de toda a estrutura física dos quartelamentos e de recrutamento.

Fonte: o autor

5.6 POR QUE AS FORÇAS ARMADAS DO AFEGANISTÃO NÃO RESISTIRAM?

O objetivo dessa seção é discutir os resultados obtidos com a análise e comparação da reestruturação das Forças Armadas afegãs, buscando entender porque essas forças militares não se tornaram efetivas e capazes de resistir contra as forças de insurgência com as quais lutaram.

Analisando-se a reestruturação das Forças Armada do Afeganistão no período soviético pelo prisma dos fatores determinantes de capacidades é possível identificar deficiências críticas em alguns fatores que ajudam a entender o motivo do fracasso soviético em reestruturar tais forças. A ausência de uma doutrina soviética de contra insurgência prejudicou a reestruturação com esse foco, visto que a doutrina orienta o desenvolvimento dos demais fatores. Essa doutrina foi desenvolvida ao longo da intervenção, diante de acertos e erros, ao passo que as forças de resistência se fortaleciam e influenciavam a população contra o invasor soviético.

Quanto à organização, esse fator não parece ser relevante para explicar o fracasso soviético, por mais que ele tenha apresentado algumas deficiências. A organização das Forças Armadas afegãs era bem alicerçada e com instituições estruturadas ao longo de décadas antes da chegada dos soviéticos, os quais apenas aprimoraram tais estruturas.

O adestramento foi deficitário inicialmente, com as tropas sendo treinadas durante operações reais e em missões subsidiárias às tropas soviéticas. Demoraram alguns anos para tornar as tropas autônomas, sem necessidade de apoio soviético. Contudo, as Forças Armadas do Afeganistão conseguiram manter-se por cerca de 3 anos após a retirada soviética. Sobre material e equipamentos, esse não parece ter sido um ponto crítico, visto que se procurou desde cedo modernizar as forças militares existentes com bons equipamentos soviéticos. A educação apresentava algumas deficiências como a baixa qualidade na formação de oficiais e de soldados, apesar da boa estrutura já existente. A infraestrutura apresentava algumas deficiências quanto às instalações adequadas para a tropa, o que prejudicou principalmente o recrutamento e a motivação dos soldados. Contudo, os principais problemas repousavam no fator pessoal, tendo em vista o moral baixo da tropa, a corrupção generalizada, a politização, as intrigas étnicas, a dificuldade de recrutamento e as altas taxas de deserção e baixa.

Alguns desses aspectos foram destacados por outros pesquisadores, especialmente o fator pessoal. Segundo Ates (2014), os esforços soviéticos para organizar o Exército Nacional do Afeganistão falharam completamente devido a corrupção dos líderes e precárias condições da tropa, dentre outros fatores. Para Chan (2009), oficialmente, o Exército Nacional do Afeganistão, em 1979, era um Exército bem equipado, organizado conforme padrões modernos e com boa liderança dos oficiais. Entretanto, na prática, fora o bom desempenho das unidades de elite, o restante do Exército era composto de analfabetos, sem disposição para servir. Além disso, seu orçamento era alto, exigindo grande dependência de apoio soviético. Para Giustozzi, 2015, a manutenção do poder somente por meio da coerção, confiando no poderio militar, sem cooptar as elites nacionais e locais, foi o grande erro do Khalq e do Parcham. O Parcham ainda tentou comprar o apoio dessas elites após a retirada soviética, mas esse apoio durou enquanto houve o patrocínio soviético.

Analisando-se a reestruturação das Forças Armadas afegãs no período da intervenção norte-americana conforme os fatores determinantes de capacidade, também se verifica a ausência de doutrina adequada para lidar com a insurgência. Tal doutrina foi desenvolvida ao longo da intervenção, encontrando deficiências na instrução, tendo em vista a falta de padronização e de experiência dos militares da ISAF, os quais eram oriundos de diferentes países.

A organização foi um dos fatores críticos, pela inexistência de estruturas organizacionais anteriores. O longo período de guerra civil, com os turbulentos governos mujahid e Talibã, desmantelaram toda a estrutura anterior das Forças Armadas, exigindo uma completa estruturação, que competia com o poder dos Senhores da Guerra.

O adestramento foi bastante estruturado, com processos de certificação sistemáticos para preparar as tropas para o combate, mas as Forças Armadas afegãs continuaram dependentes do apoio externo para realizar operações. A sua desintegração logo após a retirada norte-americana, sem grande resistência ante as forças do Talibã demonstraram a total incapacidade de serem autônomas. O material inicialmente mostrou-se inadequado, vindo de segunda mão de diversos países, mas aos poucos foi aprimorado em qualidade e quantidade. A educação foi um desafio, visto que não existia uma estrutura de ensino anterior e em função da formação de oficiais, sargentos e soldados ser segregada, a cargo de diferentes países, o que

exigia mais adestramento das tropas. A infraestrutura era totalmente inexistente inicialmente, demandando grande investimento, o que demorou a ser implementado, em função das dificuldades de contratação e construção. O fator pessoal também foi o fator mais relevante, haja visto os problemas com o moral da tropa, corrupção, uso de drogas, disputas políticas e étnicas e analfabetismo dos militares.

Sobre a reestruturação das Forças Armadas afegãs durante a intervenção dos EUA, é interessante observar que em um relatório de 2023, o SIGAR apontou seis fatores de curto prazo que considerou acelerar o colapso das Forças de Defesa e de Segurança do Afeganistão em agosto de 2021. O primeiro foi o acordo entre os EUA e Talibã em 2020, que afetou a moral das tropas afegãs e tornou o governo afegão inerte. O segundo fator refere-se à restrição de apoio às forças afegãs logo após o acordo com o Talibã. Outros fatores foram a inabilidade das forças afegãs em se tornar autossustentáveis, a politização das tropas, a falha do governo afegão em estabelecer um plano de segurança nacional e capacidade do Talibã explorar as fraquezas das Forças Armadas e de Segurança afegãs. Entretanto, percebe-se um grande enfoque no acordo com o Talibã, o qual só ocorreu 19 anos após a intervenção. Por outro lado, ele também ressalta o fator pessoal como um dos principais fatores para o colapso das forças afegãs.

Isso posto, considerando os fatores determinantes das capacidades para comparar essas intervenções, verifica-se como as deficiências no fator pessoal influenciaram a reestruturação das Forças Armadas afegãs em ambas intervenções. Percebe-se que as disputas políticas e étnicas causaram grandes impactos negativos dentro das forças militares, diminuindo a moral da tropa. Outros aspectos, como dificuldade para recrutamento, corrupção e uso de drogas entre os militares, também impactaram negativamente durante algum tempo nessas intervenções. Os fatores doutrina e adestramento foram críticos para soviéticos e norte-americanos, mas puderam ser suplantados após alguns anos. O fator material e equipamento foi mais negligenciado pelos norte-americanos inicialmente, sendo aprimorado posteriormente. Os demais fatores – organização, educação, infraestrutura – tiveram que ser aprimorados pelos soviéticos, mas foram mais críticos para os norte-americanos, visto que não havia estrutura organizacional ou de educação mínimas para estabelecimento das Forças Armadas, bem como instalações apropriadas para apoiar o preparo da tropa.

Ademais, a sustentabilidade de fatores como material e equipamento, infraestrutura e pessoal depende demasiadamente de recursos financeiros, o que seria um problema a longo prazo para as Forças Armadas afegãs. Entretanto, o apoio financeiro dos soviéticos permaneceu por alguns anos e o dos norte-americanos poderia ocorrer após a retirada, caso o Talibã não derrubasse o governo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções militares ocorridas recentemente no Afeganistão fornecem ensinamentos importantes para os estudos sobre segurança e defesa, considerando o desafio encontrando por duas grandes potências militares da atualidade e o fracasso resultante da sua retirada. Particularmente sobre a intervenção soviética, por ter ocorrido em um período anterior, bem como por se tratar de um país mais distante da civilização ocidental, existem menos estudos acerca dessa intervenção se comparada com a intervenção dos EUA. Além disso, diversos estudos sobre a intervenção soviética no Afeganistão são levados por estereótipos influenciados pelo contexto da Guerra Fria, o que exige um maior aprofundamento acadêmico para compreender a derrota soviética frente aos mujahidin.

Contudo, para compreender o fracasso das referidas intervenções faz-se necessário também estudar um elemento pouco conhecido, mas que seria essencial para assegurar o monopólio da força ao Estado afegão e conter forças de resistência – as Forças Armadas do Afeganistão. Dessa forma, entender a dificuldade em instituir essas forças militares, tornando-as efetivas e fortes, contribui para o planejamento de geração de força em Estados com graves distúrbios políticos e sociais, o que pode auxiliar no adequado preparo para Operações de Paz e Operações contra Forças Irregulares.

No entendimento da reestruturação das Forças Armadas afegãs, é importante não só examinar a sua evolução histórica como instituição, mas também sistematizar a compreensão dessa reestruturação. Nesse sentido, o estudo por meio dos fatores determinantes das capacidades favorece uma melhor compreensão por meio de uma metodologia atual e empregada por diversas forças armadas, além de fornecer parâmetros para comparação em dois períodos distintos, ainda que essas forças não tenham sido planejadas conforme o PBC.

Nesse escopo, esse trabalho cumpriu o objetivo geral de analisar e comparar a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão durante a intervenção soviética, ocorrida no período de 1979 a 1989, com a reestruturação dessas forças militares durante a intervenção norte-americana, ocorrida no período de 2001 a 2021, bem como os seus objetivos específicos, de estudar os conceitos relacionados ao planejamento baseado; estudar o contexto histórico e geográfico do Afeganistão;

analisar a intervenção soviética no Afeganistão, de 1979 a 1989, e a reestruturação das suas Forças Armadas; analisar a intervenção norte-americana, de 2001 a 2021, apoiada pelos países membros da OTAN, e a reestruturação das Forças Armadas durante essa intervenção; e comparar a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão em ambas intervenções, utilizando-se dos fatores determinantes das capacidades como elementos de comparação.

Dessa forma, comparando ambas intervenções com o prisma dos fatores determinantes das capacidades, conclui-se que o fator pessoal foi o fator mais crítico para a reestruturação das Forças Armadas do Afeganistão, com problemas persistentes como disputas políticas e étnicas, bem como outros que foram marcantes em determinadas épocas, como grande dificuldade para recrutamento, corrupção ou problemas com uso de drogas. Os demais fatores, mesmo quando críticos inicialmente, puderam ser suplantados e aprimorados, o que demonstra a importância do fator humano na estruturação de uma capacidade militar. Ressalta-se que os fatores organização, educação, infraestrutura foram mais críticos para os norte-americanos, visto que não havia estrutura organizacional ou de educação mínimas para estabelecimento das Forças Armadas, bem como instalações apropriadas para apoiar o preparo da tropa. Contudo, a sustentabilidade de alguns fatores como material e equipamento, infraestrutura e pessoal repousa na disponibilidade de recursos financeiros constantes, o que seria um problema a longo prazo para as Forças Armadas afegãs, com o provável fim do apoio financeiro dos soviéticos e norte-americanos.

Como limitações encontradas nessa pesquisa, verificou-se uma menor disponibilidade de informações detalhadas sobre a intervenção soviética, especialmente sobre a reestruturação das Forças Armadas afegãs. Além disso, na sistematização dessas informações, categorizando-as conforme os fatores determinantes das capacidades, verificou-se a existência de muitos dados a respeito de determinados fatores, como organização e pessoal, e poucos dados sobre outros fatores, como educação e infraestrutura.

Por fim, sugere-se comparar as forças de resistência mujahidin e do Talibã durante as duas intervenções supramencionadas, a fim de entender melhor as semelhanças e diferenças dessas forças. Ademais, a comparação por fatores determinantes das capacidades em processos de reestruturação de forças militares

poderia ser ampliada para processos ocorridos em Operações de Paz e em outras intervenções, buscando-se entender melhor a influência desses fatores na geração de força.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Brasil**. Estratégia Nacional de Defesa. Ministério da Defesa, 2008.

_____. **Brasil**. Manual Doutrina Militar Terrestre (EB20-MF-10.102), 2022.

_____. **Brasil**. Sistemática de Planejamento Estratégico Militar (SPEM) - MD51-M-01. Ministério da Defesa, 2018.

AGÊNCIA FORÇA AÉREA. **Super Tucanos fazem parte da frota da Força Aérea Afegã**. FAB: Janeiro de 2016. Disponível em <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/24417/IND%C3%A9ASTRIA%20NACIONAL%20-%20Super%20Tucanos%20fazem%20parte%20da%20frota%20da%20For%C3%A7a%20A%C3%A9rea%20Afeg%C3%A3>. Acesso em 22 de julho de 2023.

ATEŞ, Bariş. **Afghan National Army Challenge with Attrition: A Comparative Analysis**. Security Strategies Journal, v. 10, n. 19, 2014.

BARFIELD, Thomas. **Afghanistan: A cultural and political history**. Princeton University Press, New Jersey, 2010.

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Campus, 2000.

BÓRQUEZ, Jorge Gatica Bórquez. **Mission Command: Um Conceito da Moda no Exército dos EUA**. Military Review, Setembro-Outubro de 2012.

CHAN, Samuel. **As Sentinelas da Democracia Afegã: O Exército Nacional Afegão**. Military Review, Maio-Junho de 2009.

CHANDRA, Vishal. **Making of the new Afghan National Army: Challenges and prospects**. Strategic Analysis, v. 33, n. 1, p. 55-70, 2008.

COLLIER, D. **The Comparative Method**. In: Ada W. Finifter Political Science: The State of the Discipline II. American Political Science Association, Washington DC, 1993.

DAVIS, Paul K. **Analytic Architecture for Capabilities - Based Planning, Mission - System Analysis, and Transformation**. Santa Mônica, CA: Rand Corporation, 2002. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1513.html . Acesso em 20 setembro 22.

DORRONSORO, Gilles. **Afghanistan's civil war**. Current History, v. 94, n. 588, p. 37-40, 1995.

ECHEVARRIA, Antulio J. American Operational Art, 1917–2008. In: OLSEN, J. A.; CREVELED, Martin (Org.). **The Evolution of Operational Art: from Napoleon to the present**. Oxford University Press: 2011. P. 137-165.

FDD's LONG WAR JOURNAL. **Afghan National Army update**. 09 de maio de 2011. Disponível em: https://www.longwarjournal.org/archives/2011/05/afghan_national_army_4.php. Acesso em 20 de setembro de 2022.

GERRING, J. **Case Study Research**. Principles and Practices. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

GIUSTOZZI, Antonio. **The army of Afghanistan: A political history of a fragile institution**. C. Hurst & Co, Londres, 2015.

GIUSTOZZI, Antonio. **War, politics and society in Afghanistan, 1978-1992**. C. Hurst and Georgetown University Press, 2000.

GOMES, Aureo de Toledo. **Do colapso à reconstrução: Estados Falidos, operações de Nation-Building e o caso do Afeganistão no pós Guerra Fria**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2008

GRAU, Lester W.; GRESS, Michael A. (Ed.). **The Soviet-Afghan war: How a superpower fought and lost**. University Press of Kansas, 2002.

HAMMOND, Thomas T. **Bandeira Vermelha no Afeganistão**. Tradução de Jayme dos Santos Taddei -1ª ed.- Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

HILALI, A. Z. **The soviet decision-making for intervention in Afghanistan and its motives**. The Journal of Slavic Military Studies, Junho de 2003.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque das civilizações**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. **A Force in Fragments: Reconstituting the Afghan National Army**. Relatório Ásia n. 190. Bélgica: ICG, 2010.

JONKER, Jan; & PENNINK, Bartjan. **The Essence of Research Methodology - A Concise Guide for Master and PhD Students in Management Science**. Heidelberg: Springer, 2010, pp. 182.

KATZENBERG, Lauren; SCHMITT, Eric. **The U. S. military finishes its evacuation, and na era ends in Afghanistan**. NYTimes: 30 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2021/08/30/world/afghanistan-news#us-military-evacuation-kabul-afghanistan>. Acessado em 11 de outubro de 2021.

KAKAR, M. Hassan. **Afghanistan: The Soviet invasion and the Afghan response, 1979-1982**. Univ of California Press, 1997.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and theory**, v. 42, n. 1, p. 39-44, 2003.

KOTHARI, C. R. **Research Methodology – Methods & Techniques**, 2nd ed. New Delhi: New Age International, 2004, pp. 414.

MALEY, William. **The Afghanistan Wars**. 2ª Ed. Nova York: Pallgrave Macmillan, 2002.

MAQUIAVEL, Nicolau, 1469-1527. **A arte da guerra**. Tradução e notas de Eugênio Vinci de Moraes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

MASON, M. Chris. **The Strategic Lessons Unlearned from Vietnam, Iraq, and Afghanistan: Why the Afghan National Security Forces Will Not Hold, and the**

Implications for the US Army in Afghanistan. ARMY WAR COLLEGE CARLISLE BARRACKS PA STRATEGIC STUDIES INSTITUTE, 2015.

MCNAB, Chris. **The Great Bear at War: The Russian and Soviet Army, 1917–Present.** Bloomsbury Publishing, 2019.

MEARSHEIMER, John J. Bound to fail: The rise and fall of the liberal international order. **International security**, v. 43, n. 4, p. 7-50, 2019.

OLIKER, Olga; CHOW, Brian G. **Building Afghanistan's Security Forces in Wartime: The Soviet Experience.** Washington, DC: RAND, 2011.

OTAN. **Afghan Lessons Learned Process.** Public Diplomacy Division: Novembro, 2021. Disponível em: <https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2021/12/pdf/2112-factsheet-afgh-lessons-en.pdf>. Acessado em: 22 de outubro de 2022.

OTAN. **Resolute Support in Afghanistan (2015-2021).** https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_113694.htm#:~:text=The%20NATO%20Died%20mission%20Resolute,Afghan%20security%20forces%20and%20institutions. 30 de maio de 2022. Acesso em 23 Fev de 2023.

PINTO, Maria do Céu. **Uma avaliação da missão da NATO no Afeganistão.** Nação e Defesa, 2009.

REUVENY, Rafael; PRAKASH, Aseem. **The Afghanistan war and the breakdown of Soviet Union.** Cambridge University Press, 1º de Outubro de 1999.

RUBIN, Barnett R. **The fragmentation of Afghanistan: State formation and collapse in the international system.** Yale University Press, 2002.

SÁNCHEZ-VALLEJO, María A. **Biden: “Os EUA não poderiam continuar lutando uma guerra que os afegãos não estão dispostos a travar”.** El País: 16 de agosto de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-08-16/biden-os-eua-nao-poderiam-e-nao-deveriam-continuar-lutando-em-uma-guerra-que-os-afegaos-nao-estao-dispostos-a-travar.html>. Acessado em 11 de outubro de 2021.

SAIKAL, Amin. **Modern Afghanistan: A History of Struggle and Survival**. I.B.Tauris & Co, Londres, 2004.

SKOCPOL, Theda; SOMERS, Margaret. **The uses of comparative history in macrosocial inquiry**. *Comparative studies in society and history*, v. 22, n. 2, p. 174-197, 1980.

SIGAR. **Reconstructing the Afghan National Defense and Security Forces: Lessons From the U.S.** Experience in Afghanistan. Setembro de 2017.

SIGAR. **What We Need to Learn: Lessons from Twenty Years of Afghanistan Reconstruction**. Experience in Afghanistan. Agosto de 2021.

SIGAR. **Why the Afghan security forces collapsed**. Experience in Afghanistan. Fevereiro de 2023.

TALIAFERRO, Aaron C. et al. **Defense Governance and Management: Improving the Defense Management Capabilities of Foreign Defense Institutions-A Guide to Capability-Based Planning (CBP)**. Institute for Defense Analyses, Alexandria, Virgínia, EUA, 2019.

TAYLOR, Ben. **TTCP Technical Report- Analysis Support to Strategic Planning**. [S.l.] 2013. Disponível em: https://candid.drdc-rddc.gc.ca/cowdocs/cow1_e.html. Acessado em 10 jun. 2023.

VISENTINI, Paulo. **Oriente Médio, Afeganistão e Ásia Central: A lógica da guerra sem fim**. Editora Leitura XXI. Porto Alegre, 2022.

VISSACRO, Alessandro. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. Editora Contexto, 1. Ed. São Paulo, 2016.

WARDAK, Diva Patang; DASKIN, Emin; GOSLING, David. **Why the NDS matters: The emergence of the Afghan intelligence agency after 9/11**. *Journal of Intelligence and Terrorism Studies*, v. 2, 2017.

WEBER, Max. **Politik als beruf**. Duncker und Humblot, 2010.